

SONHOS DE PAPEL

ÍCARO RAFAEL RAMOS





SONHOS DE PAPEL

ÍCARO RAFAEL RAMOS



SONHOS DE PAPEL

Ícaro Rafael Ramos

1ª Edição

Copyright ©2011 – Todos os direitos reservados a

Ícaro Rafael Ramos. São proibidos o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangíveis ou intangíveis — sem o consentimento escrito do autor. A violação dos direitos é crime estabelecido pela lei nº 9610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal. Edição digital, criada no Brasil

Capa: Bianca Jannuzzi

Revisão: Anny Alves

Edição: Anny Alves

ISBN: 978-85-7893-000-0

AGRADECIMENTOS

Escrevi este livro pensando em inclusão social. Só lembrei de pessoas excluídas e dos seus direitos sociais e humanos por que tive uma educação cristã. Então tenho que agradecer primeiramente a Deus e depois aos meus pais, que sempre se preocuparam em me dar uma educação Cristã, pois foi estando em contato com o evangelho que eu valorizei os direitos humanos escrevendo esta obra. Sendo assim ainda que seja difícil dizer, devido a minha timidez, eu devo ressaltar que eu amo meus pais e os agradeço por isso. Estou relançando esse livro com um novo título “Sonhos de Papel” e uma nova capa. Apesar do conteúdo ter dez anos, as pessoas certas nesse ano de 2020 contribuíram para que eu não desistisse dele. Uma delas é a Paty Miriam, uma grande amiga que fiz em uma leitura coletiva do livro Meu Ex-melhor Amigo. Ao ver meu livro com a capa antiga e um nome nada chamativo, ela me chamou atenção, dizendo que eu deveria mudar. Ela estava certa, a capa não condizia com o que eu queria transmitir nessa história, muito menos o título. Então outra amiga muito atenciosa também me ajudou, Carla Freitas, agenciadora de autores da KF, ela me indicou uma capista super

talentosa, a Angel, que também é autora, conhecida como Lady Drakness. Foi a partir dessa LC que eu fiz amizades que me motivaram a retomar o meu sonho, uma pessoa que também me suporto até aqui, a Bella e esteve como administradora nessa LC, me motivou a perder minha timidez, o que me ajudou muito também. Obrigada também, Anny Alves, a revisora que cuidou tão bem do meu livro, devo minha gratidão a ela. Agradeço a todas elas, pois eu as adoro e todas tem um grande papel na conclusão desse livro. Sigam o trabalho delas nas redes sociais: Instagram: @Paty Minian Facebook: Carla Freitas <https://instagram.com/kfassessorialiteraria?igshid=pic34fpsvyuw> Facebook: Autora Lady Drakness Instagram: @angel_desingnerliteraria Isabela: <https://www.instagram.com/p/CDG4X1oj2S5/?igshid=18he35drqrite> Facebook: Anny K. Alves Instagram: @annykalves.autora

SOBRE O AUTOR

Ícaro Rafael Ramos é um jovem escritor natural de Curitiba, residindo atualmente em Pontal no Paraná. Além de sua paixão pela escrita, também gosta de ler e assistir filmes em seus tempos livre. Em “Sonhos de Papel” quis abordar um tema pouco encontrado nos livros: a necessidade de inclusão social, quebrando os tabus e lutando contra o preconceito.

Encontre o autor em suas redes sociais:

Instagram: @Icarorafaelramos

APRESENTAÇÃO

A exclusão social infelizmente, está cada vez mais presente e atinge várias pessoas: Deficientes físicos, mendigos, obesos, pobres, idosos, dentre tantas outras classes de pessoas. Escrevi este romance para falar da necessidade de inclusão social para essas pessoas injustiçadas, pois todo ser humano deve ter seus direitos de cidadão reconhecidos perante a sociedade, a justiça é para todos.

SUMÁRIO

<u>1</u>	<u>PÉROLAS</u>	<u>11</u>
<u>2</u>	<u>SAINDO DO PORÃO</u>	<u>63</u>
<u>3</u>	<u>ESCRAVIDÃO NO SÉCULO XXI</u>	<u>94</u>
<u>4</u>	<u>PAIXÃO INESPERADA</u>	<u>103</u>
<u>5</u>	<u>REENCONTRO INESPERADO</u>	<u>147</u>
<u>6</u>	<u>A VINGANÇA DO CABEÇA</u>	<u>169</u>
<u>7</u>	<u>ABANDONO: UMA GRAVE DEFICIÊNCIA</u>	<u>188</u>
<u>8</u>	<u>UMA AJUDA INESPERADA</u>	<u>199</u>

CAPÍTULO 1

PÉROLAS

C láudia andava pelas ruas do bairro *Sítio Cercado* em Curitiba. Procurava um lugar para dormir, mas não como alguém que procura um pouso em uma pousada, ou em um hotel, protegido do frio, com dormitório confortável, comida e higiene. Qualquer lugar servia, um albergue, um banco de praça, de baixo de um toldo, um ponto de ônibus.

Fazia muito frio, uns cinco graus para ser exato. Cobertores e agasalhos doados a ajudavam a se proteger do frio, mas como se proteger de um olhar frio de desprezo?

Naquela noite, ela não encontrou aqueles “anjos”, dispostos a lhe darem comida e abrigo em um albergue, que não se incomodavam com sua aparência, de cabelos loiros desgrehados e sujos, não se importavam em encarar seu olhar, de olhos azuis sem brilho, pois olhavam de volta com um olhar amigo, amoroso e acolhedor. Por isso, ela teve de ir dormir debaixo de uma cobertura de ponto de ônibus, deitada em cima de um banco frio e duro, lembrando-se de um repouso melhor e também de um acontecimento inaceitável de agressão aos mendigos, que ocorreu em um albergue, cometido por um funcionário.

Com frio e com fome, ela não sabia se conseguiria pegar no sono facilmente, mal sabia ela que esses não eram seus maiores inimigos. Um malfeitor se aproximava dela enquanto dormia, cuidadosamente, sem fazer barulho, como se estivesse com um calçado de algodão. Ele acendeu a chama do preconceito e colocou fogo no cobertor o qual a envolvia e saiu correndo, sem se preocupar com o que aconteceria.

Cláudia começou a se debater e a gritar até que caiu no chão, com o cobertor em chamas sobre ela. Continuava a gritar e a se debater, mas quando o fogo estava prestes a atingir seu corpo, eis que, em vez do anjo da morte, aparece-lhe um anjo negro salvador, que com um extintor de seu carro, apagou o fogo o mais rápido possível.

— Ei, está tudo bem, o fogo já acabou! — disse o herói chamado Pedro, pois o pânico foi tão grande que ela continuava gritando como se o fogo ainda estivesse em seu cobertor.

— Oh, meu Deus, muito obrigada, moço, você me salvou! — Ela estava em pânico, soluçando e chorando, depois de dizer isso se levantou e o abraçou, sujando-o de pó químico.

— Você está bem? — Pedro perguntou, olhando-a de cima a baixo, sem acreditar que ela não havia sofrido nenhuma queimadura.

— Sim, eu estou bem obrigada, desculpe, eu te sujei — ela começou a passar a mão na roupa dele. — Um herói me salva e eu o sujo, que ironia.

— Tudo bem, eu te sujei primeiro — disse, sorrindo. — Qual é o seu nome?

— Cláudia, e o seu?

— Meu nome é Pedro. Obrigado, mas não sou herói, sou só humano.

— Nossa! Que modesto! — ela começou a tremer de frio à medida que falava, encarando seu cobertor no chão, praticamente destruído.

— Acho que te conheço de algum lugar — disse Pedro, dando a ela seu casaco.

— Obrigada, acho que não, deve estar me confundindo com outra pessoa.

— Sim, pode ser. Mas você não quer ir dormir lá em casa, é perigoso ficar aqui nesse frio, sabia?

Cláudia estava com receio, surpreendida com o convite repentino. Quem em sã consciência convidaria uma estranha como ela para dormir em sua casa?

— Obrigada, mas você já fez muito por mim.

— É só por hoje, é só para que não durma nesse frio. Fique despreocupada, eu não sou nenhum maníaco sexual.

— Está bem — disse, rindo —, mas onde você mora?

— Logo ali — disse, apontando para uma casa que ficava logo à frente.

Era uma casa com cinco cômodos, de alvenaria e cor amarela. No quintal havia uma cancha poliesportiva, acessibilidade para cadeirantes, calçada tátil e uma placa onde estava escrito: *PÉROLAS ONG*, para deficientes, com cursos profissionalizantes, arte, esporte, fisioterapia, fonoaudiologia, braile e libras.

— Que legal!

— É sim, vamos?

Pedro foi empurrando sua cadeira de rodas, carregando o extintor no colo. Cláudia pensou em ajudá-lo, mas viu que ele era bem independente. Pedro parou quando chegou do lado do veículo e colocou-o dentro do seu carro.

— Você não tem medo de deixar o carro aqui fora?

— Tenho, mas é que esqueci, só fui lembrar minutos atrás.

— Quer dizer que se você não tivesse esquecido eu estaria... nossa será que é um sinal, não pode ser só coincidência.

— É, eu vim abrir o portão e escutei passos, quando olhei para trás, vi um homem correndo.

— Um homem correndo?

— Sim, deve ter sido o desgraçado que pôs fogo em você.

— Mas por que alguém faria isso? — perguntou a garota em sua inocência, ainda sem entender.

— Por nada, só porque você é mendiga, eu já vi outros casos assim na televisão.

— Como tem gente preconceituosa!

— Pois é, o mundo está cada vez pior. Por favor, pode abrir o portão para mim?

Ela fez o que ele pediu. Pedro estacionou o carro na garagem, que fazia parte da varanda da casa. Pedro, sempre para entrar no veículo, saía da cadeira de rodas para o banco do automóvel e guardava a cadeira atrás do seu banco, mas dessa vez foi diferente. Cláudia se ofereceu para ficar com a cadeira e a levou de volta para ele, depois de fechar o portão. Pedro saiu do carro e foi para a cadeira, acomodando-se nela, fechou a porta do carro e dirigiu-se até a porta da casa, Cláudia o acompanhava. Chegando à porta, ele a abriu e entrou, subindo pela rampa.

Quando Cláudia entrou na casa, deparou-se com um ambiente completamente diferente, uma casa toda adaptada: maçanetas de alavanca, tomadas mais altas, portas mais largas, altura adaptada dos móveis, sem mesas no centro da casa, portas fechadas para facilitar o caminho de cegos, corredores livres e com textura na parede. Pedro começou a mostrar os cômodos para Cláudia, começando pela sala, por ser esta a parte mais espaçosa da casa. Ali eram realizados os cursos profissionalizantes, com a ajuda de cinco computadores, um com braile.

— Nossa, sua sala é onde fazem os cursos? — olhava admirada com o aproveitamento do espaço.

— Sim, eu quis aproveitar bem o espaço.

— Estou vendo, o sofá divide a sala e ainda tem espaço para uma pequena mesa para a TV.

— Eu fiz o possível. — Adriana ficou imaginando como ele pôde arrumar toda aquela sala.

— Que cursos têm aqui?

— Inglês, informática, telemarketing, libras, braile e automobilística, que é a minha área.

— Que legal, e esses quadros na parede, quem pintou?

— Foi o Cristiano, ele é tetraplégico, ele os desenhou com a boca.

Eram quadros com desenhos simples, mas passavam uma mensagem com desenhos formados por letras, que ele chamava de desenho escrito, com o uso de analogias. Eram quatro quadros, um deles com escrita em forma de desenho, formava um homem correndo sobre um chão também formado por letras, com uma pedra próximo ao pé do corredor, tudo formado por palavras, que foram escritas no sentido do contorno do corpo do corredor, que formavam a seguinte poesia:

Corra com cuidado para não tropeçar

Corra para felicidade,

Corra para passar no vestibular

Corra para chegar a tempo,

Sem lamento,

Com caráter e determinação,

Corra para sua realização,

*Pare, só pare para descansar
Corra para amar,
Para se desarmar,
Corra antes que você morra.*

Outro desenho formava a palavra vida, o V era representado por duas palmeiras, numa delas do lado esquerdo, havia um homem deitado em uma rede, com uma água de coco. A vogal *i* era formada por pedras, a consoante *d* era em forma de escada, e a outra vogal *a*, em forma de fogo. E, acima dessas figuras, o desenho de um sol, que iluminava tudo.

Cláudia, admirando os quadros, fez um comentário:

— Nossa que determinação! Quantos anos ele tem?

— Quinze anos, mas devido ao acidente, é bem maduro para sua idade.

— A maioria das pessoas que têm uma fratura e vão parar numa cadeira de rodas sofreu um acidente de trânsito?

— Sim, nem ele nem comigo foi diferente, mas eu só perdi os movimentos das pernas e um sonho; ele, além de ficar tetraplégico, perdeu os pais no acidente.

— Que tragédia! Mas ele está bem? – perguntou, olhando e lendo os desenhos.

— Sim, com o apoio dos avós e amigos, e aqui, depois de cinco anos, ele superou bem.

— Você disse que também sofreu um acidente e perdeu um sonho, qual foi? Desculpe se estou sendo inconveniente — por um momento ela desviou o olhar dele, logo depois da pergunta.

— Não está, é por causa desse tipo de pensamento que muitas pessoas acabam se afastando de mim, pensam que um deficiente é uma pessoa sofrida, não querem se envolver, acham que vivemos em um trauma constante, recomendam a seus filhos que não perguntem o que aconteceu. Desviam o olhar, para não mostrar que nele há pena ou que estão nos olhando como alguém anormal.

— Desculpe, não tive essa intenção — alguma vez, inconscientemente, ela já fez algo assim.

— Eu sei, não precisa se desculpar. Fui atropelado quando atravessava a rua na faixa, voei longe e o motorista perdeu o controle do veículo e bateu em outro que vinha no cruzamento. Eu fui me recuperando, ele ficou em coma, saí do hospital antes dele, pensei em dar queixa na polícia depois que soube

que ele dirigia bêbado, mas meu irmão, que é policial, me disse que a lei não faria muito a respeito em relação à punição dele. Depois nem quis saber mais dele, não sei o que faria se o encontrasse novamente.

Pedro ficou paraplégico nesse acidente. A paraplegia é a falta de movimentos da cintura para baixo, que é causada por uma lesão medular (já que a medula espinhal é responsável pelo contato do cérebro com o corpo). A paraplegia é irreversível, a medicina tem feito muitos progressos, com o estudo de células-tronco, o que deu até resultado em testes com animais, mas ainda não foi testado em humanos.

A lesão medular ainda pode resultar em outras deficiências físicas, dependendo da parte da medula que é atingida, como, por exemplo, diplegia: ausência de movimentos nos membros superiores ou inferiores, geralmente quando a pessoa fica paraplética; tetraplegia: que paralisa os braços e as pernas, deixando a pessoa tetraplética.

Milhões de pessoas por ano sofrem lesão medular. No Brasil ela acontece com mais frequência por causa dos acidentes de trânsito, mas também pode ser provocada por tiros, mergulhos, saltos em piscinas, quedas, entre outros.

Cláudia continuava com dúvidas:

— Nossa, nem posso imaginar como deve ter sido para você... e seu sonho perdido?

— Eu estava quase me profissionalizando em futebol e, modéstia à parte, eu era bom.

— Sinto muito, mas ao mesmo tempo acho que é uma vitória você ter dado a volta por cima em vez de ficar se lamentando, acho que eu não teria a mesma força.

— Obrigado por me chamar de vitorioso.

— Você merece.

— Mas, continuando sobre os cursos, depois do término, há encaminhamento, para o mercado de trabalho.

— E o resultado é bom?

— É razoável, mas poderia ser melhor, pena que nem todas as empresas cumpram a lei.

— Qual é a lei? – ela e muitas pessoas não conheciam a lei, até

mesmo alguns deficientes.

— Quando há cem funcionários ou mais na empresa, deve ser contratado pelo menos dois por cento de deficientes habilitados. Porém, tem o jeitinho brasileiro de burlar a lei, contratar funcionários com uma mínima deficiência, que não precisam se beneficiar das cotas.

— Parece que ninguém quer dar jeito nesse jeitinho. E você, trabalha aqui?

— Eu trabalho em uma montadora de carros, na área de produção, antes e depois do acidente, a empresa em que trabalho deu a maior força para fundar a ONG.

— Quanto tempo tem a ONG?

— É nova, só tem três anos e meio.

— A montadora de carros é a única a patrocinar?

— Não, há mais duas empresas, uma delas de telemarketing, a outra é um banco interessado em contratá-los no futuro. São empresas de inclusão que pensam no custo-benefício, e não só no custo como desculpa para não contratar cadeirantes por exemplo, por não querer gastar com reformas e equipamentos.

Cláudia ficou impressionada com a força de vontade de Pedro, que trabalhava se sustentando e ainda ajudava os outros. Ele continuou mostrando a casa para ela: mostrou a cozinha, já lhe oferecendo meia pizza, que ela foi comendo direto da caixa sem cerimônia; depois de comer, Pedro lhe mostrou o seu quarto.

— Você mora sozinho? – A cama de Pedro era de casal, mas ela notou que o quarto não tinha algum de que pudesse haver outra pessoa ali.

— Sim, antes morava com meus pais e namorava, um pouco antes de me casar, aconteceu o acidente, daí por problemas pessoais nós terminamos. – Pedro não quis dar detalhes, pois ainda não a conhecia, e aquele assunto não o deixava à vontade.

— E essa porta, é o banheiro? — ela disse, apontando para a porta que ficava atrás da parede do quarto e estava aberta.

— Sim, se você quiser usar um banheiro, tem outro no corredor, lá acho que você ficará mais à vontade.

— Eu gostaria, obrigada.

— Pode tomar banho se quiser, você não se incomoda de usar alguma roupa minha emprestado, já que não tem roupa limpa?

— Não tem problema, eu não estou na moda faz tempo – os dois deram risada de seu comentário.

— Então vou te dar uma que lavei ontem.

— Você lava sua roupa, desculpe, mas é difícil achar um homem que faça isso – ela se desculpou, pensando em sua deficiência.

— Nem sempre, às vezes, quando posso, pago alguém para isso.

— Vou buscar a roupa. – Pedro foi ao seu guarda roupas, que era um pequeno armário, do lado havia um cabideiro improvisado na sua altura.

Cláudia logo recebeu um casaco branco de gola alta, de lã, uma camisa esporte de manga comprida, de cor preta, uma calça de moletom azul escura, meias e chinelos, que eram dois números acima do seu. Cláudia agradeceu pelas roupas, o cheiro de sabão em pó lhe agradava, trouxe-lhe boas lembranças: as tardes de verão de sexta-feira, as roupas estendidas no quintal da casa de seus pais, antes de ela se casar.

Tomar um banho depois de dois anos na rua era algo animador, Cláudia se sentiu aliviada. Pedro a esperava na sala, estava assistindo a TV, mas, além de estar com sono, ela se demorou no banho, por isso ele dormiu. Quando ela saiu do banho e viu Pedro dormindo no sofá, sentado, não quis acordá-lo e dormir ali não era sua vontade. Ela tinha que pensar: será que estava preparada, para voltar a sua vida com a família? Seu passado ainda a impedia. Cláudia não queria ser reconhecida, não agora. Preferiu ir embora para clarear as ideias.

Pedro acordou depois de algumas horas. Já passava das sete da manhã, era costume ele acordar essa hora para trabalhar. Acordou confuso, quando se deu conta da noite que passou, ficou a pensar: “Será que ela dormiu aqui?” Decidiu procurá-la pela casa, mas, antes de se posicionar para se colocar na cadeira de rodas, uma notícia do telejornal matinal lhe interessou:

“Hoje faz dois anos que a modelo Adriana Pereira da Costa está desaparecida...” – a notícia fez cócegas na memória de Pedro, depois que viu imagens de Adriana.

A jornalista se referia a Cláudia que, na verdade, era Adriana. Mas por que ela mentiria o nome, por que não lhe contou sua verdadeira identidade? Mais curioso ainda: o que uma modelo tão famosa faria na rua?

“... O que a justiça sabe até hoje é o mesmo desde as últimas

investigações, quando ela ficou viúva. Seu marido foi assassinado em uma casa abandonada, que servia de “moco”, a perícia diz que ela teria saído do local do crime com o assassino. Talvez tenha sido sequestrada. Depois do ocorrido, a família de Adriana da Costa, além de sofrer pela morte do genro, ficou sabendo, através dos investigadores, que Cláudio da Costa foi cúmplice de um roubo, com várias retiradas e transferências da conta bancária da esposa, acabou roubando todo seu dinheiro, calculado em alguns milhões. Mas as dúvidas ainda continuam: onde estaria Adriana da Costa, e o que ela fazia no local do crime?”

A jornalista ainda disse que a família clama por justiça e respostas sem descanso. E Pedro tinha as mesmas dúvidas de todo mundo e agora outras que lhe perturbavam: se ela foi mesmo sequestrada, provavelmente conseguiu fugir, mas por que não procurou ajuda, por que não procurou a família, que estava bem protegida pelas autoridades, e ainda tinha uma vida de luxo, por que ela trocaria isso pela rua?

“Eu não posso estar enganado”, pensou.

De relance ele não pôde reconhecê-la, sua aparência sem maquiagem e rosto meio sujo por causa da fumaça não lhe traziam à memória o rosto da modelo estilista, que foi dona de uma grife famosa.

“Do que ela está fugindo? Tenho que saber”, dizia a si mesmo, disposto a descobrir os mistérios por trás da vida de Adriana.

— Cláudia! — Pedro se colocou na cadeira e foi procurando-a pela casa.
— Cláudia! — mas ela não respondia, e ele também não a encontrou. — Droga!

Em um pesadelo, uma mulher loira, maltrapilha, está correndo desesperada, uma lavareda de fogo enorme a persegue, então um anjo negro vem salvá-la, mas o fantasma do passado os separa.

— Não! — Cláudia acorda gritando, assustada.

— Calma, Cláudia, está tudo bem — diz João, um velho amigo, que a abraça. — O que aconteceu?

— Foi só mais um pesadelo — diz ela, ainda ofegante pelo susto, retomando o fôlego que lhe faltava.

Depois que Cláudia saiu da casa de Pedro, andando, encontrou João, que a ajudou a espantar o frio, fazendo fogo dentro de uma lata velha, usando

álcool. Eles estavam em uma Praça do *Sítio Cercado*, ainda estavam próximos da casa de Pedro. João era morador de rua como ela, por conta do alcoolismo, ele perdeu o emprego, e a família morreu em um acidente de trânsito, ele dirigia bêbado. Desde então, ele se culpa profundamente, queria ter morrido junto com eles. Para se punir, e por depressão, vive na rua, catando papel, afastado de tudo e de todos. Só não se afasta de Kibe, um cão de estimação que é seu amigo inseparável, que não o culpa, nem o rejeita por ser mendigo, cabeludo, barbudo e malcheiroso. Acariciando o vira-lata, João disse:

— Que pesadelo!?

— É por causa do que aconteceu ontem, eu te contei, né?

— Sim, você quase morreu queimada, sorte que aquele cara te salvou, você vai procurar ele de novo?

— Não sei, vou pensar, você sabe que tenho que me esconder.

— Vou continuar procurando meu carrinho. — João se referia a seu carrinho de catar papel, que foi roubado. — O Kibe está no rastro dele, se eu achar ele, vou esfolar ele vivo, não tenho nada e ainda levam meu carrinho!

— Pois é, hoje ladrão não poupa ninguém. Mas vamos andar por aí, então eu te acompanho.

Há uns dez metros de distância mais ou menos, ela ouvia uma voz familiar, que cantava uma canção:

Olha a mulher triste, quem se importa?

Olha a mulher triste, ninguém nota.

Se ele está triste ninguém reparou, se ela está chorando ninguém notou. Se alguém reparar ela vai estranhar, pois é normal ninguém se importar.

Mas ela é bonita, daí alguém se importa.

Essa música foi feita pelo amigo de Cláudia, Antônio. Ele a fez para Cláudia, quando a conheceu, andando pela rua, triste e sem rumo. Antônio sempre está tocando e cantando, pelas ruas e praças, ele até gravou um CD caseiro, que vende nos locais públicos onde se apresenta. Ele é afinado. Mas o que mais impressiona é que mesmo com uma mão só ele consegue tocar com uma mão adaptada que ele mesmo fez, usando uma garrafa de plástico, cortada e encaixada em seu braço, que tem uma palheta encaixada no bico.

— Antônio, que bom te ver, que saudades! — Cláudia o abraçou com carinho, dando-lhe um beijo no rosto com cavanhaque e passando a mão em seu cabelo crespo.

— Como você está? Parece abatida, o que aconteceu?

— Meu passado está me atrapalhando de novo.

— Isso de novo? O que foi desta vez?

Cláudia lhe contou toda a história. João, vendo que a conversa iria demorar, nem quis se aproximar, resolveu ir procurar seu carrinho.

— Como puderam fazer isso com você? Você está bem, não se queimou? — ele olhava para o corpo dela, uma ruga de expressão revelava sua preocupação.

— Não, estou bem, Pedro chegou a tempo.

— Mas você disse que ele te ofereceu mais ajuda.

— Sim, mas não pude aceitar por causa daquele problema, ele quase me reconheceu. — Cláudia já nem se referia ao problema de tanto que ele atrapalhava a sua vida. — Daí eu resolvi sair de fininho da casa dele, enquanto ele dormia assistindo a TV.

— Por favor, pare de fugir, você tem que enfrentar esse problema.

— Não posso.

— Você não pode dizer que não pode, se você me visse antes, você diria que eu posso tocar violão?

— Não, sinto muito por pensar assim.

— Não sinta, você tem que acreditar quando ninguém acredita. Esse cara que te salvou, você disse que ele é cadeirante, que trabalha, se sustenta e ainda dirige uma ONG. Esse problema o parou?

— Não, ele parece bem adaptado e confiante.

— E você, vai fazer o quê?

— Vou enfrentar os meus medos. — Cláudia agora estava com um olhar confiante e esperava não desistir disso.

Isso pode até parecer psicologia barata, mas viver preso por problemas não é teoria psicológica, é um fato. Quando se ergue o muro do problema, quem quer pular por cima dele não alcança, quem sobe em cima tem medo de enfrentar o que encontra do outro lado, quem tenta escalar cai, mas quem faz um portão, quem o derruba, está livre para seguir seu caminho. Mas o pensamento positivo tem que partir da cabeça, tem que ser prático, a teoria é

bonita, mas sem prática é inútil.

Mas Cláudia resolveu sair de trás do muro, ela o derrubou e decidiu não mais se esconder.

— Então, você vai atrás do Pedro?

— Vou, mas a essa hora ele deve estar trabalhando, vou ficar um pouco com você, até a hora do almoço, quem sabe ele não aparece por lá.

— Está bem, então eu vou tocar um pouco.

— Então me empresta a sua toca, eu não quero que me reconheçam aqui.

Os dois se sentaram na grama, a praça era arborizada e tinha uma novidade: piscinas cobertas e públicas. Mas um conhecido de Antônio apareceu-lhe, tirando a atenção, um amigo do futebol.

— Gustavo, você por aqui? — ele se levantou para cumprimentar o amigo, Cláudia também se levantou.

— Antônio, aí cara, tudo joia? — Gustavo lhe estendeu a mão sorrindo, e Antônio a apertou.

— Meu nome é Cláudia, tudo bem? — Os dois se cumprimentaram com um beijo no rosto.

— Pô, meu, você se mudou sem dizer para onde, é aqui que você se esconde?

— Sim, precisei me mudar, o aluguel estava muito caro, é bom que aqui eu posso fazer natação.

— Só nadando mesmo, porque no futebol você é horrível. Cláudia, você acredita que uma vez ele fez gol contra e ainda comemorou.

— Não acredita nesse cara, ele é a maior comédia da cidade!

— Eu sei, mas é engraçado — Claudia ri dele.

— E o Gustavo é o maior sem noção. Ele já namorou uma mulher fanha, pensando que ela era argentina, ainda dizia que tinha um forte sotaque. — Cláudia não parava de rir.

— O que você tem contra os fanhos?

— Nada, só estou tirando onda da sua cara mano.

— E você, linda, não quer ir nadar comigo? — Gustavo era do tipo mulherengo.

— Não, obrigada.

— Ei, ela não tem sotaque, não fala “*fanhês*”.

— Que engraçado, e você acha que ela vai acreditar nessa tua história?

— Quem disse que é mentira?

— Então é verdade? — Cláudia estava embarcando na do Antônio.

— Bom se vocês não querem nadar, eu já vou indo.

— Ele sempre desconversa quando está sem razão.

— Você não tem jeito, né, Antônio? — disse Cláudia, rindo.

— Tchau, até outro dia — ele os cumprimentou e foi nadar.

Os dois se sentaram no gramado, encostados a uma árvore, e Antônio começou a cantar e tocar seu violão. Algumas pessoas que passavam paravam para ouvir, outras que só escutava de longe não imaginavam que quem tocava não tinha uma das mãos. O som constante, de uma nota a outra, de um acorde a outro, quem poderia adivinhar só ouvindo? Pois todos nós estamos acostumados com as coisas normais. Depois de algumas horas, Cláudia resolveu ir à casa de Pedro. Despediu-se de Antônio e seguiu seu caminho com a cara e a coragem.

Enquanto isso, Pedro saía às onze e meia para almoçar, já havia chegado em casa. Não conseguiu se concentrar no serviço, levou até uma bronca do patrão. O seu pensamento estava todo em Cláudia, quer dizer, Adriana. Toda essa revelação, esse acontecimento inesperado e intrigante deixou Pedro cheio de dúvidas. Provavelmente ela não voltaria, então será que seria bom tentar localizar os pais dela, seria bom chamar a polícia? Ou quem sabe aproveitar o horário de almoço para procurá-la?

A mente de Pedro parecia um labirinto de perguntas. Até que ele ouviu o som de palmas vindo do portão. Logo pensou: “Será que é ela?” E foi rapidamente atender.

— Olá, é aqui a ONG Pérolas?

Se fosse outra pessoa, Pedro poderia se perguntar como ele não viu uma placa daquele tamanho. Mas era um deficiente visual, acompanhado do seu cão guia.

— Sim, é aqui mesmo, posso ajudá-lo?

— Acho que sim, meu nome é Koké, e o seu?

— O meu é Pedro, o seu nome é estrangeiro?

— Sim, é africano, eu vim de Angola, refugiado da guerra, nela perdi a visão e a minha família — começou a falar, como se fossem velhos

conhecidos. — Já faz oito anos que estou no Brasil. Uma ONG me ajudou a estudar e me adaptar ao país, mas agora a guerra acabou, aqueles que vieram comigo vão voltar, mas eu até já fiz filho aqui, não quero ir, não quero parar meu curso na área de computação e não tenho para quem voltar.

— Espere aí, deixa eu pensar, é muita coisa, eu tenho pouco tempo. Mais tarde vai ter curso de computação, você pode voltar aqui para se informar melhor?

— Sim, eu volto, mas só amanhã, desculpe se vim em uma hora imprópria.

— Não tem do que se desculpar, vou gostar muito de ajudá-lo. Belo labrador, qual é o nome dele?

— Não é ele, é ela, e se chama Kelly.

— Tinha que ser americano, pena que aqui no Brasil não tenham cães guias.

— Eu tenho um projeto em relação a isso, depois podemos conversar a respeito.

— Sim, é bom ouvir ideias novas, então até amanhã.

— Até, obrigado por enquanto Pedro.

— De nada, falou!

Pedro voltou para dentro de casa, ficou curioso sobre o tal projeto de Koké, mas Cláudia ainda não lhe saía da cabeça, até que alguém bateu palmas no portão de novo.

“Será que ele se esqueceu de dizer alguma coisa?” pensou Pedro.

Pedro abriu a porta e se surpreendeu ao olhar para o portão, era Cláudia, ele se apressou para recebê-la.

— Olá, eu voltei, preciso lhe contar algo muito importante sobre mim.

— Acho que já sei o que você vai dizer, para começar o seu nome é Adriana.

Ela arregalou os olhos, surpresa.

— Então você acabou me reconhecendo?

É, graças ao noticiário, hoje faz dois anos que você desapareceu, aliás agora deve estar passando mais algo a respeito.

— Então podemos ver o jornal?

— Claro, vamos, entra.

Do portão os dois foram rapidamente para dentro da casa e ligaram a TV no jornal do meio-dia, que estava dando a seguinte notícia:

“... Os pais de Adriana Pereira da Costa, depois de dois anos de muita procura, querem novamente pedir ajuda publicamente para encontrarem sua filha.”

A repórter então passa o microfone para os pais de Adriana:

— Mãe, pai! – Adriana começou a chorar.

— Por favor – disse Dona Kátia (mãe de Adriana) –, se alguém viu essa mulher por aí – disse mostrando uma foto –, ou sabe alguma notícia, procure avisar a polícia, ou entrar em contato com este jornal – ela queria falar mais, porém seu pranto não deixou.

— Filha, se você – disse o pai, seu Silvio –, por acaso, estiver assistindo, procure-nos, você conhece bem esse portão ao fundo – seu Silvio se referia ao portão do condomínio de luxo, para o qual eles se mudaram, para se proteger, caso o assassino fosse procurá-los, para pedir algum resgate. Foi recomendação da polícia. – Por favor, estamos com muitas saudades, sentimos que você ainda está viva, então se puder nos procure – ele também começou a chorar.

Aquele portão ao fundo estava sendo mostrado, como o combinado pelos pais de Adriana, que se estivesse assistindo, certamente se lembraria do antigo condomínio, onde, antes de se casar, ela havia morado com os pais.

— Meu Deus, eles voltaram a morar lá – depois de Silvio adquirir sucesso financeiro, comprou uma bela mansão. – O que será que aconteceu com a mansão? Mas quero muito vê-los.

— Eu tenho muitas perguntas para te fazer, mas acho que posso perguntar depois, vou primeiro te levar para encontrar seus pais.

— Você tá falando sério?

— Sim, vamos?

— É... sim, vamos, é melhor não pensar, vamos antes que eu desista.

— Onde fica o condomínio?

— Fica no Batel, é caminho para você?

— É sim, vamos

Sem perder tempo, Pedro foi logo fechando a casa, e rapidamente os dois entraram no carro. Pedro parou bem em frente ao portão, Adriana saiu do veículo para abri-lo, ele o colocou para fora, e Cláudia foi fechá-lo e retornou ao veículo. Seguiram viagem do Sítio Cercado ao Batel. Ela foi indicando a direção, seu coração estava mais acelerado que o carro, pois Pedro dirigia um pouco rápido.

— É aqui do lado esquerdo – disse ela, ao avistar o portão preto de metal que acabara de ver no jornal. – Meu Deus, acho que nunca estive tão emocionada.

— Que prédio bonito! – Pedro se referia a um prédio luxuoso, com detalhes em pastilhas na fachada.

— Desculpe, mas eu estou com pouco tempo, você quer descer?

— Sim, eu vou logo, antes que perca a coragem.

— Então, boa sorte, está entregue, até mais tarde, né?

— Sim, até, prometo te esclarecer tudo, afinal, se não fosse por você, eu nem estaria aqui – antes de descer do carro, ela deu um beijo no rosto e um abraço em Pedro. – Obrigada e até depois.

— Tchau. — falou, tentando não deixar transparecer que o seu beijo havia mexido com suas estruturas e que, naquele momento, seu coração batia a mil por hora.

Pedro engatou a primeira marcha e foi embora, enquanto Adriana se dirigia à portaria do condomínio. Ao chegar ao tão famoso portão, disse ao porteiro:

— Bom-dia, seu Chico! — De relance, ele não a reconheceu. Quem seria aquela, vestida com roupas masculinas, sem o menor jeito de ser moradora do prédio? — Não está me reconhecendo?

— Não pode ser, dona Adriana! Você voltou! — A voz saiu eufórica e com alegria.

— Eu voltei, sei que deve estar assustado e com dúvidas, mas preciso muito ver meus pais, depois eu lhe conto tudo.

— Está bem, vou tocar o interfone, mas espere aí, como você sabe que eles voltaram a morar aqui?

— Eu sei porque vi o noticiário do meio-dia.

— Nossa, eles esperavam uma resposta, mas não tão rápido, parece até coisa de Deus.

— Deve ser, e eu acho que isso foi ideia do meu pai, de se mudar para cá novamente.

Ela disse isso porque sabia que em hipótese alguma sua mãe se mudaria daquele sobrado, todo luxuoso, não que o condomínio também não fosse, mas não era tanto quanto. A dona Kátia sempre foi mais ambiciosa, materialista, não era dessa origem de ricos, mas pobre metida à besta; durante um tempo, fez o papel de mulher humilde, para conquistar Silvio, até nascer Adriana. Daí os dois se casaram. E Kátia começou a educá-la com materialismo, futilidades e aparências. Nessa época, Silvio já era dono de uma empresa de reformas de veículos, que fazia de tudo: funerária, mecânica, auto elétrica, lava-carro, estacionamento, martelinho de ouro e blindagem. Mas seu Silvio já pensava em ir além e criar o *Shopping car*, com tudo que o carro precisa num lugar só. Mas ele não se esquecia da sua origem, veio de baixo e até hoje valoriza a simplicidade e humildade, dizendo que ser humilde não é ser pobre, é coisa de espírito.

Por causa disso, o casamento não ia bem, já pensaram

até em separação, ainda mais depois que seu Silvio ganhou alguns quilos a mais, deixando de lado a boa forma e a beleza que tanto chamava a atenção de dona Kátia, o que fez a cama esfriar. Fora os lugares que seu Silvio frequentava, casas noturnas do subúrbio, e sempre aonde seus funcionários iam, ela já não suportava mais, porém, depois do desaparecimento de Adriana, os dois resolveram se unir para encontrá-la.

— Nossa! Você vai matá-los do coração — disse seu Chico. — Vou avisá-los com calma.

Quando ele foi apertar o botão treze, Cláudia o interrompeu.

— Não precisa, eu quero fazer uma surpresa.

— Está bem, seja como a senhora quiser, vou abrir o portão.

Ela entrou, assim que ele abriu, dizendo:

— Sem formalidades, nada de senhora, é só Adriana, eu mudei — e, para comprovar isso, abraçou-o e deu-lhe um beijo no rosto, deixando seu rosto vermelho.

Isso não acontecia antes, ela nunca o tratou mal, mas era só um simples porteiro para ela, a quem ela se limitava a dizer somente *bom dia* e conversar

coisas que só diziam respeito à sua profissão. Mas seu Chico se mostrava simpático e atencioso.

— Seja bem-vinda de volta, senho... quer dizer, Adriana. — Obrigada, até mais.

Adentrando no corredor que levava ao prédio, aqueles pés, que antes caminhavam pelo asfalto de ruas escuras, e ruas do subúrbio em busca de repouso em qualquer lugar, agora até estranharam aquela cerâmica de primeira, que chegava até a brilhar de tão limpa, mas não mais do que seus olhos, ao avistar a janela, onde às vezes ela ficava a observar o céu, as estrelas que refletiam seu brilho novamente em seus olhos, como se dissessem: “*Brilhe, garota*”. E ela realmente brilhou, mas à luz dos holofotes da fama, do luxo e das aparências. Não era a esse brilho que as estrelas se referiam.

Enquanto ela se dirigia ao prédio, seus pais, depois da entrevista, estavam almoçando; depois do almoço, seu Silvio costumava tirar um cochilo, e foi o que ele foi fazer. Enquanto Kátia não parava de pensar quando e se a reportagem daria certo.

E lá embaixo Adriana já estava próxima do elevador, entrou e apertou o número treze. Cada número que piscava em vermelho acelerava seu coração, parecia que ele iria subir como o elevador e sair pela boca. E a ansiedade crescia como os números, até enfim chegar ao número desejado. Ao sair do elevador, Adriana notou que o corredor do prédio estava diferente, com outra cor de parede, de cor branca, que refletia a sombra de uma mulher diferente, não como a parede, que só trocaram a cor. A chegada até a porta do apartamento nunca pareceu tão longe. Mas, ao chegar até ela, Adriana hesitou, pensou um pouco, ela ergueu a mão, que estava trêmula, em direção à campainha, mas sua lembrança a fez hesitar novamente. Havia uma espécie de código, uma forma diferente de bater na porta, que eram quatro batidas em ritmo, ela bateu desse jeito na porta.

Lá dentro o som que se ouvia parecia um anúncio de retorno, que soou uma, duas, três e quatro vezes. Sua mãe, ao ouvir esse som, levou um susto e pensou que só podia ser saudade. Mas o som se repetia, e a descrença dela também:

— Não pode ser, estou sonhando acordada — mas as batidas continuavam insistentes.

Então ela se levantou da mesa de refeições, agora o que ouvia era o som do ronco do marido, que dormia feito uma pedra, e para piorar estava com gases.

— Já vai — rapidamente foi até a porta, a luz do sol a iluminava, vinha da janela, era a luz da esperança.

O coração de Adriana acelerou ao ouvir a voz da mãe, mais ainda ao ouvir o som das trancas se abrindo, o trinco se movendo, a porta se abrindo. Nesse momento, porém, quando as duas se olharam, houve um silêncio, coisa de dois segundos, como se elas quisessem ter certeza de que não estavam sonhando, mais logo seus pés se moveram juntamente com os braços, que se abraçaram, e os corações se encontraram nas batidas de amor de mãe e filha, harmonia que fez com que as lágrimas rolassem, e as palavras saíssem.

— Minha filha querida, é você mesma, meu Deus que saudades!

— Mãe, eu te amo tanto!

— Por onde você andou? Como chegou aqui? — Ela falava em prantos, colocando as mãos no rosto da filha, que era sua cara, só que com uns anos a menos. — Você está bem?

— Sim, eu estou bem, soube me cuidar, graças a Deus. Eu vi vocês no jornal, é uma longa história, eu conto lá dentro, onde está papai?

— Seu pai está lá dentro, dormindo que nem pedra, você sabe.

— Então, vamos entrar, antes que alguém apareça.

Realmente já estavam abrindo a porta, os vizinhos quase as viram.

— Dona Maria, que bom te ver! — Adriana abraçou e beijou a empregada.

— Oi, dona Adriana — disse sem graça, sem entender aquela atitude incomum dela.

“Minha filha abraçando uma empregadinha?” Pensou a mãe.

— Então, onde está papai?

— No quarto. — falou, rapidamente. — Você disse que viu a gente no jornal, há pouco, nossa, que sorte!

— Sim, graças a Deus e a um amigo. Podemos ir ver o pai?

As duas foram até o quarto, e viram que o ronco só aumentava à medida que se aproximavam do ambiente.

— Nossa, parece que está entupido! — Daí começaram os gases, que as fizeram tapar o nariz.

— Eu disse que aquele repolho com ovo não ia fazer bem, mas ele insiste em comer essa comida de pobre.

— Espere aí, ele está se levantando.

Silvio se levantou, mas ainda estava dormindo.

— Ele tem sofrido de sonambulismo. Desde que você desapareceu, ele levanta no meio da noite e sai te procurando pela casa,

— Filha, onde você está? — Ele estava a dez passos da filha.

— Estou aqui, pai!

— Só sonhando para te ver.

— Não, pai, é real, eu voltei.

Kátia estava achando estranho, pois ele nunca teve sonambulismo enquanto cochilava depois do almoço.

— Quê, filha? — ele abriu os olhos assustado. — É você mesma? — ele correu para abraçá-la. — Oh, meu Deus, mas como você achou a gente?

— Eu vi vocês no noticiário.

— Eu sabia que ia dar certo, eu não disse, Kátia? — disse, com um sorriso de criança.

— É, você disse — ela não queria mais expor seu sofrimento, pois tinha visto poucos resultados nas investigações, e mais uma aparição pública não ajudaria muito.

— Mas por onde você andou esse tempo todo? Aquele assassino que matou o Cláudio (ex-marido de Adriana), filha, o desgraçado era cúmplice, e esse assassino te sequestrou?

— Calma, eu conto tudo. Tem algo para comer? Estou morta de fome — disse, ainda nos braços do pai.

— Minha filha passando fome, oh meu Deus, venha comer.

— Isso, vamos comer — ele começou a caminhar com ela, abraçando-a com um braço —, ah, tem um repolho com ovo que eu fiz que...

— Nada de repolho, ela vai comer comida de gente, e você já almoçou, quer explodir?

— Estava com muitas saudades, mas não pude voltar — dizia ela já

depois de comer —, realmente aquele bandido me sequestrou.

— Mas como foi isso, filha? — perguntou Kátia, visivelmente preocupada.

— Eu já há algum tempo estava desconfiada das saídas misteriosas do Cláudio — começou a contar, mas logo foi interrompida por Kátia.

— Ele, além de tudo, te traía, eu te disse, eu te avisei, filha.

— Quer parar de interromper, mulher?

— Não precisa falar assim comigo.

— Acalmem-se os dois e me deixem contar que a história é longa.

— Pode deixar, eu calo a matraca da sua mãe.

— Agora é você que está interrompendo.

— Vocês dois não mudaram nada, me deixe continuar, por favor, só interrompam se estiverem com dúvida.

— Bem, como dizia... ele saía assim sem dar satisfação, realmente eu achei que essas saídas às escondidas tinham outra mulher no meio. E eu resolvi segui-lo em uma noite. Ele foi até uma casa abandonada de alvenaria, que já havia sido depredada, antes de entrar, olhou para os lados, depois olhou para dentro e entrou. A única luz que iluminava a casa era a da rua, assim pude ver a sua sombra lá dentro. Mas que mulher iria àquela casa? — ela se referia à sombra de um homem, de pele clara corpo atlético e loiro. O que a atraía e, naquele momento, dava-lhe tanto nojo...

— Hoje em dia as vagabundas vão a qualquer lugar — disse Kátia.

— Fique quieta, mulher! — Silvio já estava irritado.

— Mas não era uma mulher, depois apareceu outra sombra de homem. Daí fiquei mais curiosa ainda e, com cuidado, fui entrando no terreno, me escondi do lado da janela agachada e comecei a ouvir a conversa dos dois:

“Então, Cláudio, você já transferiu todo o dinheiro?” dizia um deles.

“Sim, agora já podemos fugir, com a nossa grana, estamos ricos.”

“Mas você fez tudo certo, né, tem certeza que a sua mulher não desconfia de nada?”

“Eu não consegui me controlar, eu tinha que ver quem era esse tal de cabeça, mesmo chocada, segurando o choro e, com muito medo, eu resolvi olhar...”

— Mas eles não podiam te ver? — perguntou dona Kátia.

— Não, a janela dava de frente para uma porta, por onde eu conseguia vê-los em outro cômodo, mas estava muito escuro, só via sombras. Minha vontade era a de pular em cima dos dois, mas a conversa continuou:

“Eu tenho certeza, pode confiar, então o plano para gente fugir, tá tudo no esquema?”

“Sim, mas e a senha da conta do laranja, você trouxe?”

— Meu Deus, filha você tinha se casado com um estelionatário, um bandido!

A polícia já tinha descoberto isso, mas Kátia ainda tinha alguma esperança de que não fosse bem assim.

— Eu sei que é um golpe duro, mas é verdade, eu tive que ser forte. Continuando...

“Está aqui, a gente vai amanhã?”

“Você vai pro inferno!”

“Ele sacou uma arma e atirou em Cláudio, eu fiquei muito nervosa e não pude segurar o grito...”

— Você gritou, filha! Mas ele te machucou? — Agora foi Silvio quem interrompeu. E a sua esposa estava em prantos.

— Ele me viu enquanto o Cláudio caiu no chão, morto e saiu correndo atrás de mim, eu corria chorando, mas estava de salto, tive que tirar, ele pulou a janela e me agarrou, tapando minha boca com a mão e... — Adriana não conseguiu segurar o choro.

— Se você quiser, pode contar depois, filha – disse a sua mãe, ainda emocionada.

— Não, agora eu vou até o fim. Eu tentava me livrar, mas ele era um homem robusto, forte, e conseguiu me levar até um carro que estava na rua de trás.

— Mas ninguém apareceu? – perguntou seu Silvio.

— Não havia nenhum movimento por ali, acho que era uma daquelas casas que servia de mocó para delinquentes, criminosos, então tinham medo de se aproximar.

— Nós ficamos sabendo depois que tinha pouco policiamento, a polícia apareceu tarde e foi chamada por um morador.

— Então ele me levou dentro do porta-malas, me amordaçou com seu cachecol e me amarrou com seu cinto nas minhas pernas e, com uma blusa, deu vários nós prendendo minhas mãos. — Seu Silvio suava de raiva ao ouvir

todo o terrível relato da filha. — Quando ele abriu o porta-malas, depois de mais ou menos uma hora, eu já estava quase sem ar, me levou para uma casa simples, não consegui identificar o lugar. Ele me trancou em um quarto escuro e disse que, se eu tentasse alguma coisa, ele me mataria, mas disse que eu era muito bonita para morrer tão rápido, que antes queria brincar comigo e, acendendo a luz, ele me violentou e me... estuprou.— Ela não conseguia continuar, estava em prantos.

— Desgraçado, se eu pudesse, eu o matava! — Silvio xingava, e Kátia consolava a filha, que ainda assim quis continuar o seu terrível relato.

— Ele estava se vestindo e eu também, vergonhosamente, quando ele quis me amarrar de novo, eu lhe dei um chute no saco e, por descuido, ele tinha deixado a chave do quarto e do carro cair, eu consegui pegar, enquanto ele reclamava de dor, no chão; eu saí do quarto e tranquei ele lá. Consegui fugir, ainda pude ouvir as ameaças dele, disse que iria me pegar logo e ia me matar. Não consegui ir longe, pois o carro tinha pouca gasolina.

— Você viu o rosto dele? — Perguntou Silvio, soando frio.

— Sim, eu vi, e não gosto de lembrar. — Mas a imagem daquele homem barbudo e calvo, de um olhar maléfico, insistia em ficar em sua memória.

— Mas ele cumpriu a ameaça? Foi atrás de você? — Perguntou a mãe, aflita.

— Ele não, mas três vezes mandou capangas atrás de mim.

— Meu Deus! Te feriram? — Perguntou a mãe, aflita.

— Por pouco não me pegaram, escapei até de tiros. Então, fui fugindo o mais longe que pude, virei uma andarilha, mendiga, encontrei muita ajuda e desprezo, sofri e até me alegrei, com pessoas que me mostraram que a vida pode ser mais do que o dinheiro pode comprar.

— Meu Deus! Minha filha maltrapilha! — disse a mãe, chocada.

— Mas o importante é que ela está bem, mas em que lugar você viu a gente pela TV?

— Daí é outra história, eu vou ter que tomar água, para contar.

Ela contou tudo sobre como conheceu Pedro, sobre o fogo que puseram em seu cobertor, deixando seus pais chocados, mas ao mesmo tempo felizes por ela ter sido salva por alguém tão especial, e queriam conhecê-lo.

— Eu quero conhecer esse rapaz, para dar os parabéns a ele — disse seu Silvio.

— Eu também quero conhecê-lo.
— Eu pedi para ele vir mais tarde.
— Melhor, poderíamos fazer uma festa, para comemorar sua volta, o que acha?
— Eu não quero me expor, por enquanto, pode ser perigoso, aquele assassino pode estar atrás de mim.
— Podemos convidar só os mais íntimos, de confiança, que não contarão nada a ninguém, não há pessoas que você queira rever, filha?
— Não sei, pai, não parece seguro.
— A polícia nos oferecerá proteção — disse a mãe.
— Está bem, mas nada de gente fofoqueira, tem que ser uma festa limitada.

Seu Silvio gostava de festas, mas só em ocasiões especiais. Dona Kátia não gostava quando vinham aqueles parentes pobres dele a quem ele insistia em ajudar. E não se sentiria à vontade sem suas amigas ricas, para conversar futilidades, pois elas gostavam de aparecer e não poderiam aparecer, pois iriam dizer que estavam com a modelo estilista mais famosa do Brasil.

A festa estava sendo preparada no maior sigilo, nem mesmo os moradores do prédio poderiam saber. Quando tudo estava finalmente pronto, — o que não demorou tanto —, chegou a hora da festa. Vieram toda a parentela, do lado paterno e materno de Adriana, até mesmo os pais de Cláudio, queriam ouvir dela o que realmente havia acontecido, só as perícias e investigações policiais não bastavam.

Adriana estava feliz por rever a todos, mas satisfazer a dúvida de todos eles era demasiadamente cansativo. Ela não via a hora de Pedro chegar, ele não sabia da festa, seu pai tinha decidido de última hora, como era bem a cara dele, não tinha hora, nem dia, era só ter vontade ou uma causa especial que ele já queria festa. E, além disso, ela não tinha pegado o número de telefone de Pedro. Passaram-se duas horas, e o interfone do salão de festas tocou.

— Tem um rapaz aqui querendo entrar, chama-se Pedro — disse seu Chico —, deixa ele entrar?
— Sim, diga para ele esperar que eu vou até aí acompanhá-lo.
Adriana já havia decido e cumprimentou-o com um beijo no rosto.
— Oi, Pedro, tudo bem?

— Tudo bem e você?
— Tudo bem, só faltava você.
— Para quê?
— Ah, desculpe, não pude te avisar, meu pai resolveu fazer uma festa, para comemorar minha volta.
— Então é melhor eu voltar outro dia.
— Por quê? Vai dizer que está com vergonha?
— Você deve ter contado que eu te salvei, né?
— Sim, qual é o problema?
— Não quero ser tratado como deficiente herói, acho que só tive uma atitude humana.
— Eu falo com meus pais para não exagerarem, vamos.

Pedro se locomoveu muito bem pelo pátio do condomínio, pois já havia sofrido com condomínios sem acessibilidade, escadas para ir de um bloco ao outro, falta de rampas e elevador. Ali ele se sentia aliviado, andou com sua cadeira livremente até a porta do prédio, que tinha apenas um pequeno degrau, fácil de subir, e dali foi fácil ir até o elevador.

Não adiantaram muito as recomendações de Adriana, todos queriam bajular o herói, ela havia falado para os pais que ele era deficiente, mas para alguns convidados ela não disse; quando viram que quem a salvou era deficiente físico, daí ficaram impressionados e não deixaram de tratá-lo como deficiente herói, em vez de herói com deficiência. Mas ele já sabia superar tudo isso. O pai de Adriana, porém, deixava-o mais envergonhado, ele o abraçava e até o beijava no rosto.

— Sou grato por toda a vida, por você ter salvado minha filha, se você precisar de qualquer coisa, pode pedir que eu arranjo.
— Que é isso, seu Silvio, eu não quero nada, obrigado.
Agora era a vez de dona Kátia, cumprimentá-lo.
— Eu digo o mesmo que meu marido, muito obrigada — ela também o abraçou e beijou.
— De nada, dona Kátia.
— Como você sabe nossos nomes?
— Bom, isso é por vocês serem famosos, e a Adriana me contou, também.

O bufê já estava sendo servido, todos em ordem começaram a se servir, mas Pedro estava com dificuldades, pois o bufê não tinha espaço, nem altura adequada para sua cadeira. Notando a sua dificuldade, seu Silvio mandou o garçom servi-lo, mas outro problema surgiu, a mesa de jantar era mais baixa que a sua cadeira, como é de costume, aí resolveram colocando calços nas pernas da mesa.

Todos já estavam à vontade, Pedro e Adriana conversavam, ela olhava para ele com um sorriso estampado, acompanhado de um olhar que brilhava. Sua mãe percebeu, ela conhecia aquele olhar, notou que seu marido também gostou muito de Pedro, mas seu olhar era de reprovação.

A carne começou a ser servida, em um rodízio, seu Silvio foi servido, recebendo um filé de alcatra, que ele queria bem passado.

— Garçom! — ele chamou e logo foi atendido — por favor, pede para o churrasqueiro passar mais essa carne.

— Pois não, senhor — respondeu o garçom, pegando o filé.

— Como não? — reclamou seu Silvio com voz de repreensão.

— Não ligue, rapaz, ele está brincando — disse Adriana.

— Quem disse que estou brincando, e vá logo que eu estou com fome.

— Sim, senhor — disse o garçom sem jeito.

— Você não perde essa mania, né, pai? — Essa mania de testar a paciência dos outros já era velha de seu pai.

— Seu Armando, o senhor Silvio pediu para passar mais este filé — disse o garçom para o churrasqueiro.

— Pode pegar este aqui que está bem passado — realmente estava bem passado, mais um pouco queimava.

— Aqui está, senhor Silvio — o rapaz rapidamente lhe entregou o filé.

Espere um pouco, eu quero que passe mais. — O garçom achou que era brincadeira, pois o filé estava quase queimado.

— O senhor fala sério?

— Sim, e não precisa me chamar de senhor.

— Está bem, seu Silvio, eu já trago mais passado — ele deu as costas, resmungando.

— Seu Armando, o filé voltou, ele quer que passe mais. — O churrasqueiro olhou descrente para o garçom.

— Quê? Ele quer um filé ou um chinelo? Me dê isso aqui! — Irritado, ele pegou a carne e jogou no chão, pisou em cima, pois na grelha, tostou um lado, depois o outro e entregou a Marcos, o garçom.

— O senhor está louco! Eu não vou levar isso – ele estava espantado.

— Vai sim, e se não levar te mando embora, e se ele reclamar, manda falar comigo.

Então Marcos fez o que ele pediu, a necessidade o forçou, uma segunda recusa lhe custaria o emprego, que conseguiu com muito custo.

— Aqui está seu Sílvio, seu filé — Marcos entregou o chinelo de alcatra, e foi saindo rapidamente, com medo de levar bronca.

— Garçom! Espere, como você se chama? — Seu Sílvio já tinha dado uma bela dentada no filé.

— Eu me chamo Marcos — ele respondeu, suando de nervosismo.

— Diga a seu Álvaro que esse filé está maravilhoso. — O garçom quase caiu para trás, seu cabelo lambido quase ficou de pé.

— Sim, vou dizer a ele, bom apetite!

Quando virou as costas, não conseguiu conter o riso. Foi rapidamente falar com seu Armando, que já *afiava a faca* na cozinha.

— Seu Armando, o senhor não vai acreditar! – Ele estava de costas e se virou dizendo:

— O que ele quer, que passe mais?! — disse com raiva, fincando a faca na mesa.

— Ele disse que estava maravilhoso!

— Quê? Você está brincando?! — ele arregalou os olhos, e seus poucos cabelos que ainda sobravam em sua cabeça ficaram em pé.

— Não, é verdade!

— Nossa, como será que ele está mastigando aquela sola?

— Espero que a dentadura esteja bem firme – Marcos falava, morrendo de tanto rir.

Se esse absurdo do estresse do seu Armando não estragou a festa, o que estragaria?

— Por favor, Cláudia, onde é o banheiro? — Pedro ainda estava acostumado a chamá-la assim.

— Para lá — disse ela, apontando para a esquerda.

— Ele te chamou de Cláudia? — Perguntou o pai.
— É que tive que inventar outro nome por segurança.

Pedro estava apurado, dirigiu-se até o banheiro o mais rápido que pôde. Só não imaginava o tamanho do transtorno pelo qual iria passar. O banheiro não era adaptado, a cadeira de rodas mal passava pela porta, depois era necessário virar à direita, para contornar uma pequena parede, para isso precisava virar de novo, agora para a esquerda, para enfim ter acesso ao vaso sanitário, o qual ele não conseguiria usar, pois sua cadeira não passava pela porta da cabine. Pedro estava irritado, já não conseguia segurar mais, até que alguém apareceu e o ajudou.

— Muito obrigado — disse Pedro.

Quando os dois já estavam saindo do banheiro, resolveu perguntar:

— O senhor sabe quem é o síndico desse prédio?

— Por acaso sou eu, o homem falou, gentilmente. — Pedro estava boquiaberto, revoltado, rasgou o verbo:

— E por que não tem um banheiro adaptado aqui, o que você pensa, que uma pessoa como eu tem que se virar e até mesmo passar constrangimento para ir ao banheiro?

— Bem, na verdade, eu não tive a intenção, eu não pensei que...

— Esse é o problema, vocês não pensam em nós, sempre tenho que passar por algum constrangimento em algum prédio.

— Eu não sou o maior responsável, não há morador deficiente neste prédio, e tem que ter uma análise de custo.

— Nunca tem um responsável, e pode ser que um novo morador tenha deficiência, ou uma visita com deficiência, como eu. E parece que dinheiro não é problema, aqui neste condomínio de luxo. O problema aqui é exclusão! — Pedro ergueu o tom de voz, e todos começaram a olhar para ele.

— Não erga a voz para mim, rapaz, quem você pensa que é?

Seu Silvio percebeu que a coisa estava ficando feia e se levantou, Adriana pensou em se levantar, mas era uma discussão de homens, então deixou que seu pai resolvesse sozinho.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou seu Silvio, entrando no meio dos dois, para evitar o pior.

— Estou revoltado porque aqui não tem banheiro adaptado.

— É mesmo? Por que não tem?

— Ah, faça o meu favor, você, também? Eu vou lá saber, eu não posso ser o responsável por tudo aqui.

— Mas pode pelo menos comentar o assunto com os moradores — disse seu Silvio.

— Está bem, esse será o próximo assunto da reunião, logo vai ter reforma e eu posso sugerir isso como parte da reforma.

— Obrigado, viu como não é difícil pensar um pouco em pessoas como eu?

O síndico resolveu sair da conversa, estava irritado.

— Até parece que ele é que foi ofendido.

— Ele se irrita com facilidade, mas é um cara legal, garanto que vai fazer o que disse e, se caso ele esquecer, vou lembrá-lo.

— Obrigado, seu Silvio.

— De nada, eu ainda quero que você venha muito aqui e não passe por constrangimentos como esse.

— O que aconteceu, Pedro? — Perguntou Adriana, quando ele voltou à mesa.

— O banheiro não é adaptado, logo hoje eu esqueço de trazer o meu *uripen*.

— O que é isso?

— É uma espécie de camisinha de látex, que é encaixada ao pênis e acoplada a um caninho, que corre preso ao longo da perna.

— Que legal! É bom que alguém pense em soluções para vocês.

— Pena que há quem não pense em nós, mas deixe isso para lá, afinal é a sua festa, vamos nos divertir.

— Sim, ouça, eu adoro essa música, vamos dançar? — ela se referia à música que tocava nas caixas de som, de *disco music*.

A pergunta soou estranha para Kátia, que estava ao lado dos dois e disse:

— Filha, não acha meio difícil para ele dançar — disse cochichando em seu ouvido, após cutucar seu braço.

Mas, antes que ela desse ouvidos à mãe, Pedro disse:

— Eu também adoro essa música, vamos dançar.

Dona Kátia se calou e ficou só olhando os dois se dirigirem ao salão de

dança, que tinha iluminação colorida, globo espelhado e até fumaça. Seu Silvio também foi se levantando para dançar. As pessoas que já estavam dançando pararam na mesma hora que viram Pedro; estranharam, mas começaram a abrir caminho. Era no mínimo incomum aquela situação. Pedro mexia sua cadeira para trás e para a frente, fazia com que ela rodopiasse, mexia para a esquerda e para a direita, e tudo isso no ritmo. Dona Kátia, que era a única que só estava olhando, espantada, não quis sair do lugar, surpreendeu-se com a atitude de Pedro, mas, além de não gostar de dançar esse tipo de música, ela não queria dar o braço a torcer, para o relacionamento que estava para começar entre Pedro e Adriana.

Todos se impressionaram com a desenvoltura de Pedro e se alegraram muito com ele e Adriana. Depois de dançarem um pouco, os dois foram tomar cerveja na sacada, pois o salão de festas ficava no terraço.

— Sabe, Pedro, eu gosto de vir aqui para olhar as estrelas.

— Só tome cuidado para não se enforçar com esse cachecol quando for olhar para cima — ele disse isso porque ela usava um cachecol diferente, que, além de passar pelo pescoço, passava pela testa.

— Engraçadinho! — disse ela, rindo.

Aquele cachecol era a última moda, há dois anos, ela ficaria chateada com a piada, mas agora achava engraçado.

— Sabe o que eu penso quando olho as estrelas, Adriana? — Ele estava olhando as Três Marias.

— Não, o que você pensa? — Perguntou se debruçado no parapeito.

— Será que Deus fica em algum momento admirando as estrelas?

— Por que ele admiraria sua própria criação?

— Porque ele sabe o valor que elas têm, nós já nem prestamos atenção, o que nós criamos toma todo nosso tempo, a lua passa no céu, e o sol brilha por nossa causa, e nós nem percebemos.

— Isso é verdade, mas você nunca se perguntou por que Deus permitiu que você ficasse assim, quer dizer, nunca se perguntou por que ele te reservou esse destino?

— Não, Deus não tem nada a ver com isso, acho que ele tem coisas mais importantes para fazer, a culpa é do irresponsável bêbado que me atropelou.

— Mas você não acha que Deus está no controle, se isso aconteceu com você, é por que ele permitiu.

— Creio que o controle geral de tudo faria os humanos escravos do seu destino.

— Como assim? Você não acha que Deus está no controle?

— Ele dá a escolha, temos que decidir entre o bem e o mal, eu escolhi o correto, atravessando na faixa; ele escolheu o errado, avançou a faixa de pedestres e me atropelou.

— Mas isso não é justo, por que você?

— Seria justo com outra pessoa?

— Não, mas por que Deus o deixou te atropelar, ele não devia proteger pessoas como você?

— Por que ele é justo e deixa nós escolhermos, é fácil ser bom se só há essa opção. E Cristo morreu por todos nós, por que agora ele escolheria quem deve proteger?

— Você pensa então que Deus não é mágico, tudo que acontece, ainda que pareça um milagre, tem uma explicação?

— Sim, e penso que, se Deus realmente escolhe o destino das pessoas, tanto para o bem quanto para o mal, Ele não seria um Deus, mas um carrasco. Temos inteligência, para ir aonde quisermos, ele nos deu esse dom, por que agora controlaria nossos passos?

— Não sei, acho que tudo está escrito nas estrelas — ela disse isso, olhando para uma estrela que estava sozinha.

— Que estrela você está olhando?

— Aquela mais distante das outras — ela apontou para a estrela com o dedo indicador.

— O destino dela é brilhar?

— Sim, não faria outra coisa.

— Mas morta ela deixaria de brilhar?

— Acho que sim.

— Segundo estudos, depois que uma estrela morre, sua explosão é tão grande que sua luz ainda chega aqui na Terra.

— Que coisa incrível! Mas o que isso tem a ver com destino?

— Acho que, se algo está escrito nas estrelas, deve ser tipo: “Brilhe para sempre!” Nós temos que ser luz, pena que nem todos queiram, ou não consigam brilhar.

— E você é luz, e quero que brilhe em meu coração.

— Você está me cantando?

— O que você acha? — ela perguntou olhando bem fundo nos olhos

dele, correspondendo a outros olhares dele.

Ele não se fez de rogado e foi se aproximando dela, virando a cadeira, ficando de frente para ela e disse, calmamente:

— Acho que devo te beijar.

Ela se abaixou, apoiando-se nos braços da cadeira, e assim os dois se beijaram, debaixo de um céu estrelado, consumidos por aquele sentimento novo que surgia entre ambos. As estrelas supernovas, ou não, não brilhavam tanto quanto aquele sentimento.

Enquanto isso, os pais de Adriana conversavam lá dentro.

— Silvio onde está Adriana?

— Ela foi para o terraço com o Pedro.

— O que os dois foram fazer sozinhos lá?

— Faça-me o favor, ela é bem adulta, tem trinta e dois anos, e ele é um ótimo rapaz.

— Então ele não é um homem, tem a diferença de idade — realmente havia uma diferença, Pedro tinha vinte e três anos e ela trinta e um.

— Não seja careta, mulher, e ele é bem maduro, tem um bom caráter, qual é o problema?

— Você não viu? Ele nem consegue ir ao banheiro sozinho, ela precisa de um companheiro, um homem lindo, que a faça feliz, esse Pedro só vai lhe trazer problemas.

— Ele é bem independente, não cause intrigas, e você viu no que deu ela escolher marido por aparência, e esse erro foi por influência sua.

— Eu não tenho culpa se ele foi bem convincente, dessa vez eu não vou permitir que ela erre outra vez.

— Você está comparando um bandido com um ótimo rapaz, saiba que eu apoio se os dois quiserem namorar.

— Será que você não vê que ela vai sofrer, e a condição física dele, os problemas de locomoção, sem falar dos problemas sexuais.

— Todo o relacionamento tem problemas, e ela não tem que ser a solução para os problemas dele.

Enquanto isso, alguns convidados também queriam namorar no terraço, olhar as estrelas, mas, quando abriram a porta de vidro fumê, transformaram-se em plateia, da cena de amor, do belíssimo beijo de cinema dos dois. Não

quiseram atrapalhar e fecharam a porta. Enquanto dona Kátia, percebendo o que acontecia, estava descontente.

Os dois combinaram um próximo encontro, e Pedro a convidou para conhecer o pessoal da ONG.

— Não sei se devo me expor.

— Por que? Você ainda não me contou.

Ela lhe contou toda a história, Pedro naturalmente ficou chocado, mas quis encorajá-la:

— Você não pode viver fugindo, a polícia pode te proteger, e eu posso dar uma ajuda, pois meu irmão é policial civil.

Ela aceitou o convite, que ficou para o dia seguinte, à noite, e depois eles poderiam sair para namorar.

O dia seguinte chegou, o coração dos dois estava ansioso. Mas quem se dirigia para a ONG querendo falar com Pedro era Koké, com seu inseparável cão guia, ou melhor, a cadela Kelly. Os dois caminhavam em uma rua um pouco movimentada, de repente Koké sentiu um movimento rápido no bolso detrás da sua calça, ouviu passos rápidos, e gritou: “Pega ladrão!”

Mas quem atendeu ao pedido foi Kelly, que começou a latir e saiu correndo. Koké não pode segurá-la, o ladrão corria rápido, desviando-se de alguns transeuntes, que também atrapalhavam a cadela, ela latia, quando o batedor de carteira notou que o animal o perseguia, desesperou-se e rapidamente virou a esquina, tinha uma descida que o fez ganhar velocidade, mas Kelly estava o alcançando, ele rapidamente atravessou a rua um pouco antes dos carros, eles fizeram com que ela ficasse esperando.

Enquanto isso, Koké não podia fazer nada além de esperar que ela voltasse, ele a esperava ao lado de um poste, que estava em uma esquina de um cruzamento, com sinaleiro. Uma mulher bem-intencionada foi logo pegando em seu braço e dizendo:

— Pode deixar que eu o ajudo a atravessar a rua.

— Quem disse que eu quero atravessar a rua? – Nessa altura eles já tinham atravessado.

— Eu pensei que você queria ajuda, você não é cego?

- Sim, eu agradeço a gentileza, mas eu só estava esperando alguém.
- Desculpe-me, eu não imaginava.
- Tudo bem, agora eu vou esperar aqui.

Ele ainda teria que esperar mais um pouco, pois, depois de esperar os carros passarem, ela viu o bandido virando a esquina no final da descida. Kelly conhecia muito bem aquelas ruas, era treinada para isso. Então atravessou a rua, pegou um atalho, cortando por outra rua, que cruzaria com aquela pela qual o criminoso estava passando. Este já estava crente de que havia despistado o animal, quando resolveu olhar o conteúdo da carteira, sem sequer olhar para os lados, levou um susto ao escutar um latido, mal teve tempo de olhar de onde vinha, Kelly pulou em cima dele, fazendo com que ele caísse no chão e soltasse a carteira, que ela pegou e foi correndo devolver para o dono.

— O que será que está acontecendo, ela nunca correu atrás de alguém, está demorando. — Falou o rapaz para si mesmo.

Mas logo seu coração se acalmou ao ouvir os latidos dela, que chegou perto dele, que estava com as mãos esticadas na direção do som dos latidos, as mãos encontraram a cabeça da sua melhor amiga e a acariciaram, mas ela mexeu a cabeça, querendo entregar a carteira.

— Obrigado, amiga, mas nunca mais se arrisque assim. — Kelly lambeu sua mão. — Vamos continuar andando para a casa de Pedro?

Falando em Pedro, neste momento ele estava quase chegando do serviço, ansioso para encontrar Cláudia, mas novamente, antes dela, ele encontrou Koké. Ele estava bem perto da ONG, mas a cadela acabou empacada no meio da rua em frente a um bueiro sem tampa. Koké, sem imaginar o que acontecia, puxava o arreio de Kelly, querendo que ela seguisse em frente, mas ela não o obedecia, só latia inquieta. Até que Pedro chegou, avisando Koké da situação:

— Ei, Koké, tem um bueiro sem tampa bem na sua frente!

Pedro havia parado o carro no meio da rua, em frente à sua casa. Ele reconheceu a voz de Pedro e parou de puxar o arreio do animal, deixando que ele contornasse pelo lado direito do bueiro indo até o meio fio.

— Boa garota! O que eu faria sem você — ele a acariciava.

Pedro estacionou o carro em frente à sua casa, parando bem em frente ao portão, saindo do veículo foi em direção de Koké, que estava na calçada do lado direito do seu carro.

— Nossa! Ela te salvou, você podia se machucar feio.

— É verdade, ela é meus olhos. Mas quem será o responsável por esse bueiro sem tampa?

— Não sei as pessoas fazem coisas sem enxergar além, só vêm quando alguém se machuca.

— Mas você também ajudou me alertando, eu não estava entendendo o que estava acontecendo, estávamos atravessando a rua quando de repente ela empacou aqui.

— Acho que você queria falar comigo, né?

— Sim, mas acho que cheguei em má hora, você acabou de chegar, eu queria saber dos cursos.

— Não tem problema, minha casa é pública, o professor já está lá dentro, arrumando as coisas.

— Oi, Pedro, como vai? — disse Adriana, que acabara de chegar, acompanhada de João.

— Oi, Adri. — Ela se abaixou, cumprimentando-o com um selinho.

— Eu trouxe um amigo, o nome dele é Antônio — ela o convidou agradecida pelo incentivo dele, que estava feliz por ter ajudado.

— Prazer, Antônio, como vai? — Pedro lhe estendeu a mão, apertando seu braço, sem qualquer constrangimento.

— O prazer é meu.

— Eu também tenho um amigo para apresentar, o nome dele é Koké.

Os dois se cumprimentaram se apresentando, Adriana se encantou com a cadela.

— Que linda, como se chama?

— Chama-se Kelly, mas por favor não passe a mão nela, ela está em serviço.

— Eu já ia passar a mão, ela é tão bonita.

Antônio e Koké explicaram seus propósitos para Adriana e Pedro, que os convidou para entrar. Lá dentro lhes mostrou a casa, para Koké procurou

descrevê-la o melhor possível, a fim de que ele pudesse visualizá-la em sua mente. Apresentou-lhes também o professor de computação e inglês, que estava ligando os computadores, ele era deficiente, teve paralisia cerebral ao nascer, por isso ele é cadeirante e tem os movimentos das mãos e braços comprometidos.

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensam (inclusive antes eu pensava assim), a paralisia cerebral, que é provocada pela falta de oxigenação no cérebro, não afeta todo o cérebro. No caso dele, a paralisia não afetou a memória nem o pensamento. Sendo assim, ele pode compreender tudo, seu raciocínio é perfeito, mas acabou afetando a parte motora e a fala. A maioria das pessoas não têm consciência disso e não sabe como tratar essas pessoas, acabam encarando-os como deficientes mentais, perdem a paciência e deixam de se comunicar.

— Esse são Paulo, o professor de computação e inglês — eles olharam surpresos para o professor, a falta de conhecimento e a visão comum das coisas geram esse pensamento inconsciente. Pedro e o próprio Paulo compreendiam bem essa surpresa, a mesma que Pedro teve quando conheceu Paulo em fisioterapias.

— Eles se cumprimentaram com um aperto de mão.

— Que cursos você ensina aqui? — perguntou Antônio.

— Informática e inglês — sua fala era comprometida, por isso Pedro repetiu o que ele disse.

— Com o tempo vocês se acostumam, com a forma diferente de ele falar.

Ele pediu licença aos visitantes, sorrindo. E começou a preparar sua aula, escrevendo, no quadro, com um pincel atômico. Paulo, assim como o apóstolo bíblico, é aquilo que muitas pessoas pensavam que ele não podia ser, ele é inteligente, determinado, simpático e criativo.

— A parte de divulgação e conquista de patrocínio foi noventa por cento feita por ele, ele abraçou minha ideia como se fosse dele, eu aprendi muito com ele. — Pedro explicou isso para eles, revelando assim que ele foi o cérebro da dupla.

Logo os alunos começaram a chegar, eles se cumprimentaram e os visitantes se apresentaram. Mas havia dúvidas que Pedro queria esclarecer a

respeito de Koké e Antônio, e achou que seria importante para os alunos esclarecê-las.

— Eu peço licença ao Paulo para apresentar melhor os visitantes, eles têm um propósito, que pode lhes interessar e diz respeito a todos. Por isso gostaria que os dois explicassem a vocês.

— Espere aí, assim você me deixa sem graça, é só uma ideia que eu tive — disse Antônio —, nem sei se eles vão gostar.

— Acho que o Koké pode ir primeiro, então?

— Sim, eu aceito ir primeiro — disse levantando-se, na direção da voz de Pedro, procurou “indicar” a direção para Kelly. — Bem dizem que “o que os olhos não veem o coração não sente”. Então, já que eu não estou vendo vocês, acho que não vou me envergonhar. — Todos riram. — Para começar, sou angolano e vim para o Brasil refugiado da guerra, com 17 anos, isso já faz oito anos. Perdi a visão num acidente, com a explosão de uma mina terrestre, e perdi também meus pais nessa explosão, meu único consolo é não ter visto o estado deles depois de mortos. Mas superei tudo isso e hoje trabalho na linha de montagem de uma montadora de carros, tenho uma mulher e um filho lindo. Pretendo ficar aqui e continuar meu curso de informática nesta ONG.

— Então, seja bem-vindo! — Paulo puxou o coro, e todos lhe deram boas-vindas.

— Obrigado e, em relação ao propósito que Pedro falou, eu tenho um sonho, quero fazer uma ONG de cães guias brasileiros, convencendo empresas que trabalham com rações caninas a patrocinar esse projeto, dizendo que, antes de os cachorros terem algum dono, podem fazer comerciais.

— Eu acho uma boa ideia e, pela a expressão do rosto de todos, acho que eles pensam a mesma coisa.

Koké estava bem-humorado, por isso disse:

— Espero que você seja um cara sincero, já que eu não posso ver a expressão do rosto deles. — Eles riram novamente, estavam encantados com o seu bom humor. — Acho que aqui no seu quintal seria um espaço bom, o que acha?

— Pode ser, vou te ajudar no que for possível, pode dar lugar ao Antônio, obrigado.

Antônio esperava somente explicar sua ideia a Pedro, mas de qualquer forma teria que dizer a eles, então que fosse agora de uma vez.

— Eu trabalho com telemarketing, tenho esposa e filhos, minha esposa trabalha em um banco. Eu sonho em viver de música, e ela não deixa de me incentivar. A música é muito importante para mim, ela é meu combustível, meu equilíbrio. Eu penso que a arte não pode ser encarada somente como um passatempo, através dela podemos até mudar nossa vida.

Ele estava com seu violão nas costas, mas onde era guardado o violão ele também trazia sua “mão” adaptada. Ninguém havia visto, não quiseram perguntar como ele tocava sem uma das mãos. Mas agora ele mostraria que é possível voar mesmo sem ter asas.

*A música é a arte de voar em notas,
Para um lugar distante,
Cheio de emoção,
Pode estar na cabeça no coração,
Na palma da sua mão,
Pode estar na sua fé,
No seu modo de viver,
Na sua vitória, e até na sua derrota, basta saber E querer ouvir.*

*Quando estou para cair,
A música é meu equilíbrio,
É meu combustível,
É infalível
O bem que ela faz em mim.*

Após tocar e cantar essa canção, de sua autoria, chamada *A música e eu*, Antônio foi aplaudido por uma plateia encantada e surpresa.

— Gostaria de dar aulas de música para quem se interessar, espero que o Pedro aprove. Depois de ficar sabendo pela Cláudia da existência dessa ONG, pensei que também poderia ajudar.

Quando ele falou da Claudia, eles olharam para ela, que estava de touca, seu cabelo estava coberto por baixo dela, estava frio, realmente, mas eles só não entenderam o porquê daqueles óculos escuro.

— É claro que eu deixo, sempre estou aberto para ideias novas. Além

disso, seu dom vai enriquecer os cursos da ONG.

— Adorei a ideia, ele tem muito talento, mas eu quero saber se vou ter que adiar a minha aula — disse Paulo, sorrindo, em tom de brincadeira, os alunos corresponderam ao seu sorriso.

Antônio, Koké e Cláudia não entenderam muito bem até Pedro responder:

— Não, pode começar, ele e o Koké vão assistir, depois converso com eles.

Todos estavam se concentrando na aula de informática de Paulo, ele fazia perguntas criativas, que despertava o raciocínio deles para diversas respostas, mantendo o mesmo sentido. Ele valorizava a criatividade, não queria um ensino engessado, pois pode se beber da mesma água, usando vários copos. Inclusive se preocupava com dois deficientes auditivos, para os quais Pedro fazia a linguagem de sinais, se escrevia alguma coisa no quadro (às vezes alguém que andava ajudava, para escrever textos mais extensos), lia em voz alta para os cegos, que eram dois na ONG.

Desses deficientes com dificuldade de comunicação, um estava se despedindo, era Laila, que resolveu contar a todos na hora em que acabou o curso, quando eles foram fazer um lanche. Pedro sempre pedia para que todos, se fosse possível, ficassem depois das aulas, para uma conversa durante o lanche. Queria manter uma amizade, já que era uma ONG que não tem fins lucrativos. E nesse ponto ele queria ser justo, sempre pedia comprovante de renda para que as pessoas pudessem se inscrever, não queria taxar um deficiente, em especial os maiores de idade, como pessoas que são incapazes de ter uma renda suficiente para pagar um curso, já que não há tantos empregos para eles. Os que podiam pagar, ele aconselhava a procurar outro curso e, se não encontrassem um que tivesse acessibilidade, poderia dar uma contribuição, que com documentos fiéis, ele garantiria que seria revertida totalmente para despesas da ONG.

Em meio à conversa, em que todos estavam interessados em conhecer melhor os novos amigos, Laila fez um sinal para Pedro, ele manteve a atenção e, entendendo que ela queria falar com todos, disse:

— Por favor, a Laila tem uma notícia para dar a vocês — ele disse com palavras e em libras. E todos aprenderam a falar em libras, quem tinha visão a

entenderia, para os cegos Pedro repetiria em voz alta as suas palavras.

— Bom, vou me mudar para São Paulo, porque lá tem mais recursos para deficientes. Então gostaria de me despedir de vocês.

— Realmente, aqui no Paraná há muito pouco recurso para deficientes, mesmo aqui na capital, eu já fundei a ONG junto com Paulo, pensando em melhorar um pouco as coisas para nós. E também já teve outro aluno que teve que se mudar para lá, o Alan que é cadeirante como eu. A acessibilidade aqui em Curitiba é ruim. Tive até que correr atrás de transporte, nisso a minha empresa me ajudou, e também recolhi assinaturas para que um ônibus adaptado passasse aqui em frente.

— Ainda assim, o primeiro que veio aqui estava com defeito no equipamento, por ser pouco utilizado, não deram atenção para a manutenção de rotina — disse Paulo.

— É, falta muita coisa aqui, a cultura, por exemplo, parece não dar bola para nós, não posso nem assistir a TV.

— Isso é um absurdo, porque, no início de algum programa, colocam um intérprete de libras, mas depois não tem nem legenda, é impossível compreender alguma coisa.

— Pois é, Pedro. Lá pelo menos alguns programas tem intérpretes e também o ensino. Antes estava em uma escola especial, agora tive que ir para uma de ensino regular sem intérprete de libras, lá em São Paulo é mais fácil de encontrar uma escola com intérprete.

As escolas de ensino regular, na sua maioria, estão despreparadas para lecionar aos alunos com deficiência auditiva, professores não sabem o que fazer diante da deficiência do aluno. Em um caso recente, um professor de inglês se recusou a dar aula a uma aluna com deficiência auditiva, dizendo que ela deveria estar em uma escola especial, já que ele, assim como outros, não tinha formação adequada para ensiná-la. Mas por que encarar isso como uma barreira, em vez de ver nessa dificuldade um bom motivo para se especializar nesse tipo de educação? Afinal, todo profissional deve se aperfeiçoar.

Isso acontece por causa de o sistema educacional está engessado. Ensino levado tão a sério por alguns professores, mas deixa até alunos sem deficiência de comunicação mudos, por serem desestimulados a dar sua própria opinião sobre os conteúdos abordados por esses professores, os quais

esperam respostas prontas, de pura decoreba, inibindo a criatividade e o entendimento pessoal do aluno, que pode ser somente uma outra forma de interpretação da resposta e não uma resposta errada.

Esse tipo de ensino deve ser deixado de lado, os surdos precisam de materiais concretos e visuais para aprender com mais facilidade, levando em conta que até mesmo alunos ouvintes aprendem melhor com um material visual.

— As escolas estão muito mal preparadas para nós — disse Adriano, mais um aluno que era cadeirante —, uma vez eu me matriculei em uma escola em que a minha sala ficava no segundo andar do colégio.

— Nossa, o que você fez? — perguntou Pedro, curioso.

— Quando soube, no primeiro dia de aula, escolhi uma sala lá embaixo e não quis nem saber. Disse que iria assistir a aula na sala de baixo até resolverem o meu problema.

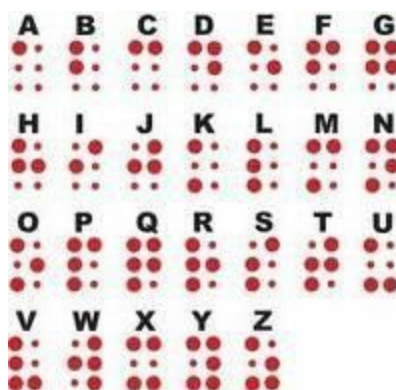
— E daí, o que fizeram?

— Fiquei naquela sala mesmo.

— Isso mesmo, temos que exigir nossos direitos, mas que pena que você vai embora, vou sentir sua falta.

De uma forma geral, o ensino regular está despreparado para pessoas com deficiência, como os cegos, por exemplo: falta de material apropriado, livros em braile e falta de professores informados, que precisam ter certos cuidados, como dizer o nome do aluno sempre que for se dirigir a ele, informá-lo sempre, de forma antecipada, em relação a uma ação, ler escritas na lousa em voz alta, uso de material adaptado com relevo, máquinas de escrever em *braile*, dentre outras coisas.

Braile é o nome do criador da escrita, que usa seis pontos em relevo, os quais formam as letras:



— Obrigada, vou sentir falta de vocês também, mas espero que lá seja melhor para mim. Sei que alguns problemas vão continuar, como a chamada em locais públicos, já fiquei sem saber da minha vez num atendimento em um posto de saúde.

— E eu uma vez perdi um ônibus no terminal — disse Ana, que, mesmo sendo surda e muda, já conseguia falar algumas palavras, graças as aulas da fonoaudióloga, que eram fornecidas ali mesmo.

Ana, falando sem usar sinais, acabou se lembrando de sua mãe, que, no passado, por falta de informação, amarrava suas mãos para que ela aprendesse a falar na marra, o que lembrava um congresso antigo: *“Em 1880, aconteceu um congresso mundial de professores de surdos em Milão, no qual foi discutido o melhor método para educação dos surdos. Nesse congresso, oral puro foi escolhido como método mais adequado, sendo proibida a utilização da linguagem de sinais a partir desta data.*

Desse dia em diante, as crianças surdas, muitas vezes, tinham suas mãos amarradas para trás e eram obrigadas a se sentarem em cima das mãos ao irem para a escola. Tal opressão durou mais de um século, trazendo uma série de consequências, sociais e educacionais negativas.

No Brasil, a primeira lei que viabiliza o uso de linguagem de sinais como língua materna dos surdos foi assinada, em novembro de 2002, pelo presidente Fernando Henrique Cardoso.”

Infelizmente, ainda hoje há filhos que se queixam de seus pais, que amarravam suas mãos, para que aprendam a falar na marra, pela falta de informação sobre a deficiência do filho. E, o que é mais absurdo ainda, filhos

que são espancados pelos pais, que não aceitam o fato de ter um filho com deficiência.

Recentemente, houve um caso de agressão a um deficiente, cometido por um policial. Foi numa quinta-feira, em junho de 2010 em Japaratinga. O policial passava de viatura na frente de um colégio, quando o para-choque do veículo caiu. Os alunos começaram a dar risada, o policial saiu da viatura e agrediu um deficiente mental que estava na porta da escola. A população ficou revoltada com a atitude do policial e a família do deficiente procurou justiça, ainda não se sabe se ele foi preso, o que é um absurdo, deveria ser preso de imediato, como também afastado da corporação.

Há também as atitudes inadequadas da sociedade, pais e professores, para com os deficientes auditivos: negam informação, por não saberem se comunicar; subestimam o entendimento do deficiente auditivo; não agem com naturalidade; numa conversa em grupo, desviam o rosto deles; falam do deficiente em questão, perto dele para outra pessoa, já que esta não está ouvindo, tendo assim uma grande deficiência, a falta de ética e respeito. E ainda outros absurdos, como: julgar mal o surdo, devido ao seu problema, acreditando que este não tem um potencial a desenvolver e ainda há a superproteção dos pais, aliada à visão de “*coitadismo*”, prejudicando o desenvolvimento da criança.

A conversa sobre as chamadas em locais públicos continuou:

— Poderiam pensar em sinais luminosos — Pedro sugeriu.

— E a moda? Como ela é para vocês? — perguntou Adriana, e Pedro repetiu em sinais de libras.

— Acho que não é fácil para você, Pedro, por exemplo, que é cadeirante se virar com roupas comuns.

— Realmente não é fácil, e não se encontram roupas no mercado para nós.

— Eu estive pensando, já que trabalho com moda, poderia pensar em produzir roupas para esse público.

Todos gostaram da ideia, pois havia a necessidade de roupas específicas para deficientes. Roupas com tecido mais confortável para cadeirantes, para não criar atrito e machucar, roupas que sejam mais fáceis de colocar pela cabeça, que em vez de botão tenham velcro, por exemplo.

— Vocês precisam de novidades, como bolsos em cima da perna, roupas íntimas com abertura em velcro e também sapatos especiais. Andei pesquisando e soube de alguém que trabalha com essa moda, que ela mesma desenvolveu, é uma estilista chamada Ivana Nalon.

— Por favor, não se esqueça de nós, já estamos cansados de vestir roupas de crianças – disse Andrews, que é anão e frequenta a ONG junto com sua esposa Vera.

— Já estamos até deixando nossas roupas que não usamos mais para nossa filha, é um absurdo – disse Vera.

— Ainda é só uma ideia, mas creio que tenho recursos para realizar e, se o fizer, não me esquecerei de vocês.

Andrews e Verá realmente tinham que lembrar Adriana, pois é comum que pessoas como eles sejam esquecidas em tudo. Por exemplo, onde você costuma ver anões no mercado de trabalho? Geralmente na televisão ou em circo, sempre trabalhando com comédia, por acaso é engraçado ser anão? Os dois tiveram que se impor para conseguir seu lugar no mercado de trabalho, pois já sofreram preconceitos, sendo taxados como incapazes para alguma função. E as empresas não se adaptam para eles, assim como não há infraestrutura adaptada para eles nas cidades. Pedro disse a eles, no início do curso, que estava difícil achar algum móvel para adaptar a ONG para eles. Mas eles disseram que nem em sua casa tinha adaptação alguma, só usavam bancos e escadas, para se acostumar com o mundo fora de casa.

O mundo lá fora está tão despreparado para pessoas com deficiência, que existem casos de mães que por medo enclausuram seus filhos em casa e outras infelizmente o fazem por vergonha. Além de vergonha há também preconceito e agressão física por parte da própria família, em alguns casos. Mas felizmente, na maioria dos casos, mãe e pais são grandes amigos e dão todo o apoio necessário para seus filhos.

Depois dessa conversa, Pedro se lembrou do jogo de basquete, que tinha marcado com alguns alunos, que sempre era realizado ali mesmo, na ONG, em uma cancha poliesportiva. E ali era até um local de treinamento, pois alguns alunos participavam da paraolimpíada, tinha um time completo na ONG, do qual Pedro fazia parte.

Adriana, quando soube, fez até um comentário:

— Pena que a TV não dê a mesma cobertura para a paraolimpíada quanto para a outra.

— Acho que falta mais patrocínio, não sei por que a TV nos desmerece nisso também.

Apesar desses problemas, eles sabiam enxergar na dor um tipo de aprendizado e retirar das dificuldades força para serem felizes.

SAINDO DO PORÃO

Depois do jogo de basquete, todos foram embora. Adriana, que trouxe Antônio, ofereceu-lhe carona de volta, mas, percebendo seu relacionamento com Pedro, ele acabou recusando. Os dois resolveram sair juntos e ainda dava tempo de ir ao cinema em um shopping, do bairro *Portão*.

- Vamos sair no meu carro ou no seu? – perguntou Adriana.
- Eu preferia te levar, o que você acha?
- Eu acho que o meu carro é mais espaçoso.
- Como assim? Em que você está pensando? Já quer abusar de mim?
- Pedro disse com um olhar malicioso.
- Não, seu tarado, acho que seria melhor para guardar a sua cadeira.
- Tá bom, vamos no seu, então.

A caminho do shopping, elogios e beijos foram inevitáveis, como em todo começo de relacionamento. A chegada ao estacionamento e a locomoção de Pedro até a porta foram tranquilas.

- Esqueci a minha bolsa no carro, espere aí que eu vou pegar — disse Adriana.

Pedro ficou esperando em frente à porta, de repente uma senhora que estava saindo, ao vê-lo, mexeu na sua bolsa, tirou uma nota de cinco reais e lhe entregou.

- O que é isso? Eu não lhe pedi nada, por acaso pensa que não sou capaz de me sustentar só porque sou cadeirante?
- Desculpe, é que eu te vi aí parado e...
- Eu não posso parar em frente à porta como qualquer outra pessoa?
- Desculpe, foi uma boa intenção.
- Está certo, tome seu dinheiro.

Adriana voltou e, percebendo que algo estava errado, perguntou:

— O que aconteceu?

— Aquela mulher estava me dando esmola, me viu parado aqui e pensou que eu era um deficiente necessitado...

— Que absurdo!

— É impressionante como certas pessoas me enxergam mal...

— Mas vamos esquecer isso vendo um filme, você é muito melhor do que esses pensamentos inferiores.

— Você tem razão, vamos.

A noite no cinema foi ótima, quanto mais eles se conheciam, mas tinham vontade de estar perto um do outro. O sentimento puro que nascia entre eles crescia cada vez mais.

Ao chegar à casa e acender a luz, Adriana se assustou ao ver sua mãe na sala deitada no sofá. Estava tendo um sono leve, então despertou rapidamente.

— Oi, filha, você já chegou? Estava preocupada.

— Por acaso você estava me esperando como se eu fosse uma adolescente em começo de namoro? — ela já estava desconfiando da desaprovação dela em relação ao seu namoro.

— Para ser sincera, sim, e digo mais, não estou gostando que você se encontre com esse rapaz. — Kátia não era mulher de meias palavras.

— Mas o que isso importa? Eu estou bem grandinha para decidir com quem vou namorar.

— Essa não é a filha que eu conheço, você devia estar pensando em relaxar, para voltar à sua vida normal continuar com o seu trabalho e depois namorar alguém bonito, independente e...

— Mas ele é independente. Você não está pensando que, por ele ser deficiente físico, vai depender de mim como se eu fosse sua enfermeira, não é?

— Mas, filha, ele não pode nem ir ao banheiro como uma pessoa normal!

— Eu não acredito que estou ouvindo isso, eu não vou deixar você controlar minha vida, segundo suas vaidades, a vida não é só estética, mãe, lembra!

— Eu é que não estou acreditando no que estou escutando, essa não é a

minha filha, você nunca questionou a minha educação.

— Nunca é tarde para começar e saiba que eu aprendi na rua o que você nunca foi capaz de me ensinar, que as pessoas são mais bonitas por dentro.

— Esse tal de Pedro só vai te trazer problemas, será que você não está confundindo gratidão com outro sentimento?

— Eu sou muito grata pelo que ele fez por mim, mas tenho idade suficiente para saber o que sinto.

— Você ainda vai ver como eu estou certa.

— Acho que não, e não quero insistir nessa discussão, boa-noite — falou, retirando-se dali o mais rápido possível, não queria mais discutir Dona Kátia, sabia que seria em vão.

Um mês se passou. Nesse tempo, Adriana procurou pensar no que iria fazer da sua vida. O seu namoro com Pedro continuou e a desaprovação da mãe também. Ela já pensava em começar a concordar com aquele relacionamento, mas com más intenções.

— Filha, eu notei que você está pensativa, aconteceu alguma coisa? — disse Silvio, vendo a filha pensativa na mesa, no café da manhã.

— Não pai, está tudo bem, é que eu estou pensando em sair do porão.

— Como assim?

— Não vou mais me esconder, o passado que fique para trás, estou até com alguns projetos na cabeça.

— Ah, já sei, vai retomar sua carreira? – disse a mãe, entusiasmada.

— Mais ou menos, quero trabalhar com moda, mas dessa vez será diferente.

— Diferente como, filha? – Agora o entusiasmo de Kátia diminuiu.

— Moda popular.

— Quê? Você está brincando, né?

— Nunca falei tão sério, mãe.

— Saiba que eu dou a maior força, filha, e apoio financeiro — disse Seu Silvio, entrando no assunto.

— Eu vou precisar, mas quero só um empréstimo.

— Minha filha vendendo para pobre, o que está acontecendo com você? — Questionou Kátia, boquiaberta.

— Nada demais, um pouco de humildade não faz mal a ninguém. Aliás, estou até pensando em fazer uma cooperativa de reciclagem, para usar materiais recicláveis para fazer roupas, com garrafa pet. E vou contratar moradores de rua.

— Você vai trabalhar com lixo e mendigo, o que está acontecendo com você, filha? — Kátia perguntou, assustada. — Não acha que esse negócio de ser humilde está te fazendo exagerar?

— Não, estou com várias ideias, esse é só o começo.

— É, isso aí, filha, de quanto você vai precisar? — Silvio perguntou, parecendo empolgado com tudo aquilo.

— Não acredito que você esteja apoiando isso, Silvio!

— Se você não quer apoiar, não critique, mãe.

— Você quer abandonar a glória que a indústria da beleza te deu, tudo que você conseguiu foi através dela. Eu sempre te ensinei que a aparência é tudo e por isso você teve tudo.

— É, e por só pensar na aparência eu decidi me casar com o Cláudio, me apaixonei pela beleza dele e não consegui ver o crápula que estava por dentro e fui à falência financeira e sentimental. Senti na pele como é ser tratada como lixo social, só porque eu era mendiga. Os mesmos olhos que me admiravam me desprezaram. Então eu pude ver que tudo o que eu tinha era nada.

Kátia se calou, não sabia o que dizer, provavelmente, se ela tivesse visto a filha naquela situação, não a reconheceria, pois, vendo-a de longe, passaria do lado dela com um olhar altivo e também a desprezaria.

— Mas isso passou, filha, saiba que vou te ajudar a ser feliz, pode contar comigo.

— Obrigada, pai. Agora eu quero amar alguém, e eu sei quem o Pedro é, por isso eu o amo.

— Para começar, você vai precisar de proteção, afinal nunca se sabe se aquele ladrão pode estar por aí.

— Por favor, pai, não exagere, nada de guarda-costas. Hoje mesmo eu vou a polícia, antes que ela me procure quando eu começar a aparecer por aí.

Dentro de um mês, Adriana conseguiu realizar a compra de um galpão velho e reformá-lo, agora só faltava a parte burocrática e chamar seus amigos para trabalhar. Ela resolveu começar por João, que não conseguiu recuperar seu carrinho, ela começaria dando-lhe um carrinho novo. Decidiu até adquirir uma caminhonete para facilitar esses serviços. E quando o encontrou, já foi logo dando à nova notícia ao amigo.

— Oi, João! Tudo bem?

— Oi, Cláudia, você está diferente, está bem-vestida, maquiada, está mais bonita.

— Obrigada. Bem... eu voltei à minha vida normal, procurei meus pais e tenho uma surpresa para você.

— Surpresa para mim?

— Sim, venha até o carro que está logo ali, que eu te mostro. — Os dois foram até o carro e logo que João viu o carrinho se alegrou, parecendo não acreditar no que via.

— Não acredito, você me trouxe um carrinho novo!

— Sim, pode pegar, é seu — disse, recebendo um largo sorriso do amigo.

Quando tirou o carrinho do carro, ele viu que nele estava escrito *RECOMEÇO – Cooperativa de Materiais Recicláveis*.

— Ele é usado? Parece novinho!

— Não esse é o nome da empresa nova que eu vou abrir, e você é o primeiro funcionário.

— Você vai me dar um emprego? — disse, acariciando o cachorro, com uma imensa alegria no rosto. — Você ouviu isso, Kibe? Nós temos um emprego!

No início da depressão, João não tinha ânimo para trabalhar. Mas, ficar sem trabalhar, deixava-lhe a mente desocupada, dando lugar para os maus pensamentos, isso só fazia com que ele se mutilasse por dentro, culpando-se por estar alcoolizado na direção do veículo, com o qual ele se envolveu em um acidente em que sua mulher e filha morreram. O acidente passava em sua cabeça feito um filme: ele dirigindo em alta velocidade enquanto sua mulher dizia:

- *Para de dirigir feito um louco, não acredito que você bebeu de novo.*
- *Não enche mulher eu sei o que estou fazendo.*
- *Pai, o sinal vermelho!*

João não teve tempo de frear, seu carro foi atingido por um caminhão que vinha no cruzamento, atingindo as portas dos passageiros, onde estavam sua mulher e filha, por sorte ele escapou, mas não queria ter tido essa sorte. Seus sogros o culpam até hoje. Tentaram na justiça culpá-lo, mas a lei não o fez permanecer muito tempo na cadeia. E, além de tudo isso, ele lamenta não poder conviver com a neta, que está sendo cuidada pelos avós maternos.

João ficou feliz com a notícia de que iria trabalhar, assim poderia ocupar sua mente com outra coisa. Mas eis que o passado bate em sua porta novamente, ele bem que queria abrir, mas não conseguiu.

— Olha só que cachorro bonitinho! – dizia a menina de cabelos cacheados loira, com dez anos de idade.

— Não chegue perto desse cachorro imundo – dizia sua bisavó, repreendendo a criança.

Até que os olhos da menina se encontraram com os de João. Como poderia esquecer daqueles olhos, que brilhavam na mais pura inocência, diante de um animal que enxergava seu espírito bondoso e lambia sua mão, quando o acariciava?

— Moço, como é o nome dele?

— É Kibe — João estava se segurando para não chorar.

V Ana, eu já disse para você não falar com estranhos! — dizendo isso,

ela foi até a menina e pegou em sua mão, lançando sobre ele um olhar de desprezo, que fez Adriana revirar os olhos em desaprovação. — Vamos embora.

Mas para ela não era nenhum estranho, ao olhar bem para o rosto do genro, ela paralisou. Ele estava de barba e cabelos compridos, maltrapilho, quase irreconhecível, mas ela era boa fisionomista, e a dor da perda e a sua lembrança acusadora não a deixavam esquecer. Então ela começou a puxar a mão da bisneta.

— Vamos logo, *filha*.

O cachorro começou a latir e rosnar para a sogra de João.

— Quietos, Kibe! — disse João, de repente.

As duas se foram, João as acompanhou com o olhar, seus olhos já estavam lacrimejando. Enquanto as duas andavam, ele as olhava, e sua mente lhe trazia à lembrança, um ano e três meses que ele teve aquela menina nos braços, das brincadeiras, da sua voz dizendo: “vovô”!

— Você conhece aquela menina e aquela mulher? — até então Adriana estava quieta, só observando.

— São minha neta e minha sogra — disse com um pesar de saudade.

— Eu não sabia que você tinha uma neta.

— Você sabe que eu não gosto de falar muito do meu passado.

— Por isso nunca perguntou muito sobre o meu. Mas e o carrinho, você aceita?

— Sim, mas hoje perdi a vontade.

— Espere aí, desde que conheço você, o acidente que matou sua família te machuca, não acha que está na hora de resolver isso, assim como eu fiz?

— Teu caso é diferente, tua família te recebeu de braços abertos, a que sobrou da minha me acusa.

— Mas e sua neta? Ela merece que você tente uma reconciliação.

— Sim, por ela eu faria qualquer coisa, mas eu não sei o que fazer.

— E se você trabalhasse para mim, de forma legal, mostrando que parou de beber?

— Mas como eles saberão?

— Mesmo que eu não queira, a mídia vai querer noticiar a minha cooperativa, aí você aparece, dando um discurso, como um mendigo que foi

ressocializado, e isso chamará a atenção deles.

— Depois, se eu tentar uma aproximação, será mais fácil, vão me olhar com outros olhos — concluiu o raciocínio de Adriana, uma chama de esperança se ascendia em seu coração.

— Essa é a ideia, o que acha?

— Uma ótima ideia, vou pegar esse carrinho e começar agora mesmo.

— É assim que se fala, mas trabalhe como antes, por enquanto ainda falta ajeitar algumas coisas para a cooperativa funcionar.

— Está bem, muito obrigado, Cláudia — disse abraçando-a, Kibe pulava em cima dela, parecendo igualmente agradecido.

João procurava manter distância, mas às vezes era inevitável dar uma passada pelo bairro onde havia morado, o bairro *Portão*. Ana tinha muitas saudades do avô, eles se afastaram quando ela tinha um ano e três meses. Hoje com dez anos, ela não lembra muito, mas tem consciência de que teve um avô que a amava muito. Depois que ele se afastou da família, que não o queria por perto, Ana ainda entrava no quarto que era do seu avô à sua procura, mas só sentia um vácuo de solidão.

Isso acontecia porque os sogros de João sempre foram seus vizinhos, e depois do acidente Ana sempre dava uma escapadinha para a casa que era do seu avô. E a sua filha, era mãe solteira. Agora a avó dizia ser sua mãe, não contou nada sobre o acidente.

Algumas horas se passaram e Adriana foi à casa de Pedro, além de namorar, queria lhe dar uma boa notícia:

— Eu estive pensando em contratar alguém daqui da ONG, o que você acha?

— Acho ótimo, e aquela ideia da moda adaptada ainda está de pé?

— Sim, está, por quê?

— É que aproveitando que você vai trabalhar com esse tipo de mercado, poderia usar recicláveis como matéria prima para fabricação de próteses.

— Não estava pensando em fabricar nada, até a produção de tecido a partir de garrafas pet será terceirizada, tem alguma sugestão?

— Conheço uma empresa que pode terceirizar esse serviço, aliás é só você vender esse material para eles, plástico e ferro.

— É uma ótima ideia, quanta coisa podemos fazer com o que

consideraram como *lixo*, não é mesmo?

— Sim, mas muitas pessoas só querem saber de poluir. Sabe, estou muito feliz por ter uma namorada tão solidária e criativa.

Os dois começaram a se beijar de forma suave e logo intensificaram o beijo, o qual tornou-se quente, excitante, fazendo com que ambos fossem tomados pelo desejo que seus corpos emanavam. Já fazia dois meses que os dois namoravam, e nesse tempo Pedro nunca havia avançado o sinal. Adriana nunca viu um homem tão comportado que no máximo só lhe beijava o pescoço e, quando a coisa começava a esquentar como se estivesse acontecendo algo errado, de repente ele parava. Foi o que aconteceu naquele momento. Adriana não quis dizer nada, talvez ele tivesse vergonha do seu corpo, mas aquilo já estava lhe incomodando de certo modo.

— Sabe, amor, no final do mês vai ter uma festa, é aniversário da minha mãe, ela faz questão que você vá

— Que bom, eu vou, onde vai ser? — comentou Adriana, tentando apaziguar o clima estranho entre eles.

— Poderia ser no prédio, mas ele está passando por uma reforma, depois do que aconteceu, o meu pai pressionou o síndico e os moradores resolveram fazer reformas para melhorar a acessibilidade.

— Fico grato, acho que tenho pontos com o sogrão.

— E quem não gostaria de você? — ela disse isso, beijando-o novamente.

— Mas então, onde vai ser a festa?

— Minha mãe ainda vai decidir.

Kátia estava se fazendo de sogra simpática, na verdade ainda não estava concordando com aquele relacionamento e ambos não faziam ideia de suas verdadeiras intenções. Na cabeça dela, estava fazendo um bem para Adriana, era o que bastava.



O dia da inauguração da cooperativa *RECOMEÇO* chegou. Adriana não

queria, mas a imprensa estava presente, assim como também já havia noticiado sua aparição, confirmação do seu sequestro e o seu testemunho no local do crime. Em relação ao crime, a polícia já poderia fazer muita coisa, sabendo qual era o rosto do criminoso, o apelido “*Cabeça*” já era do conhecimento da polícia. E a dúvida da imprensa era a mesma do público: “*Por que uma modelo, estilista, que já foi dona de uma grife, agora resolve abrir uma cooperativa de materiais recicláveis?*” Essa foi a primeira pergunta que a repórter fez a Adriana.

— Depois de viver dois anos na rua, como já disse em outra entrevista, eu conheci muitos mendigos e, ao contrário do que eu pensava, nem todos eram vagabundos. As pessoas acabam indo morar na rua por vários motivos. Falência, alcoolismo, dependência de outras drogas, depressão, psicose e outros problemas psicológicos. E com essa cooperativa quero dar oportunidade a eles, para recomeçarem as suas vidas.

Transeuntes que estavam assistindo tiveram pensamentos diferentes, assim como os telespectadores: “*Para que se preocupar com esse tipo de gente?*”; “*Nossa que bom exemplo, não esperava isso dela*”.

— Mas e sua carreira de estilista, dona de grife e modelo, vai deixar de lado?

— Não totalmente, vou continuar trabalhando com moda, só que com moda popular, e usando material reciclável, como garrafas pet. E também farei roupas adaptadas para deficientes, ah e não me esquecerei da moda *pluss size*, claro.

— Então você vai dar uma mudança na sua forma de trabalhar com moda, ignorando o padrão?

— Sim, todas as pessoas precisam se vestir, o mercado mais lucrativo e de mais prestígio não é tão importante.

— Nós queremos mostrar a cooperativa, filmar toda essa inauguração, você quer dar mais alguma declaração?

— Sim, já que falei de dar oportunidades, quero falar de uma pessoa que quer mudar a sua vida e se reconciliar com sua família, ele se chama João e está aqui do meu lado.

João estava diferente, fez a barba, cortou o cabelo, tomou banho e se vestiu melhor. Queria chamar a atenção dos sogros já pela aparência, pois

infelizmente as pessoas ainda julgam os outros pela aparência.

— Então, João, em que essa cooperativa pode mudar sua vida?

João contou sua história, que já era conhecida, o acidente havia chocado a população e havia sido notícia. Muitos o culpavam e achavam que ele deveria estar preso, mas poucos compreendiam seu drama.

— Espero que meus sogros, dona Leia e seu Lucas, possam me perdoar. Eu já nem bebo mais, o álcool me dá nojo, depois do acidente. Estou disposto a trabalhar e nunca mais vou beber, mas quero muito ver minha neta Ana. Se estiverem assistindo, por favor me deem uma chance.

Os sogros de João estavam vendo a reportagem, enquanto a bisneta deles brincava no quintal.

— Então fica aí o apelo do João, um caso bem conhecido que chocou Curitiba há pouco mais de nove anos, e é até importante que voltemos a esse caso para esclarecer algumas coisas, assim você pode até reforçar seu apelo de reconciliação com sua família, você aceita?

— Sim, pode ser bom.

Os sogros de João não gostaram nada de sua entrevista, ao contrário do que Adriana pensava.

— O que vamos fazer agora? — disse Leia, seu rosto cansado e enrugado revelava seu desespero.

— Ele tinha que continuar afastado da gente... por que agora resolve dar uma de arrependido? Desgraçado!

— Acho melhor sair da cidade.

— Sair da cidade?

— Sim, vai ter as férias de julho, podemos levá-la para a chácara da minha irmã, esse caso pode ser notícia de novo.

— É verdade, acho que é o único jeito, vamos antes que a imprensa procure a gente. Mas antes eu vou falar com ele.

Enquanto isso, a jornalista prosseguia com aquela reportagem especial sobre Adriana, mostrando todas as instalações da cooperativa. Adriana ainda comentou sobre a inclusão que iria fazer contratando também deficientes físicos.

— Então você está bem esperançosa e confiante com esse seu novo negócio?

— Sim, mas é mais que um negócio, eu diria que é um centro de ressocialização.

A reportagem foi encerrada, e João estava empolgado:

— Você ouviu, Adriana, vão fazer outra reportagem comigo, eu vou poder me explicar melhor. Você acha que isso pode ajudar?

— Sim, o papel da imprensa num caso como esse ajuda muito, se você não pode falar com sua família pessoalmente, por enquanto, isso os preparará para a conversa, quem sabe podem até perdoar você.

— Deus te ouça, Adriana! Deus te ouça!

— É a primeira vez que você me chama pelo meu nome verdadeiro.

— Agora não preciso mais mentir seu nome.

Os dois estavam sozinhos naquele galpão, outros amigos de Adriana já estavam contratados para começar a trabalhar, mas não quiseram aparecer e já estavam desde cedo no batente. Outros já começavam a aparecer, pois estava na hora do almoço, muitos queriam mostrar o resultado de sua coleta. Eram impressionantes as coisas que as pessoas jogavam fora. Um dos funcionários encontrou livros usados, desde livros escolares até literatura. Esse funcionário se chamava Robson, ele era analfabeto e sentia muito por não poder ler, mas aquela oportunidade ele não jogaria fora.

— Adriana, ó o que eu achei – disse mostrando os livros. – Não vai reciclar, né?

— De jeito nenhum, que absurdo! Quem pode ter jogado isso fora, com tanta gente precisando de estudo.

— Eu vou dar um jeito, e vou conseguir ler.

— Você me deu uma ideia, vamos montar uma biblioteca, eu faço questão de ensinar você e quem quiser aprender a ler.

Robson estava feliz como uma criança, mas estava com fome naquele momento.

— Obrigado, Dona Adriana. Posso ir almoçar?

— Sim, tome, — falou, abrindo uma pasta que carregava consigo com alguns documentos para os funcionários. — Este aqui é seu vale-refeição.

Robson foi almoçar em um restaurante que ele costumava frequentar, mas não como cliente, estava feliz em poder, dessa vez, comer em um lugar como uma pessoa normal faria.

— Não sobrou nada hoje, por favor, vá embora, não espante meus clientes — disse o dono do restaurante, ao atender Robson no balcão.

— Hoje eu vou pagar — disse-lhe, com orgulho, mas não de forma rude, mostrando-lhe um vale refeição.

— Conseguiu uma boa esmola hoje?

— Não, estou trabalhando. — Ele se espantou com a resposta, mas teve que dar o braço a torcer:

— Parabéns, então pode se servir à vontade, senhor.

Tudo caminhava bem para Adriana, até que surgiu uma surpresa.

— Bom dia, eu estou procurando emprego, tem alguma vaga? — disse um homem que procurava emprego na cooperativa.

— Bom dia, tem até tem, mas eu estou dando prioridade para moradores de rua e deficientes.

— Que pena! É que está difícil encontrar emprego e, para ser sincero, eu sou ex-presidiário, fui preso por engano quando me confundiram com um criminoso, mas ainda assim ninguém confia.

— Bom, nesse caso eu posso lhe indicar para o meu pai, ele está construindo um shopping para carros, sinto que você está falando a verdade.

— Muito obrigado — disse, quando recebeu um cartão da oficina do pai de Adriana — você é aquela modelo famosa, né?

— Sim, por quê?

— Tenho algo sério para te contar, assim posso devolver o favor.

— O que seria?

— Eu sei de uma coisa que te interessa, você conhece um tal de Cabeça?

Aquela pergunta a gelou até os ossos. Quando pensava que a poeira já tinha baixado, o causador dos seus tormentos reapareceu.

— O que você disse?

— Cabeça, você o conhece?

— Sim, mas como você sabe disso? — perguntou, espantada.

— Eu fui colega de cela de um dos capangas dele.

— E qual é esse recado? — ela perguntou, temendo a resposta.

— Eu, sem querer, escutei uma conversa dele no celular, e ele disse que

iria te assassinar, a mando desse tal de Cabeça, porque você falou demais.

— Meu Deus, então eu corro perigo! — falou, sentindo um calafrio em toda a extensão do seu corpo.

— Eu acho que já vou indo — ele se foi sem querer dizer mais para não se comprometer.

— Espere, ele ainda está preso?

— Sairá logo, é tudo que posso dizer. — Então ele se foi deixando-a perturbada.

“O que farei agora meu Deus? não posso ficar dando bandeira, será que já tem alguém na minha cola?” pensava, desesperada. Ela pensou em se esconder, pensou em avisar alguém, mas o que fazer?



João estava a caminho da cooperativa, pensando em Ana, nas traquinagens que ela fazia quando era neném: Ana brincava no quintal da casa do avô, andava para lá e pra cá, caiu no chão quando começou a brincar com a terra do canteiro e se sujou toda, deixando a todos de cabelo em pé.

— Sai daí, menina, você vai se sujar — dizia João, indo até ela.

Mas, quando foi pegá-la, ela começou a passar terra em seu rosto.

— Pare com isso — disse, segurando sua pequena mãozinha, achando graça de toda a situação.

— Bem, você está com a cara preta — disse sua esposa rindo, enquanto estendia a roupa no varal.

João, um senhor ruivo e negro, algo incomum de se ver, foi se lavar na torneira do tanque junto com a menina, mas a emenda foi pior que o soneto. Ele a segurava no colo, com uma mão e com a outra guiava a mão dela na direção da água da torneira. Quando ele ia colocá-la no chão, para lavar seu rosto, ela começou a passar a mão molhada no seu rosto.

— Pare com isso, menina — ela dava uma risada traquina e molhava seu rosto divertidamente.

— Largue essa menina no chão, homem — dizia sua esposa, Amanda.

Nesse momento, sua filha Clara chegou dizendo:

— O que aconteceu? Por que seu rosto está sujo? — disse rindo.

- *Sua querida filha parece um barril de pólvora.*
- *Não exagere – ela continuava rindo.*
- *Você diz isso porque a pólvora não estourou na sua cara.*



Lucas foi falar com João, teve e que levar a sua bisneta. Mentiu dizendo que iriam viajar e que ele iria retirar dinheiro no banco, e ela quis ir junto passear de carro, era costume levá-la, não teve desculpa para recusar.

Deixando a menina no carro, o homem de cabelos grisalhos, e algumas rugas de preocupação, não quis expor seus problemas diante da criança. Crianças não devem ter problemas, mas sim a solução, por isso elas têm esperança, elas querem as respostas, de quem ainda nem aprendeu a enxergar o valor da infantilidade, de receber um presente caríssimo e se encantar com o embrulho colorido. Querem ensiná-las, estando em uma torre alta, onde têm uma vista panorâmica de tudo que acontece lá embaixo, mas sem descer nunca conhecerão realmente o que acontece.

Um pobre andarilho pode enxergar melhor. Devemos ensinar as crianças, mas podemos aprender com elas também. Aprender o valor da intensidade, da essência do sentimento, na humildade do pensamento, na busca pura pelo conhecimento, no deslumbramento pelo desconhecido e na grandeza da pequenez. E assim ser um adulto amoroso. Mas não conseguimos aprender, é mais fácil perder a paciência. Por esse motivo, está cada vez mais difícil cuidar das nossas crianças.

- Então, ele foi a caminho da cooperativa e o encontrou no caminho.
O que você quer agora, depois de tantos anos?
- Nunca é tarde para reparar um erro.
 - Seu erro é irreparável.
 - Não estou falando da morte da sua filha — disse João, com pesar.
 - Está falando do quê, então?! — O coração dele se acelerou, e sua testa se franziu.
 - Eu quero me aproximar da minha neta. —Algumas pessoas

olhavam curiosas.

— Não quero má influência para ela, e sobre a morte da mãe dela pode deixar que eu explico para ela.

— Agora que eu mostrei a verdade, você quer explicar. Eu também sou avô dela e agora tenho que terminar o que comecei.

— Sua vida é um fracasso, o que pode ensinar para ela? Seu bêbado assassino! — ele o encarava, nervoso.

— Não vou mais ligar para suas ofensas e, se você quer saber, eu parei de beber.

— Não acredito, não parou em vinte anos, vai parar agora por quê?

Dentro do carro, a menina estranhava a demora, e ela nem podia imaginar por que, era muito pequena na época da morte da mãe, tinha só um ano e meio, nem podia sentir saudades dela. Nem imaginava como era o brilho no olhar da mãe quando ela olhava para sua filha, não recuperava em sua memória o arquivo das brincadeiras, divertidas e engraçadas, não se lembrava das canções de ninar nem da paz que a voz da mãe lhe trazia, em uma canção, de sua composição:

Filha do meu coração, escute a canção Cheia de emoção.

Meu coração

Alegremente

Vai batendo

Eu vou te embalando

Os seus olhos

Vão iluminando

Os meus

E os seus

Vão se fechando

E seu coração

Vai compassando no ritmo da canção.

Parecia até que ela entendia o que a mãe cantava, aquela música lhe fazia tão bem que logo ela adormecia. Clara estudava música, canto e recentemente teclado. Era um pouco eclética, ia da música clássica até o *pop*.

Mas a música foi bem triste em uma das férias de verão, em que ela conheceu Marcos

Ele era um daqueles rapazes “pegadores”. Tudo aconteceu quando sua melhor amiga Isabela convidou-a para passar o verão na casa de praia dos pais dela que ficava em Pontal do Paraná. Mas a família de Clara já tinha programado as férias em Matinhos. Com insistência de Isabela e de seus pais, eles deixaram Clara pousar um dia ou outro na casa dos pais de Isabela, já que Pontal ficava próximo de Matinhos. É claro que a encheram de recomendações e regras, confiando nos pais de Isabela. Além disso, Clara já acabara de completar dezoito anos, eles acharam que estava na hora de soltar as rédeas, só um pouco.

Então as duas foram em uma casa noturna que ficava no balneário de Ipanema. Isabela disse para seus pais que só iriam ver os fogos de artifício e já voltavam, pois era véspera de ano-novo. Mas não foi bem isso que elas fizeram, como sempre, davam suas escapadas e depois inventavam qualquer coisa.

A casa noturna ficava próxima da praia. Faltava meia hora para a virada do ano. As duas já estavam na praia, as ondas pareciam mostrar a Clara que os anos vêm e vão, mas com mudanças insignificantes. Porém, dessa vez não seria como sempre.

— Oi, Isabela! — A voz era do seu primo Marcos, que estava acompanhado de um amigo.

— Oi, primo, como vai? — ela foi ao seu encontro, beijando-o no rosto.

— Esse é meu amigo Jorge — ela o cumprimentou da mesma forma.

— Essa é a minha amiga Clara — os dois se beijaram no rosto, depois ela foi cumprimentar Jorge.

Marcos não conseguiu disfarçar o interesse por Clara. Sua beleza era estonteante. Uma belíssima loira, um lindo rosto, um sorriso encantador e um belo corpo, com curvas capazes de enlouquecer qualquer um. Ela também sentiu o mesmo por ele, demonstrou isso olhando muito interessada para seu belo rosto e seu corpo atlético.

Porém Jorge não demonstrou nada por Isabela à primeira vista. Seu corpo era o oposto do de Clara, fora dos padrões do que consideram como

perfeito. Era comum que a maioria dos homens se afastasse dela quando sua amizade estava caminhando para outro sentimento. Mas sua simpatia conquistou os mais românticos, que estavam cada vez mais raros. Esse seria o caso de Jorge.

— Você não é daqui, né, clara?

— Não, Marcos, sou de Curitiba.

— Eu também.

— E, você, Jorge?

— Eu sou de Pontal do Sul — ele, sim, falava a verdade. — E você?

— Sou de Curitiba.

Logo os fogos de artifício, de várias cores, foguetes de dezoito tiros, cascata e rojões, começaram a estourar. Jorge e Marcos traziam sidras, que abriram e foram tomando no bico mesmo e ofereceram para as duas, que não eram muito de beber, mas não eram de recusar. As duas se deixaram levar pelos dois que já estavam muito a fim delas. A simpatia de Isabela conquistou Jorge, que em vinte minutos de conversa já estava beijando-a. Marcos com a atração física correspondida fez o mesmo com quinze minutos de conversa. Eles só queriam curtir, mas essa curtição acabaria mal para Clara.

Depois que os fogos acabaram, eles foram para dentro da casa noturna e resolveram beber mais um pouco. Passou um tempo e elas resolveram ir ao banheiro.

— Nossa, que gata você pegou, hein Marcos?

— E você como sempre pegou um “dragão”.

— Que é isso? Sua prima é gente boa, não importa se ela é gorda, é mulher igual às outras.

— Já estou cansado desse seu papo — ele se retirou e foi falar com Clara.

— Vamos ficar a sós lá na praia? — convidou-a, sendo o mais cordial possível, ela aceitou.

E foi na praia mesmo que aconteceu, depois da bebedeira e alguns beijos, ali eles se entregaram ao desejo dos seus corpos, sem proteção, o que resultaria, mais tarde, em uma gravidez indesejada. Depois disso, Clara nunca mais viu Marcos, pois ele havia mentido sobre seu endereço e sua

prima também não sabia onde ele foi morar, havia perdido o contato.

A criança cresceria sem pai. Mas ela não ficou chorando o leite derramado, foi à luta para cuidar do seu futuro que, conseqüentemente, seria o futuro de sua filha. Procurou fazer faculdade de jornalismo, não parou de estudar música e já estava até fazendo um estágio. Isso antes e depois do parto, com a grande ajuda dos seus avós corujas. Pena que o acidente colocou todo aquele esforço por água abaixo.

A conversa de João e seu Leopoldo continuava e o clima entre eles era cada vez pior.

— Por causa desse vício perdi as pessoas que mais amava, quer motivo maior que esse?

— É fácil botar a culpa no álcool.

— Não importa o que você pense, eu tenho direito de estar com a minha neta.

— É o que vamos ver na Justiça.

— Não devo mais nada para a justiça. E eu nunca tive a intenção de causar mal à minha família.

— Não diga que foi sem querer de novo, seu irresponsável inconsequente.

— Pode me xingar, mas isso não vai trazê-las de volta, e não é justo que a Ana sofra por nossa causa.

— Não me envolva nisso, a culpa é sua, e não quero mais ver sua cara!
— com os nervos à flor da pele ele se foi.

O céu estava escurecendo, aos poucos o azul celeste dava lugar ao laranja, que parecia colocar fogo no céu, esse fogo se apagava, então aparecia uma fumaça escura que escurecia o céu e o enchia de cinzas brilhantes.

Ao entardecer Pedro estava indo até a cooperativa *Recomeço*, por causa de um telefonema que Adriana havia lhe feito. Disse que era muito importante, sua voz era aflita e ele ficou preocupado. Mas, saindo de São José dos Pinhais, sua pressa foi inútil, era horário de pico, os carros pararam na avenida. Adriana teria que esperar um pouco, mas essa espera a assombrava, estava com medo de pôr o pé para fora da cooperativa.

Entretanto, ela fez a denúncia, contou todos os detalhes do caso, com

suas descrições, foi feito o retrato falado do criminoso, o que ela esperava? Porém a coragem de ontem virou o medo de hoje e foram inevitáveis as lembranças que passaram por sua mente feito um filme, mas ela não conseguia apertar o *pause* nem ejetar o DVD. Além de toda aquela história que ela havia contado a seus pais, ficou imaginando que aquele capanga do Cabeça, que já tentou matá-la três vezes, a qualquer momento poderia entrar por aquela porta.

Então ela estaria mais segura lá fora, onde, em meio ao movimento das pessoas circulando, seria mais difícil alguém se atrever a fazer qualquer coisa com ela. Pensando nisso, ela se dirigiu até a saída com relapsos de memórias em sua mente:

Nas ruas nostálgicas do Lago da Ordem, próximo ao chafariz em forma de cavalo que jorra água pela boca, Adriana caminhava, com frio, enrolada em seu cobertor. Devido ao horário, havia pouca iluminação, era raro algum transeunte aparecer por ali, tudo estava calmo, silencioso, mas tinha que aparecer o mar da desordem. Tratava-se de um homem que queria matá-la.

Quando ela passava em frente ao chafariz, ele mirou com sua pistola com silenciador bem na cabeça dela. Mas não seria agora a sua sentença injusta, pois ela viu uma moeda de um real no chão e se abaixou para pegá-la e, nesse momento, por um segundo, ela escapou do tiro, que atingiu o cavalo, fazendo a água vazar pelo buraco da bala. Mesmo assustada, seu instinto de sobrevivência a fez permanecer no chão e rastejar o mais rápido que pôde até contornar o chafariz, para poder se esconder atrás dele. O atirador estava pasmo, pois, além de ter errado o tiro, foi ele mesmo que por descuido derrubou aquela moeda pensando:

“Ah eu não vou juntar essa mixaria, ela logo vai passar por aqui, preciso me esconder”.

Ao se recuperar desse cúmulo, o assassino continuou a atirar, só que agora de raiva, mas, depois de dois tiros, ele recuperou a razão. Precisava matá-la, não podia ficar desperdiçando balas e também não podia chamar a atenção. Então resolveu ir atrás da mulher.

Adriana começou a ouvir seus passos, rápidos, firmes e ansiosos. Mas não mais do que o coração dela, o qual, antes de se apavorar, teve essa ação a mando de seu cérebro, que agora comandava seu corpo, fazendo-a

levantar, correr e gritar:

— Socorro! Por favor, alguém, socorro!

— Não adianta gritar, eu vou te pegar.

Mas ela continuava a gritar mais ainda, não morreria como ovelha. Se fosse ovelha, acabara de se tosquiar, jogando seu cobertor de lã no chão. Sem querer, ela molhou o cobertor no chafariz, devido ao seu comprimento, que arrastava no chão e assim foi molhando o chão, e o bandido escorregou, antes que ele pudesse sacar a arma novamente.

— Oh, desgraçada, eu te pego!

O assassino caiu de costas, xingando não só pelo tombo, mas também pela dor.

Em outra ocasião, isso seria um prato cheio para ela dar risada, até se rachar de rir, mas o medo era tanto que ela nem olhou para trás, continuou correndo, até virar uma esquina e despistar o criminoso.

Por isso seu medo era tanto ao sair pelo portão da cooperativa, os minutos que se seguiram até a chegada de Pedro pareciam uma eternidade. Por que ele estaria demorando tanto?

Pedro, por sua vez, ainda estava tentando fazer o carro andar, já tinha andado um pouco mais, atravessado alguns cruzamentos, mas tinha que parar muito, principalmente em ruas próximas de escolas e empresas. Já estava pensando em uma rota alternativa, quando seu celular tocou.

— Alô, Adriana, meu amor!

— Amor, você vai demorar?

— Um pouco, parece que tem mais carro que gente em Curitiba.

Levando em conta que em Curitiba tem um milhão e meio de habitantes, seria carro a dar com pé, ou melhor dizendo a dar com roda.

— Então te espero na delegacia.

— É tão sério assim?

— Sim, bem sério, depois te conto, você vai para lá?

— Sim, mas, se não chegar a tempo, não deixe de me ligar.

— Está bem, um beijo.

— Outro, até mais.

“Por que, entre tantas mulheres, eu tinha que namorar logo uma jurada de morte?”

Seu coração não lhe responderia essa pergunta, mas, se esse tipo de entrega a uma mulher tão especial pode ser considerado loucura, pelo risco de perdê-la e ainda ser alvo também, é melhor ser louco. O pensamento racional em busca de uma vida normal e segura é tão fácil e tão entediante quanto perigoso, levando em conta que é normal ser estressado, inseguro, desanimado, semi-livre e feliz.

Na delegacia Adriana encontrou Enrique, um policial negro, assim como o irmão Pedro.

— Oi, Henrique, tudo bem?

— Oi, Adriana, bom, se você está aqui, presumo que não está tudo bem.

— Eu preciso fazer uma denúncia.

— Quer que eu te acompanhe até a sala do delegado?

— Não, obrigada!

— De nada – ele não conseguia tirar o olho dela, afinal era mesmo uma mulher incrivelmente irresistível.

— O que você está olhando? — disse Pedro, que acabara de chegar.

— Nada. — Mentiu, com um sorrisinho cínico nos lábios.

— Gostaria que eu olhasse para sua mulher?

— Qual delas?

— O quê? Já se separou de novo?

— Eu não te contei? — Brincou mais uma vez, fazendo Pedro revirar os olhos em desaprovação.

— Não, mas também não importa. Só quero que tire o olho da Adri.

— Calma, não vou roubá-la de você.

Enrique era mulherengo, não era tão irresistível, mas se garantia na conversa, por isso não ficava com nenhuma mulher por muito tempo. Era um policial sério, honesto, mas se tratando de mulher, ele fazia qualquer coisa para ter suas conquistas para si.

Na sala do delegado, Adriana contou tudo que ficou sabendo sobre a encomenda do seu assassinato. O delegado quis saber a fonte, mas ela disse que não sabia nem o seu nome e não queria comprometer o rapaz que já era ex presidiário.

— Nós vamos investigar, eu recomendo que você tome cuidado, seria melhor nem sair muito, você tem proteção policial, mas não posso pôr uma escolta para você.

— Eu vou me cuidar, mas não vou ficar enclausurada em minha própria casa.

— Você é quem sabe, eu vou fazer o possível para protegê-la.

— E quanto ao Cabeça, algum sinal dele?

— Temos algumas pistas, é provável que ele esteja fora do país, daí o caso passa a ser de outra jurisdição.

— É, parece que não será fácil.

— Ele tem uma quadrilha, logo prenderemos alguém que nos fará chegar até ele.

— Espero que sim, já disse tudo que queria, já vou indo — disse se levantando.

— Fique tranquila, vamos dar um jeito — disse, apertando sua mão, passando-lhe confiança.

Fora da sala, Adriana encontrou Pedro, ela o abraçou e o beijou no instante em que o viu, sentia-se aliviada ao tê-lo por perto. Contou tudo que disse ao delegado e lhe fez uma pergunta.

— Achava melhor ficar na sua casa, pode ser que descubram onde eu moro.

— Na minha casa?

— Sim, algum problema?

— Não, só estou surpreso, mas tudo bem, quando?

— Quanto antes melhor, mas ainda tenho que falar com meus pais e arrumar minhas coisas. Eu te aviso, está bem?

— Sim, eu vou arrumar a casa para você.

— Não se preocupe com isso, a casa está ótima do jeito que está — respondeu, com um sorriso sincero.

Pedro não estava à vontade com aquela ideia, havia um segredo, algo que lhe dava vergonha e medo de perdê-la, assim como aconteceu com sua ex-namorada. Adriana era diferente, mas ele já tinha percebido seu incômodo, em momentos mais íntimos do relacionamento, e ele temia muito que isso os afastassem completamente.



Chegando em casa, Adriana preocupou seus pais, dando-lhes a notícia.

— Mas, filha, você pode ficar aqui até pegarem esse bandido — disse sua mãe, muito aflita.

— Eu também acho, filha, eles não vão se atrever, a polícia está aí na porta.

— Eu sei, mas não quero que vocês corram risco, e meu carro é blindado, e meu namoro com Pedro não é público.

— Você nem se casou com esse garoto e já vai morar junto com ele, para que insistir em algo que não vai dar certo?

— Ele não é nem um garoto, é muito mais homem que muitos mais velhos por aí, e está dando muito certo.

— Você logo vai se cansar dele.

— Pare de implicar, mulher, deixe ela ser feliz, já não basta que ela corra risco de vida?

— Está bem, desculpa, mas você poderia esperar meu aniversário, vai ser amanhã, o Pedro vai, né? — A mãe pediu, com carinho.

— Para quê, para você destratá-lo?

— Não, eu vou me conformar com a sua escolha... afinal, você não é mais uma garotinha, não é mesmo.

Adriana sorriu, satisfeita.

O dia da festa chegou. Pedro foi convidado. O lugar não era do seu conhecimento, nem do de Adriana, mas seguiram o endereço indicado, no convite de Pedro. Era na mansão de uma amiga que, por acaso, tinha um salão de festas em casa, só que ficava no segundo andar, e a casa não tinha nenhuma acessibilidade para cadeirantes.

Quando eles chegaram ao local, admiraram-se com o tamanho e a arquitetura da mansão, era clássica, semelhante às mansões antigas da Europa.

Eles entraram e passaram a admirar a grandeza daquela linda mansão, até aí Pedro não teve nenhum problema, mas, quando souberam que a festa seria lá em cima, o deslumbramento que tinham até então, virou nervosismo.

— Desculpe-me, eu não fazia ideia — disse a dona da casa, completamente sem jeito.

Ela estava acompanhada do marido, antes que ele pudesse se desculpar também, Adriana se virou e disse:

— Não precisa se desculpar, eu sei quem é responsável por isso. Minha mãe está lá em cima?

— Sim, está.

— Então, com licença. — Quando ela ia subir, Pedro segurou seu braço.

— Pode deixar, eu subo assim mesmo.

Levantando-se, Pedro se apoiou no braço da cadeira e depois no corrimão da escada e, ficando de frente para ele e de costas para o outro corrimão, pois a escada era bem espaçosa, começou a erguer seu corpo e, conduzindo-o degrau a degrau. Por sorte a escada não era muito grande, Pedro se dedicara muito nas fisioterapias e havia adquirido força nos braços, mas se cansou um pouco.

Seu Getúlio, o dono da mansão, levou a cadeira até ele, impressionado com sua determinação. Adriana se acalmou, foi acompanhando Pedro, que trazia um presente.

Kátia se espantou ao vê-lo ali, seu plano não tinha dado certo, ela pensou que ele iria embora, mas teve que disfarçar e receber o presente dele e seus cumprimentos.

— Felicidades, dona Kátia, muitos anos de vida! —disse, estendendo os braços.

— Obrigada, Pedro.

Adriana olhava a cena com uma risada sínica e satisfeita. Kátia olhava-os com uma cara de desdém, mas ainda tinha um trunfo. Esperava que Pedro se complicasse na hora de ir ao banheiro, mas ele tinha trazido o *uripen*. E assim a festa seguiu normalmente sem nenhum transtorno. Alguns convidados cumprimentaram Adriana, pelo seu novo negócio, outros não entenderam sua nova postura de trabalho, entretanto, ela não queria nem

saber, logo teria sua loja de roupas populares e estava feliz.



O vento rasteiro levava um jornal pelas calçadas da Rua *Marechal Deodoro*, João, que passava por ali, pegou o jornal, e uma das notícias de destaque lhe interessou, inclusive a fotografia. Era a matéria sobre a entrevista que ele tinha dado ao jornal. Além dela, havia uma foto da sua esposa e da sua filha. Sua esposa de cabelo loiro cacheado, olhos e sorriso brilhantes, que lhe trouxeram à mente o brilho dos momentos felizes que eles passaram juntos. O gosto da sua boca, o cheiro dela, o cheiro dos seus cabelos macios e úmidos do banho recém-tomado. Nas noites em que ela o esperava para uma noite de amor, depois de um dia estressante de trabalho, era o único momento que fazia sentido, naquele dia. Mas suas bebedeiras acabaram com isso, antes mesmo de ela morrer.

No entanto, não fazia sentido ficar longe de sua neta, mas como se aproximar? Ele deu o primeiro passo, teria que dar o segundo. Criou coragem e, mesmo depois do que seu sogro disse, ele resolveu ir à casa da neta, ou melhor, ir a sua casa. Quando chegou, porém, lá viu que não havia ninguém. Perguntou para um vizinho, que lhe disse que eles haviam se mudado. Realmente eles estavam pensando nessa possibilidade, mas não seria para agora, isso foi só para despistar João. Ele poderia ficar na casa ao lado que afinal era sua, mas ela estava cercada de saudades.

Enquanto isso, Adriana finalmente voltou a falar com a mãe sobre seus planos, não queria deixar que nada mudasse o que tinha em mente.

— Você vai mesmo morar na casa do Pedro, filha?

— Não comece, mãe, e mais cedo ou mais tarde isso ia acontecer mesmo.

— Mas não se esqueça de nos visitar, filha — disse Silvio, fazendo charme.

— Pode deixar, pai.

— A gente pode ir lá? — perguntou Silvio, com interesse.
— Acho melhor não, vai que alguém segue vocês.
— Acho bom, nem quero saber daquele bairro de pobre — falou sua mãe.
— E aquele rapaz... disse que o tal capanga do cabeça ainda está preso?
— Só você mesmo para empregar um ex presidiário — comentou Kátia, balançando a cabeça negativamente.
— Ele disse que é inocente, Kátia — respondeu o marido, irritado.
— Quem garante que ele está falando a verdade?
— Ele não ganharia nada falando que é ex presidiário, mãe.
— Ela tem razão, e ele é um ótimo funcionário. Sabe, filha, eu estava pensando, tem uns pneus velhos lá na minha oficina, acho que você poderia reciclar.
— É verdade, dá para fazer chinelos, outros calçados, na minha loja eu já comecei a vender esses produtos.
— Eu não sei por que você a incentiva nesse novo negócio, trabalhar com lixo e com aquela gente imunda, que nojo!

Adriana revirou os olhos, bufando, impaciente com os comentários da mãe.

— É bom mesmo que eu vá embora, é duro de aguentar você, mãe, tchau!

— Eu não disse por mal, filha! — Era tarde, ela já tinha ido embora.

— Você devia pensar no que fala, não se esqueça de que ela já foi mendiga — comentou Silvio, em tom de seriedade.



Na casa de Pedro, depois de um dia de diversão juntos, em um belo domingo, logo após o jantar, os dois estavam aos beijos e assim caminharam para o quarto.

— Eu vou tomar um banho, amor, eu já volto, prontinha para você.

— Eu também vou tomar um banho no outro banheiro, e te espero na

cama, tá?

Quando Adriana saiu do banheiro, Pedro já estava dormindo na cama, ela não gostou e não conseguiu dormir direito. No dia seguinte, ele acordou cedo sem querer fazer barulho, mas ela percebeu, afinal, tinha sono leve.

— Já vai trabalhar?

— É, eu gosto de acordar cedo.

— Também... dormiu demais ontem.

— Desculpe, é que eu estava com muito sono.

— O que está acontecendo, hein? Já estou cansada, já faz três meses que a gente namora e nada... nunca nenhum homem me dispensou assim, não me leve a mal, Pedro eu só queria saber qual é o problema...

— Desculpe, é claro que eu gostaria de transar com uma mulher tão bonita como você, mas eu não consigo dizer.

— Mas não vai sair antes de dizer, eu não me importo com seu corpo, se é isso que está te constrangendo.

— Não é isso, é difícil para um homem dizer, que droga! Eu não consigo. Você sabe o que pode acontecer com um paraplégico depois de um acidente?

— Não, eu não sei, e é você que vai ter que me dizer.

— Eu sou impotente, é isso. Satisfeita?

— Nossa, eu não sabia — ela ficou envergonhada e baixou a cabeça.

— É, ficou chocada, né, vai querer me deixar também, não é?

— Como assim também?

— Eu já perdi a minha ex por causa disso, não quero perder você também.

— Eu nunca vou te deixar, deve ter algum jeito, a medicina está tão avançada, podemos procurar um tratamento e...

— E com que cara eu vou assumir para um médico que tenho impotência?

— Os homens e o seu machismo... por favor, né, Pedro!

— Eu vou pensar, agora preciso me arrumar para ir trabalhar.

“Espero encontrá-la quando voltar, a outra não teve coragem nem de se despedir.” Pensou, no íntimo de sua mente.

A outra a quem ele se referia era Camila, uma morena de parar o

trânsito. Quando começaram a namorar, o que mais a atraiu em Pedro foi sua boa aparência, seu corpo atlético de jogador de futebol. No decorrer do namoro, isso continuou. Ela deixou bem claro que desde cedo aprendeu a não amar para não se machucar. O seu relacionamento com Pedro era mais sexo, então depois da sua atual condição física, e a sua impotência, ela o deixou, quando seu acidente ainda era bem recente. Leva no mínimo dois anos para um cadeirante se acostumar com sua deficiência, com seu corpo e nesse tempo ele poderia buscar um tratamento, mas ela não quis espera-lo.

Pedro não se importava muito com o fato de ela não o amar, pois ter mulheres bonitas o deixou mal acostumado, pensava como ela. Mas, depois do acidente, ele começou a enxergar as mulheres de outra forma, pois sentiu na pele como era não ser visto além da sua deficiência. Então, se Adriana fosse só bonita, ele não gostaria tanto dela. Ele pensava que uma mulher que se garante só pela beleza se tornava feia. Mas Adriana era linda por completo. Ela disse que o ajudaria, que seu problema deveria ter algum jeito e ele queria muito acreditar em suas palavras.

CAPÍTULO 3

ESCRAVIDÃO NO SÉCULO XXI

O capitalismo extremo, aquele conquistado a qualquer preço, ainda continua escravizando muitas pessoas no Brasil. Há estatísticas que dizem que são cerca de 25 mil pessoas, em pleno século 21. Ainda há fazendas com trabalho escravo em diversos estados, como Pará, Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina, por exemplo.

Esses escravos são migrantes, na maioria dos casos do Maranhão e Piauí. São convencidos por rumores, que afirmam a existência farta de serviços em fazendas. Mesmo tendo que viajar por longas distâncias. O Tocantins e a Região Nordeste, tendo à frente os estados do Maranhão e Piauí, são grandes fornecedores de mão de obra.

Há migrantes que vão pela própria vontade, outros são aliciados por “gatos” (contratantes de mão de obra a mando de fazendeiros). O gato geralmente vem buscá-los de ônibus, de caminhão ou de pau de arara. Para fugir da fiscalização, pagam passagem para os migrantes de ônibus ou trem de linha, que depois será descontada do salário que eles pensam que irão receber.

O destino principal é a região onde a agricultura se expande, onde há desmatamento da Floresta Amazônica, para fazer pastos e plantações. Os campeões de resgate do ministério do trabalho são Pará e Mato Grosso.

Há os peões de trecho. Nos “hotéis pioneiros”, onde se hospedam à espera de serviços e são encontrados pelos gatos, que “pagam” a dívida dos peões e os levam para as fazendas. Assim eles se tornam devedores e passam a trabalhar para pagar sua dívida.

São feitas promessas de trabalho justo e bem remunerado e com boas

condições de alojamento. Mas, quando o peão chega à fazenda, a realidade é outra, completamente diferente. A dívida do transporte aumenta em ritmo crescente, além de desconto de ferramentas de trabalho e outros produtos, de vestimenta e até alimentação, que sempre custam mais do que valem. É tudo anotado em um caderno. E no final do mês a conta é maior do que o salário. Isso se torna um círculo vicioso, impedindo os trabalhadores de deixarem o serviço, por conta das dívidas, eles permanecem assim. E os alojamentos são bem precários, várias pessoas dividem o mesmo cômodo, e não há saneamento básico.

Esse era o caso de Emílio, vítima de trabalho escravo, que aos vinte e cinco anos foi aliciado por um gato em Santa Catarina e com outros trabalhadores foi para o Paraná de Kombi, com proposta de serviço justo e bem remunerado. Mas, quando chegou lá, a situação era bem diferente.

Depois de ter dívidas com o dono da fazenda, e por conta delas e da vigilância armada, Emílio não poderia sair da fazenda. Mas não se conformar com a injustiça, pensava em fugir. E foi em um carregamento de legumes, derivados da plantação da fazenda que ele fugiu. Enquanto carregavam o caminhão, ele deu um jeito de se enfiar no meio da carga, seu corpo magrinho facilitou. O caminhão seguia viagem para o Ceasa de Curitiba.

Quando o caminhão teve que parar em São José dos Pinhais, por causa do pedágio, Emílio pulou da carreta do caminhão, que era coberta com lona. Na cancela ao lado havia um carro da polícia civil; ele, sem pensar, ao avistar o veículo, correu em direção dele. O policial que dirigia o carro era Enrique, irmão de Pedro. Ele viu o rapaz pular do veículo e ficou desconfiado, mais ainda quando ele foi até a viatura. O motorista e seu auxiliar também viram, mas fingiram que não viram nada e seguiram viagem.

— Por favor, me ajude!

— Entre aí.

Ele não podia ficar ali esperando, então só pediu para que ele entrasse.

— Eu estou fugindo de uma fazenda que tem trabalho escravo.

— Aquele caminhão é da fazenda? — perguntou

Enrique, interessado.

— Sim, está indo para o Ceasa.

— Isso não é nossa responsabilidade, vamos encaminhá-lo para a

delegacia do trabalho. — Ao perceber que estava sendo seguido, o motorista do caminhão aumentou a velocidade.

— Agora é — disse Enrique para o outro policial, que estava ao seu lado.

Enrique também aumentou a velocidade e começou a seguir o caminhão, a viatura estava quase alcançando o caminhão, estava dando sinal para ele encostar, mas o motorista não obedecia.

— Por que está correndo? Agora você vai piorar as coisas — falou um deles, visivelmente assustado.

— Eles iam querer parar a gente de qualquer jeito!

Quando a viatura estava quase emparelhando com o caminhão, vinha outro carro em frente. Enrique teve que acelerar e ultrapassar. Depois foi para o acostamento e diminuiu a velocidade até ficar ao lado do caminhão.

— Encoste agora!

Mas o motorista jogou o caminhão para cima da viatura, forçando Enrique a andar pelo mato baixo. O veículo em fuga ganhou tempo e seguiu na frente da viatura.

— Agora eu vou pegar esse desgraçado.

Enrique acelerou novamente com determinação.

— Acho melhor pedir reforços — disse o outro policial, pegando o rádio.

— Não tem viatura disponível? — disse Henrique ao escutar a resposta vinda do rádio. — Mas eu vou pegá-los.

Ele estava determinado, acelerando o veículo, foi até o acostamento de novamente, ficando lado a lado com o caminhão novamente e sacou a arma, rapidamente.

— Se você não encostar, eu atiro — disse, apontando a arma.

— Você vai arriscar a vida dos outros? — disse o auxiliar do motorista em tom de deboche. E já estava jogando seu veículo para cima da viatura novamente.

Enrique, com a arma ainda apontada, atirou no pneu dianteiro e,

diminuindo a velocidade, voltou para a estrada. Ademir, o motorista do caminhão, vendo que a polícia não estava para brincadeira, resolveu parar o caminhão no acostamento.

— *Tamo ferrado.*

— A culpa é sua, seu idiota, por que fugiu da polícia?

— Mas eu vou fugir.

Ademir atravessou a rua antes de os carros passarem, o outro foi pego pelos dois policiais. A raiva de Emílio era tão grande que ele mesmo foi atrás de Ademir, atravessou a rua rapidamente se arriscando, por causa de carros que estavam chegando perto.

Emílio correu atrás dele, que estava se escondendo atrás de algumas árvores. Estava difícil alcançá-lo, mas, usando a cabeça, Emílio pegou um pedaço de galho de árvore e bateu nas pernas do bandido, que caiu no chão e foi imobilizado por Enrique, que acabava de chegar e o algemou. Os dois foram levados para a delegacia, pois, além de terem que dar explicações sobre o porquê Emílio estava na carreta do caminhão, teriam que dizer por que estavam fugindo da polícia.

Depois de acusá-los na delegacia, o delegado disse que só poderia prendê-los por terem fugido da polícia, mas isso não era muita coisa. Disse que ele precisaria ir até à delegacia do trabalho, prestar queixa para que a fiscalização comparecesse na fazenda para comprovar a existência do trabalho escravo. Enrique se ofereceu para levar o rapaz até a delegacia do trabalho, e foi o que ele fez.

A caminho da delegacia, ele fez algumas perguntas:

— Você não é daqui do Paraná, né?

— Não, sou de Santa Catarina.

— Algum gato te aliciou para você trabalhar nesta fazenda?

— Sim, ele me trouxe para cá numa Kombi, junto com outro. Ele me ofereceu serviço bom, mas, quando cheguei aqui, era tudo mentira. Eles me cobraram tudo, transporte comida, moradia. Mas cobraram muito, foi injusto, eu não recebi. E não pude sair da fazenda também porque tinha gente armada vigiando.

— É, eu soube de um caso em Curitiba parecido com o seu.

— Ah, é?

— Sim, e com certeza o dono dessa fazenda tem outras fazendas com trabalho escravo.

— Então tem mais gente sendo enganada?

— Sim, nesse caso que teve aqui em Curitiba, foi numa construção de um condomínio. Migrantes do Piauí e Maranhão foram contratados por um gato para trabalhar em Curitiba. E, como você, tiveram que pagar tudo. Quem os trouxe foi uma empresa acostumada a fazer esse tipo de coisa. Forneceram a mão de obra para a construção e depois se mandaram. A construtora que teve que se explicar. Eles ficavam em alojamentos com um banheiro só, o esgoto era a céu aberto, eram seis pessoas no mesmo quarto.

— Lá na fazenda era assim também.

Esse caso a que Enrique se referia é real. E mesmo em condições irregulares, a moradia e a comida eram descontadas. Havia desconto também de EPIs e ferramentas, o que era inadmissível.

De legal a empresa só depositou o FGTS, mas a construtora que disse não saber da prática da contratante de mão de obra terceirizada pagou os trabalhadores, inclusive custeou a volta deles para seus estados.

Segundo a fiscalização, os trabalhadores estavam alojados em residências nos fundos de outra residência em condições degradantes, amontoados em beliches, sem roupa de cama, com um banheiro para trinta e cinco pessoas mais ou menos. Essa residência também tinha outra família que não trabalhava na construção, inclusive com outras crianças no meio. A casa era alugada.

Alguns estavam há um mês na obra; outros há três meses, eles reclamavam de terem sido enganados, a proposta foi outra, com salários bem acima do que o mercado costuma a pagar.

A construtora não tinha ideia dos alojamentos, como sempre acontece. O caso de Emílio era só mais um entre tantos.

— O que você pretende fazer, como vai voltar para onde você morava?

— Eu não sei, espero que a lei me ajude, quero receber pelo meu trabalho, não tenho nem como voltar para casa.

- E você não tem nem onde ficar?
— Não, estou ferrado.
— Eu posso te ajudar, pode ficar lá em casa por um tempo.
— Não sei, sabe... você já me ajudou muito, não quero incomodar mais...
— Por que não? Não precisa ter vergonha, esse é o meu trabalho.
— Está bem, eu aceito.

Com essa conversa, logo eles chegaram até a delegacia do trabalho. Lá, Emílio fez a sua denúncia, mas pediu que fossem rápido fiscalizar o lugar, antes que o dono da fazenda descobrisse que os responsáveis pelo transporte dos legumes colhidos na fazenda estavam presos e fugisse de lá. Também relatou que o dono da fazenda estava viajando, provavelmente não voltaria logo.

Logo, a fiscalização foi feita. Os responsáveis pela fazenda na ausência do dono ficaram sabendo da fuga e da prisão de Ademir e seu auxiliar, mas não puderam dar fim às provas, houve uma revolta dos trabalhadores e eles foram ameaçados pela segurança armada.

- Vocês vão ter que sair daqui agora!
— A gente não vai sair, vamos esperar a fiscalização chegar — disse um deles que veio para fazenda junto com Emílio, que inclusive o encorajou a fugir.
— Vocês vão embora, agora! — Agora ele apontava a arma para eles.
— Você vai matar a gente e complicar as coisas para você.

Ele era esperto, os seguranças não conseguiram o que queriam, mas fugiram da fazenda juntos com os outros que estavam envolvidos. Quando a fiscalização chegou, o que encontraram foram moradias que não tinham saneamento básico, no local existiam apenas duas instalações sanitárias e distantes, cerca de uns cinquenta metros. O local para banho era num buraco aberto no solo, mas adiante havia outro buraco onde era retirada a água para uso doméstico.

As instalações eram de madeira e sem vaso sanitário, com apenas um corte na madeira estilo *patente*, e serviam para trinta e nove pessoas. Não havia privacidade, pois, além de morarem todos juntos, nas casas não havia ripa para cobrir as frestas da madeira das casas precárias. E também as portas

eram devassáveis e tiravam toda a privacidade deles.

Como Emílio já havia dito na sua denúncia, os trabalhadores disseram à fiscalização que foram aliciados em Santa Catarina, com boas propostas de ganho e bons tratos e posteriormente foram transportados por uma Kombi. Ao chegar à fazenda, viram que a realidade era bem diferente. Os trabalhadores ficavam em alojamentos imundos, precários, eram obrigados de modo geral a fazer compras num boteco da fazenda, onde eram explorados com preços exorbitantes. Além disso, havia segurança armada diuturna. Eles trabalhavam em risco, pois aplicavam agrotóxicos nas plantações sem qualquer proteção. Esses agrotóxicos eram armazenados de forma inadequada junto com combustíveis, ao lado das moradias.

Os trabalhadores diziam que no final da safra deveriam receber o dinheiro, do qual eram descontados a comida, o combustível, os agrotóxicos utilizados, o equipamento utilizado e qualquer manutenção deste. Sendo assim, no final da safra, não tinham nada para receber. Também não havia qualquer documento de trabalho, seus documentos haviam sido detidos, não poderiam se ausentar da fazenda, trabalhavam desde o amanhecer até o anoitecer, inclusive em fins de semana e feriados.

Mais tarde, fazendo investigações, descobriram que o dono da fazenda tinha outras fazendas com trabalho escravo. Ele foi preso, mas com *habeas corpus* foi liberado. De qualquer forma, sua prisão era temporária. Depois de um tempo ele voltou à cadeia por conta de outras denúncias, dos outros crimes que cometeu em outras fazendas. Mas sua pena, que seria de dois anos e oito meses cumpridos em regime semiaberto, foi substituída por duas penas, uma de prestação de serviços à comunidade e outra de prestação pecuniária.

Esta história é baseada em fatos reais, essa pena é real assim como o primeiro condenado criminalmente por trabalho escravo, Antônio Barbosa de Melo da fazenda Alvorada em Água Azul do Norte, sul do Pará, teve sua pena convertida em pagamento de trinta cestas básicas por seis meses.

Mais um absurdo da legislação brasileira. Feita para nós, sem sequer pedir nossa opinião, e ainda chamam nosso governo de democrático. Sugam-nos, sentados em suas cadeiras para inventarem um monte de projetos de lei inúteis e sem eficácia. Como nesse caso, o Código

Penal parece ter pena dos criminosos. Sendo assim, a pena é aplicada com vigor, com vigor de pena do condenado.

CAPÍTULO 4

PAIXÃO INESPERADA

Depois da conversa que Pedro e Adriana tiveram, ele resolveu buscar tratamento. Hoje em dia existem médicos especializados para tratar desse problema de impotência para quem sofreu uma lesão medular. São urologistas e psicólogos que fazem terapia sexual com o casal. Além disso, em centros de reabilitação há médicos fisiatras e uma equipe para tirar dúvidas. Pedro até pensou em implantar algo assim em sua ONG.

A intimidade é muito importante, as carícias nas preliminares são essenciais, além de medicamentos como Viagra. Noventa e cinco por cento desses casos são tratáveis. Com informação e acompanhamento médico, a relação de Adriana e Pedro estava indo às mil maravilhas.

Pedro ainda não havia apresentado sua namorada para seus pais, não encontrava tempo para isso. Mas surgiu uma ocasião: o aniversário do seu avô estava perto.

— Adri, sábado é aniversário do meu avô, vai ser na casa da minha mãe, vou te apresentar para os meus pais.

— Que bom! Já estava na hora de conhecê-los.

— Assim você pode conhecer minha irmãzinha também.

— Quantos anos ela tem?

— Três anos!

— Que fofa, adoro crianças!

— É, mais é bom você não gostar muito dela — avisou, dando uma risada engraçada.

— Por quê?

— Ela sobe na sua cabeça! — falou, fazendo Adriana rir e esperar

cada vez mais pelo momento de conhece-la.

Quando chegou o tão esperado dia em que Adriana conheceria finalmente a sua família, o casal encontrava-se ansioso. Quando chegaram a festa, todos os convidados já estavam presentes, inclusive seu Francisco, o avô de Pedro.

— Mãe, essa aqui é a Adriana, minha namorada — disse Pedro, aproximando-se discretamente da mãe, que arregalou os olhos ao ver a bela jovem ao seu lado.

— Nossa, que mulher bonita! — Disse o pai, cumprimentando-os gentilmente.

— É, ela é bem bonita — confirmou sua mãe, com um sorriso — espere aí, eu estou reconhecendo você... não é aquela modelo que estava desaparecida?

— Sim, sou eu.

— Filho, por que você não contou que namorava uma mulher famosa? — perguntou a mãe, visivelmente empolgada.

— É, filho, por que não disse?

— Que diferença faz, mãe? Eu já havia falado da Adriana para vocês, não precisava citar o fato de ela ser famosa.

— É por isso que eu gosto dele — falou Adriana, orgulhosa. Sentiu vontade de beijá-lo, mas na frente de seus sogros, se conteve.

— Só espero não ter que contar minha história para vocês.

— Não precisa, já sabemos pelos jornais.

— Oi — disse a irmã de Pedro, timidamente.

— Oi, menina linda, você que é a irmã do Pedro?

— Sim, tia da TV.

— Que gracinha, até você já sabe! — disse, abaixando-se para lhe dar um beijo carinhoso na menina.

Logo, outros convidados a reconheceram e ela teve que falar com todos, como previa.

— Filho, eu pensei que ela fosse como você, e ela é mais velha também. Acha mesmo que isso vai dar certo?

— Não acredito que você esteja dizendo isso.

— Acho que sua mãe tem razão, filho.

— Vocês não acham que já sou bem grande para vocês ficarem com

esse negócio de superproteção?

— Eu só não quero que você sofra, ela pode estar só com pena de você.

— É, filho, você disse que a salvou, pode ser isso...

— Por favor, parem, já basta a mãe dela... Onde está o vovô?

— Eu estou aqui, Pedro — falou o avô, aproximando-se com carinho do neto.

— Vovô! Feliz aniversário — ele abriu os braços para o abraçar e lhe entregou um presente que trazia consigo.

— Soube que você está namorando, quem é ela?

— É aquela ali — ele apontou para Adriana, que estava no meio dos convidados.

— Como ela é bonita! Quantos anos ela tem?

— Eu não falei, filho, que era estranho — disse a mãe mais uma vez.

— Eu perguntei por perguntar, “panela velha é que faz comida boa” — brincou o avô, lembrando um velho ditado popular.

— Papai, que é isso? — falou Zélia, mãe de Pedro.

— Viu, vocês são mais velhos que ele

— E quem é velho aqui? — falou o seu avô, em tom de brincadeira.

— Vovô, vovô! Quero bolo.

— Minha netinha, ainda não é hora...

— Quantos anos você vai fazer? — perguntou, interessada.

— Filha, não se pergunta essas coisas — falou Zélia, repreendendo a garotinha.

— Deixe, filha. — Ele se sentou em uma cadeira para falar com ela, que se sentou em seu colo. — Eu não sei, minha neta, quando nasci não tinha calendário.

— Não tinha “calidário”?

— Não, eu contava os dias pela lua.

— Pela lua? — a menina o olhava confusa.

— É, só que na lua nova eu me perdia.

A menina, coitada, não entendia, seu Francisco era bem-humorado.
Adriana, que estava chegando para cumprimentá-lo, deu risada.

— Oi, seu Francisco, feliz aniversário.

— Oi, você que é a namorada do meu neto, não é?

— Sim, sou eu.

— É parece que vou conseguir ver meus netos casados, só falta o Enrique criar vergonha e namorar pra valer.

— É claro que você vai ver a gente se casar, o senhor tem muita saúde ainda.

— Falando nele, olha ele aí.

— E aí, vô, como vai?

— Eu vou bem, obrigado. O que é isso, mais um par de meia? — disse, ao receber o presente.

— Sempre de bom humor, né?

— Oi, filho, só faltava você. — Falou Zélia, animadamente ao vê-lo.

— Oi, mãe, tudo bem? — falou, abraçando-a.

— Agora pode comer bolo? — A garotinha perguntou novamente, impaciente.

— Calma, filha, tem que esperar mais um pouco.

— Ah, mãe!

— Eu acho que pode, sim — falou o avô, sorrindo para a garotinha.

— Você sempre faz as vontades dela, né, pai.

— O que tem? Você até agora não me ofereceu nada, eu também quero comer.

— O senhor não tem jeito, né?

Atendendo ao pedido dos dois, cantaram os parabéns e começaram a cortar o bolo. Adriana aproveitou para conhecer melhor a família de Pedro, que ficava encabulado, pois sua mãe sempre falava dele como se ainda fosse uma criança, falou da sua infância, que ele só pensava em jogar bola. Quando ela ia buscar as fotos, ele disse:

— Ah, não, mãe, as fotos não!

— Por quê, filho? Você era ainda mais bonito quando era pequeno, quando era bebê então...

— Não o deixe encabulado — disse o pai, defendendo-o. — Vamos mudar de assunto... aliás, como está a ONG?

— Vai indo bem, mas estou querendo ampliar, colocar piscina para fisioterapia.

— Mas não tem a piscina do bairro?

— Sim, mas é pública, não dá para ficar à vontade.

— É verdade, mas como você pretende fazer?

— Estou atrás de mais doação, mas com esse caso das ONGS fantasmas está difícil alguém acreditar em mim.

— É, filho, eu ouvi falar — disse dona Zélia.

— Tem até empresários que sempre fizeram doações e nunca foram à ONG e agora estão fazendo visitas e entregando o dinheiro pessoalmente.

— É, meu neto, os bons pagam pelos erros dos maus.

— Se você quiser, eu posso te ajudar, amor — lembrou Adriana, ela sabia que Pedro era orgulhoso e não aceitaria sua ajuda financeira, mas não custava tentar, de qualquer forma.

— Não, que é isso? Eu dou um jeito — Pedro não queria aceitar dinheiro da namorada.

Com essa e outras conversas, a festa seguiu numa boa, os convidados se divertiram e saíam dali com muito para contar, porque estavam em uma festa onde havia uma pessoa famosa — fofocas que não agradavam Adriana —, mas ela não podia evitar, a não ser que não saísse de casa.

A festa acabou e os convidados começaram a ir embora. Enrique estava de moto e dessa festa iria para outra. Ele queria curtir uma balada, gostava de aproveitar sua vida de solteiro, não era de se lamentar pelos relacionamentos que não deram certo, ele pensava que a melhor coisa era procurar outra, não era de ficar sem mulher. E, apesar de não ser nenhum galã, se garantia na conversa.

Parando em um sinal vermelho, ao lado de uma praça, notou algo estranho; viu um homem se escondendo atrás de uma árvore, ele colocou sua mão por trás da cintura, parecia querer pegar alguma coisa e seu olhar estava fixo em uma mulher muito bonita de cabelos pretos, pele bronzeada e olhos verdes.

Enrique parou sua moto na calçada e, sem pensar duas vezes, foi até o homem suspeito, chegando por trás dele com cuidado.

— Ei, o que você tem aí atrás da cintura?

— Não é da sua conta! Quem é você?

— Eu sou policial e acho que você está armado.

— Eu não tenho arma nenhuma.

— Então erga a blusa para eu ver — Enrique perguntou já colocando a mão em sua arma.

Mas o homem foi mais rápido. Quando fingiu que ia levantar a camiseta, deu um pulo para trás e começou a correr em direção a um carro que estava estacionado, em um local público, na beirada do meio-fio.

A mulher se assustou e correu na direção oposta, parecia que sabia que era o alvo do homem armado. Vendo que não poderia alcançá-lo, Enrique correu para pegar sua moto e começou a persegui-lo. Eles estavam na *Rua Barão do Rio Branco*, a moto alcançava facilmente o carro, era uma moto de trilha, potente, para um carro popular. Em alta velocidade, o bandido avançou o sinal vermelho, mas Enrique continuou seguindo-o. Então ele deu uma virada brusca na direção do terminal do *Guadalupe*, Enrique era rápido e virou junto com ele. Chegaram à descida bem próximo do terminal, quando o cruzamento estava movimentado, o fugitivo teve que dar uma freada brusca e sair do veículo correndo para o terminal. Havia alguns garotos carregando uma pequena rampa, eram skatistas, e deixaram a rampa do lado do meio fio para descansar. Enrique foi em direção à rampa que estava bem na esquina e saltou por ela, pulando por cima do carro e caindo no final do cruzamento, dando uma derrapada. Os skatistas já gritavam, à essa altura:

— É isso aí, cara, *uhul!*

Ele desceu da moto e começou a correr pelo terminal atrás do assassino, que rapidamente entrou num ônibus. Então Enrique desistiu de persegui-lo. Mas ele ficou curioso, será que ele queria matar aquela mulher, ou queriam sequestrá-la? Quem ela era e porque correu assustada?

Ele resolveu fazer o caminho de volta e ir à procura daquela mulher, que lhe chamou atenção não só pelo acontecido, mas por ser muito bonita, mas, além disso, havia algo nela que ele queria conhecer, era alguém intrigante. Pela sua experiência, ele sabia que talvez ela não fosse inocente, poderia ser uma queima de arquivo, ou então uma dívida de drogas ou coisa assim.

— Chefe, eu a perdi — dizia Lúcio, um assassino de aluguel.

— Como assim a perdeu? Você precisa matar essa maldita!

— Dei azar, apareceu um *cana*.

— Um policial? Era federal?

— Não sei, ele estava sem uniforme, me perguntou se eu estava armado, eu consegui fugir, mas ele me seguiu de moto, e eu tive que sair do carro e

fugir a pé e depois de ônibus.

— Dê um jeito de encontrá-la, eu te disse onde ela morava, lembra?

— Sim, mas ela veio para o Paraná.

— Mas dê um jeito, pega ela, e logo!

— Certo, chefe — disse, desligando o celular.

Enrique procurou, mas não achou a mulher misteriosa, e o seu espírito de festa desanimou, sendo assim, resolveu voltar para casa.

Dois dias depois, ele precisou falar com Pedro, disse que o delegado tinha mais notícias sobre o caso de Adriana e queria falar também do que havia acontecido dois dias atrás, pois pela primeira vez estava apaixonado por uma mulher, não era mais só desejo por uma mulher bonita, ele não conseguia tirá-la da cabeça.

— Nossa! Aconteceu tudo isso quando você foi embora da festa?

— Sim, e tem mais, essa mulher não sai da minha cabeça.

— O quê? Você, apaixonado?

— Que é isso? Está maluco, claro que não!

— Como ela era?

— Ela é bonita, tem olhos verdes, pele um pouco morena, cabelos pretos lisos.

— Espere aí, eu acho que já vi alguém assim — Pedro começou a olhar para o nada, tentando lembrar.

— Tem certeza?

— Ontem teve uma mulher com essas características que veio procurar emprego aqui.

— Será que ela vai voltar?

— Não sei, ela deixou um currículo.

— Será que você consegue pegar esse currículo?

— Eu não sou secretário, esqueceu?

— Eu sei, mas você pode me ajudar, né?

— Você está tão interessado assim nela?

— Ah, qual é, cara, me dá uma força vai?

— Pedro provocava, pois ele nunca pediu ajuda para conquistar uma mulher.

— Calma, eu acho que ela vai voltar, ela me pareceu uma boa profissional.

— Como você sabe?

— Conversei com ela, ela disse que passou um tempo na Espanha, então deve saber falar outras línguas, isso é fundamental, querem uma representante na parte de exportação.

— Então me deixe informado sobre isso, está certo?

— Está certo, eu te falo qualquer coisa.

Realmente aquela mulher misteriosa voltaria a aparecer na empresa onde Pedro trabalhava. O gerente da montadora de automóveis, Ramiro, estava dando uma olhada nos currículos que a secretária tinha separado. Um deles lhe chamou a atenção, por causa do nome e sobrenome: Cristiane da Silva, seu sobrenome bem comum, por isso nem a secretaria estranhou, mas, além disso, a idade também lhe chamou a atenção: 28 anos.

“Não pode ser, será que é ela?”

Em meio a esse pensamento de Ramiro, a secretária entrou no escritório.

— Cecília, ligue para essa mulher — informou para a secretária, mostrando o currículo —, quero marcar uma entrevista com ela para amanhã.

— Sim, senhor, para que horas?

— Às nove está bom.

Cecília achou estranho ele se interessar assim tão rápido por algum candidato à vaga. Ele era bem exigente, e aqueles candidatos não pareciam satisfazer suas expectativas, contudo, tinha ordens a cumprir.



Cristina da Silva estava do lado de uma mulher que se recusava a fazer algo, ela estava em prantos, quando de repente um homem apontou-lhe uma arma na cabeça e, friamente, disparou.

— AAAAAA!! — Cristina acordou, gritando.

O telefone tocou e ela se recuperou do susto para atender, aquele sonho já a perturbou antes, era uma lembrança de um passado que ela queria esquecer.

- Alô, quem é?
— Bom dia, é Cecília, a secretária da montadora, lembra-se de mim?
— Sim, lembro-me.
— Eu estou te ligando para te comunicar que o gerente quer fazer uma entrevista com você hoje.
— Hoje?
— Sim hoje, às nove horas, está bom para você?
— Sim, eu posso. Muito obrigada, até daqui a pouco.

Enquanto isso, não muito longe dali...

- E aí, Lúcio, já fez o serviço?
— Não, chefe, tem polícia na área.
— Quê?
— É, chefe, polícia, e é federal.
— Droga, aquela idiota deve ter chamado a polícia — ele fechava a mão de raiva.
— Era para você ter matado ela antes.
— Não deu, aquele cara apareceu, eu tô fora.
— Você tem que matá-la.
— Não até a poeira baixar.
— Se bem que ela já deve ter contado tudo para a polícia, e se te pegarem vai ser pior, sai daí, agora. A casa caiu.
— Falou, chefe.

Por alguma razão, Ramiro estava ansioso para entrevistar Cristina.

- Cecília, quando a Cristina chegar, mande ela ir à minha sala.
— Sim, senhor.

Ainda faltavam quinze minutos, mas ele queria estar certo de que se tratava de quem ele pensava. Olhou o currículo mais uma vez com muita atenção.

- Só pode ser ela, tudo confere, até o local de nascimento.

Já eram nove horas, Cristina já estava para chegar. Ela era pontual e já estava batendo na porta do gerente.

- Pode entrar.

— Com licença, bom dia, o senhor é o gerente?

— Sim, sou eu, você deve ser a Cristiane.

— Sim, eu vim para a entrevista, só tem eu para ser entrevistada? — disse, olhando para os lados.

— Sim, só tem você, pode se sentar — disse, indicando a cadeira que estava à frente da escrivaninha.

— Você pode me entregar seus documentos, por favor? — disse, então Cristina entregou-os rapidamente. — Esse é o nome de seu pai e sua mãe?

— Não sei da minha mãe, quando era bem pequena perdi o contato com ela.

— Por quê? O que aconteceu?

— Desculpe, isso é um assunto pessoal.

— Você não sabe se tem um irmão?

— Sim, segundo meu pai me disse, eu tenho um irmão.

— E como ele se chama?

— Acho que se chama Ramiro, por quê? — Cristina já estava curiosa com o porquê de todas aquelas perguntas e até com certo receio.

— Ramiro da silva?

— Sim, como o senhor sabe? O senhor o conhece? — ela olhou bem nos olhos dele, erguendo as sobrancelhas.

— Sim, conheço ele muito bem.

— Onde ele está, por favor, me diga? — ela se levantou, estava eufórica.

— Sou eu mesmo.

— O senhor?

— Eu me chamo Ramiro da Silva, meu pai se chama Valério da Silva, eu não o vejo há 26 anos, nem ele nem a minha irmã, que na época tinha dois anos e eu dez.

— Não pode ser, é você mesmo, meu irmão, oh meu Deus!

Os dois se abraçaram fortemente, havia muitas dúvidas na cabeça da Cristina, mas ela não conseguia nem falar, seu coração estava saindo pela boca, as lágrimas borravam sua maquiagem, que ela tinha feito simplesmente para uma entrevista de emprego, querendo causar uma boa impressão, mas seus passos e a sua necessidade a levaram onde ela não poderia imaginar.

— Mas o que aconteceu nesse tempo? Minha mãe estava louca atrás de você!

— A mãe estava louca atrás de mim, mas ela não me abandonou na casa do meu pai para fugir com outro homem?

— Não, que é isso? Quem te disse isso? Ah, só pode ter sido o mau caráter do nosso pai.

— Como assim, não foi isso o que aconteceu? — ela começou a se sentir mal, todas aquelas emoções eram demais para ela.

Estava perplexa, será que todos esses anos estava vivendo uma mentira? Não estava entendendo nada, esforçava-se para lembrar-se da mãe, invejava as crianças que tinham mãe e eram levadas por elas ao colégio e as enchiam de carinho, dizendo eu te amo. Seu pai não sabia brincar das brincadeiras de menina, não “soube” responder suas dúvidas, à medida que seu corpo estava crescendo, pouco sabia compreender sua feminilidade. Ela sempre sonhou com uma mãe e, quando teve idade suficiente para saber a realidade, seu mundo desabou. Ela havia sido abandonada por causa de um amante, deixada para trás como algo sem importância, nenhuma visita, nenhuma carta, nenhum telefonema, nada. Tudo de bom que ela poderia sentir pela mãe se transformou em ódio.

— Ele deve ter inventado alguma mentira para você, o que ele disse?

— Ele me disse que nossa mãe me abandonou por causa de um amante, foi morar com ele e nunca mais deu notícia.

— Não, foi o contrário, ele traiu nossa mãe e nunca mais voltou, depois que ela se separou dele, ele só voltou para te visitar e depois te sequestrou.

— Não pode ser, meu pai mentiu para mim esse tempo todo!

— Sim ele mentiu, eu te garanto, eu sempre quis te conhecer, ele te falou algo sobre mim?

— Disse que você quis ficar com ela, e eu não entendi porque também nunca apareceu.

— Ele mentiu, em que lugar você cresceu?

— No Piauí.

— Nossa! E como venho parar aqui no Paraná?

— Vim por um motivo pessoal, é uma longa história, depois te conto.

— O que aconteceu? — ela pensou um pouco antes de responder, enquanto enxugava as lágrimas.

— Não quero falar sobre isso agora, estou muito emocionada, nunca poderia imaginar que encontraria meu irmão.

— É, eu também estou feliz, você quer um copo de água?

— Sim, eu aceito.

Agora tudo estava claro para Cristiane, claro como aquela água, mas mais uma verdade estava por vir, uma verdade que fugiria da sua compreensão.

— Mas onde está nossa mãe?

— Nossa mãe está em Pinhais.

— É lá que ela mora agora?

— É... mais ou menos, é que ela está doente e eu tive que colocá-la em um asilo.

— Como assim em um asilo?

— Estava muito difícil cuidar dela, eu não tenho tempo e...

— Isso não é desculpa, que doença ela tem?

— Ela tem mal de Alzheimer, estava cada vez mais difícil cuidar dela, ela se esquecia de tudo, outro dia ela deixou o gás ligado, por pouco não pôs fogo na casa, pagava as contas duas vezes, até esquecia de jantar.

— Mas isso pode ser tratado em casa com uma enfermeira se você não tem tempo, mas não é motivo para deixá-la em um asilo.

Ramiro não sabia como lidar com sua mãe, procurou se informar antes de colocá-la em um asilo, só depois de um ano teve um diagnóstico preciso. Ela já estava havia um ano no asilo, nesse tempo Ramiro pôde avaliar cada etapa do seu tratamento, com opiniões de pessoas capacitadas, que cuidaram muito bem dela, coisa que ele não poderia fazer sozinho, e dificilmente faltava em um domingo de visitas. Mas Cristina não conseguia ver o lado bom desse internamento.

— Você não entendeu...

— É, realmente eu não entendo, eu quis uma mãe desde que eu me conheço por gente, sempre sonhei com isso. As mentiras sobre ela me mataram por dentro, e agora que sei da verdade você a mandou para um asilo.

— É uma doença sem cura, e é fatal, ela precisa de vários cuidados, no asilo tem tudo de que ela precisa, eu sempre vou visitá-la aos domingos.

— Faz quanto tempo que ela está lá? — ela começou a compreendê-lo e ficou triste pelo estado da mãe.

Como muitas pessoas, Adriana tinha pouca informação sobre a doença, mas estava disposta a descobrir o máximo de informações possíveis para

ajudar sua mãe.

— Faz um ano, mas o tratamento tem dado resultados.

— E quanto tempo geralmente os doentes vivem?

— Cinco, oito ou dez anos, depende do caso.

— Não imaginava como a doença era grave — dizia Cristina, com grande pesar em seu coração —, quero ir visitá-la.

— Domingo é o melhor dia para visitas.

— Então domingo você me liga?

— Sim, eu te ligo.

— Então, até domingo.

— Mas e o emprego?

— Não vai querer me contratar só por que sou sua irmã, né?

— Na verdade eu nem analisei os outros currículos ainda, fiquei tão impressionado quando vi o seu, mas eu vou dar uma olhada, você continua interessada, né?

— Sim, preciso desse emprego.

— Então vou marcar outra entrevista para você e outros candidatos, tá certo?

— Está bem, até mais. — Ela o abraçou, carinhosamente.

— Estou feliz por saber que tenho uma irmã tão sincera, justa e bonita.

— Obrigada.

Aquele foi o dia mais inesperado e emocionante da vida dos dois. Quando Cristina poderia imaginar que depois de tanto tempo encontraria o irmão, se estivesse procurando, como já fez antes, não o encontraria. Mas as verdades a deixaram chocada, a ausência da mãe a machucou tanto, e as mentiras a fizeram ver sua mãe como vilã e seu pai como herói. Porém agora a verdade inverteu os papéis, o estado de sua mãe a entristeceu muito. Tudo isso fazia seu pensamento dar voltas até sua mente ficar tonta, completamente perdida de um raciocínio lógico, que está longe de emoções fortes e doloridas.

Ramiro estava muito feliz por ter reencontrado a irmã. Pensando nisso, ele chegou sorrindo em casa, abraçando e beijando sua mulher, como há muito tempo não fazia.

— Nossa! O que é isso, Ramiro? O que está acontecendo? Você recebeu uma promoção?

— Não, melhor que isso!

— O que pode ser melhor para você? — Ramiro tinha ficado materialista com o passar do tempo.

— Você não vai acreditar no que aconteceu, nem eu estou acreditando ainda.

— O que é? Fale logo, não me deixe curiosa — os olhos dela brilhavam, adorava uma surpresa.

— Calma, mulher, sente-se, cadê o nosso filho?

— Está aqui, mas por quê?

— É em relação à nossa família.

— Você quer me matar de curiosidade?

— Vá chamá-lo enquanto eu penso em como dizer.

— Filho, seu pai quer falar com a gente, é um assunto importante.

— Sobre o quê, mãe? — disse o menino sem tirar os olhos do videogame.

— Eu não sei, seu pai só vai contar com você presente, então venha logo.

— Já vou, mãe — ele deu pausa no jogo, sanguinário de tiroteio, totalmente impróprio para sua educação, e se levantou em direção da sala.

Quando chegou à sala, abraçou seu pai, que o colocou sentado sobre seu joelho, sua esposa se sentou ao lado deles no sofá, já estava morrendo de curiosidade.

— Bom, para começar, eu conheci uma pessoa muito importante hoje, alguém que eu não esperava reencontrar havia muito tempo. Essa pessoa apareceu do nada, quando eu analisava um currículo na empresa. Eu fiquei muito curioso quando li o nome dela, a idade e onde tinha nascido e...

— Eu também já estou muito curiosa, fale logo!

— É, pai, quem é?

— Vocês não vão acreditar, eu reencontrei a minha irmã!

— Aquela que você disse que foi sequestrada pelo seu pai?

— Sim, ela mesma.

— Mas você tem certeza?

— Sim, todos os dados conferem, eu conversei com ela e ela é igualzinha à mãe.

— Eu tenho uma tia?

— Sim, filho, você tem uma tia, muito legal e bonita.

— Mas cadê ela, por que você não a trouxe aqui?

— Bom, ela me perguntou sobre a mãe e, quando eu contei, ela ficou bem triste.

— É, não deve ser fácil poder ver a mãe depois de tanto tempo e saber que ela está doente — comentou sua esposa.

— Domingo, eu vou levar a Cristina lá, pensei em contratar uma enfermeira e pedir para Adriana ajudar a cuidar dela.

— Esse é nome dela, pai?

— Sim, filho.

— Será que ela vai conseguir cuidar da mãe? – ela dizia isso porque o caso dela era delicado, exigia paciência e cuidado.

— Não sei ainda, tenho que falar com ela sobre o assunto, agora vamos nos preparar para domingo, eu vou ligar agora mesmo para o asilo.

— Mas antes conte o que vocês conversaram, como ela é, o que aconteceu em todos esses anos?

— É, pai, conte para gente.

— Calma, vou contar tudo para vocês, é uma longa história...



Cristina não tinha para quem contar, estava sozinha no mundo, por causa de algo muito grave, ela teve que voltar fugindo para o Brasil, era algo constrangedor, chocante e revoltante. Ela queria esquecer, mas não conseguia. Ela foi humilhada, enganada e obrigada a fazer aquilo que não queria e agora estava sendo caçada como se ela tivesse feito algo errado. Estava marcada para morrer, de forma fria e por ser inocente. Seria difícil ela contar para alguém, provavelmente contaria para o irmão, mas não tão rápido, as lembranças lhe faziam muito mal, era como se da sua mente saísse uma faca que sangrava seu coração. Mas agora tinha motivos para estar feliz, ela tinha reencontrado seu irmão e logo encontraria sua mãe. E tudo aconteceu da forma mais inesperada, em uma fuga, foi o lugar mais longe que ela pensou para se esconder, fazendo conexão de um aeroporto para outro, para despistar o assassino que provavelmente a seguia. Mas ainda assim ele a encontrou. Ela foi salva por um desconhecido, que em sua moto perseguiu o assassino.

Ela estava ansiosa para encontrar sua mãe, era quinta feira, não sabia se

conseguiria esperar até domingo. Já era de noite, ela atravessava na faixa, distraída, pensando no acontecido, quando passou por uma moto, o motoqueiro buzinou, ela ficou assustada e rapidamente atravessou a rua. Seu susto foi ainda maior quando o motoqueiro começou a segui-la, ela começou a correr e gritar, sentindo o coração acelerar rapidamente.

— Socorro! — Ela corria com dificuldade, pois estava de salto.

— Calma, moça, por favor, não grite.

— Socorro!

Um grupo de pessoas que estava a alguns metros de distância começou a correr em seu socorro.

— Por favor, você não se lembra de mim?

— Socorro, ele quer me matar!

— Não, eu quero te ajudar! — Vendo que ela estava muito assustada, ele acelerou a moto subiu na calçada, deu uma derrapada, parando de frente para ela, retirou o capacete. — Sou eu, não se lembra?

Ela parou ainda assustada tentando reconhecer.

— Eu te salvei naquela praça, lembra?

Antes que ela pudesse responder, um grupo de pessoas estava correndo na direção de Enrique, gritando, furiosos:

— Pega o maníaco de moto!

Eles se referiam à notícia em um jornal do estado de um maníaco que perseguia mulheres de moto e depois as rendia, levando-as para um local isolado para estuprá-las e matá-las.

— Espera aí! Eu me lembro dele agora — ouvindo o grito da mulher, eles pararam bem na frente dele.

— Pensamos que ele fosse o maníaco da moto.

— Que maníaco? — perguntou Cristina.

— Acho que eles estão falando de um estuprador, que aborda suas vítimas de moto.

— Nossa! Tem um criminoso desse tipo por aqui?

— Na verdade aqui em São José não, ele atacou, em Piraquara, meus companheiros de profissão logo vão pegá-lo.

— Então você é policial? — disse uma das pessoas.

— Sim, eu encontrei essa moça um dia, ela corria perigo, mas ela não se lembrava de mim.

— Então desculpe, vamos embora.

— Mas obrigada.

— De nada, moça. — Eles se afastaram e Cristina se aproximou dele.

— Está mais calma agora?

— Sim, estou, desculpe, eu não o reconheci.

— Não se lembra da moto?

— Não, eu corri quando vi um homem correndo armado e você correndo atrás dele.

— Depois ele foi para um carro e eu o persegui de moto.

— Você conseguiu pegá-lo? — ela perguntou esperançosa.

— Não, eu o perdi, ele saiu do carro na frente do terminal do Guadalupe e pegou um ônibus. Eu já estava a pé, daí desisti, não sei que ônibus ele pegou.

— Que pena! Mas muito obrigada, se não fosse você, ele me mataria.

— De nada, é o meu dever.

— Mas você não estava com uniforme da polícia federal?

— Não, eu sou da civil, mas porque federal?

— Eu chamei a polícia federal.

— Então o caso é grave?

— Sim é, mas você não estava em serviço?

— Não, eu estava passando por ali e por sorte vi que ele se escondia atrás de uma árvore e estava armado.

— É sorte mesmo, eu ainda tenho medo dele.

— Mas por que ele quer te matar?

— É que ... — pessoas queriam passar pela calçada.

— Dá licença? — disse uma senhora para Enrique. — Não se enxerga?

— Desculpe-me.

— Estamos trancando a passagem, vamos conversar em algum lugar, aceita uma carona?

— Não sei se devo.

— Não confia em mim?

— Não é isso, é que muita coisa tem acontecido comigo, eu estou meio perdida.

— Eu entendo, mas eu quero te conhecer melhor, eu acho que você precisa de ajuda, esse caso não é meu, mas agora eu preciso saber.

— É, você tem razão, vou aceitar a carona.

— Onde você mora?

— Acho melhor a gente só parar em outro lugar para conversar.

— Está bem, quer lanchar?

— Sim, é uma boa.

— Então, vamos?

Ela ainda era uma mulher misteriosa para Enrique, que estava vidrado nela, nunca se sentiu tão atraído assim por uma mulher, nem conhecia, a curiosidade era natural diante da situação em que eles se encontraram, mas o segredo dela não era nada apaixonante.

Enrique parou na lanchonete mais próxima, mas o rumo daquela conversa estava longe do que ele imaginava.

— Então o que você quer comer?

— Não sei, o que tem aqui?

— De tudo, até pizza.

— Acho que uma pizza é muita coisa.

— Boa-noite, então pode ser uma mini pizza? — o garçom apareceu de repente.

— Acho que sim. — disse Enrique. — Está bom para você?

— Sim, pode ser.

— O que vão beber? — ele estava com um bloquinho de anotações na mão.

— Coca.

— E para a moça?

— Pode ser Coca também.

— Fiquem à vontade, logo estará pronto.

— Obrigado.

— Você conseguiu emprego na montadora?

— Como sabe?

— Ah, desculpe, eu me esqueci de te contar, meu irmão trabalha lá, e eu contei para ele que salvei uma mulher linda, de olhos verdes, pele um pouco morena. E ele disse que alguém como você tinha ido lá procurar emprego.

— Obrigada pelo elogio.

— De nada, inclusive eu estava a caminho da montadora, esperava te encontrar.

— Você está interessado em mim?

— Para ser sincero, sim — ele disse com olhar sedutor, fitando-a fixamente.

— Eu sou grata a você, mas eu nem te conheço ainda...

— Não seja por isso, meu nome é Enrique, e o seu?

— É Cristina, mas eu passei por momentos difíceis e não quero pensar em homem agora.

— Eu posso te ajudar, se você me contar o que aconteceu.

— Na verdade eu nem sei como contar...

— Com licença, aqui está o refrigerante. — O garçom era bem gentil, abriu o refrigerante e serviu Cristina.

— Não precisa, eu me sirvo sozinho — disse Enrique ansioso.

O garçom se retirou e Cristina retomou a conversa:

— Olha, o que tenho para dizer não é nada fácil.

— Tudo bem, eu sou policial, pense que você está dando uma queixa à polícia, está bem?

— É, assim parece ser mais fácil, eu fiz isso quando avisei a polícia, por telefone.

— Bom, aquele cara queria me matar porque eu estava fugindo de um chefe de uma máfia.

— Nossa, fugindo de onde?

— Da Espanha.

— E veio parar aqui no Paraná?

— Na verdade, eu morava no Piauí, mas vim para cá para despistá-lo.

— Então já sabia que estava sendo seguida?

— Eu desconfiava.

— Mas o que você fez para mandarem um assassino atrás de você?

— Sem querer, eu me envolvi com prostituição, eu...

— Espere aí eu estou me interessando por uma puta?

— Olha, como fala! — ela se levantou, irritada.

— Eu entendi tudo, eu nem quero saber o que você deve para esse mafioso.

As pessoas estavam olhando para os dois, que discutiam em voz alta.

— Por favor, senhor, eu não discutiria aqui, está bem? — o garçom que os atendia tentou acalmá-los.

— Não se preocupe, eu já estou de saída.

— Mas e o seu pedido?

— Pode cancelar, aqui está o dinheiro do refrigerante.

Enrique se retirou irritado sem deixar que ela explicasse. O que havia acontecido era um mal-entendido, mas quem explicaria o real motivo da fuga dela para ele não seria ela.



O tempo passou já era domingo, Cristina teve que se controlar para não satisfazer sua ansiedade antes do dia combinado. Foi visitar o irmão a pedido dele, contou-lhe tudo que viveu durante sua vida, inclusive o motivo de estar marcada para morrer, o que o deixou muito chocado. Mas ela disse que possivelmente tudo se resolveria logo. Ela tinha proteção policial, provavelmente isso espantou o assassino. Mas eles estão muito felizes por estar em família, Ramiro queria se aproximar da irmã cada vez mais, por isso decidiu fazer uma promessa a ela.

— Eu prometo tirar nossa mãe daquele asilo e deixar que você cuide dela.

— Acho que mais do que cuidado ela precisa da companhia da família.

— É verdade, mas vamos resolver tudo isso hoje.

— Então podemos ir?

— Sim, depois de tantos anos, você deve estar ansiosa, imagino.

Depois de algum tempo de viagem, eles logo chegaram ao asilo. Tratava-se de um asilo particular, arborizado, calmo, com espaço para caminhar, era retirado, um pouco distante da cidade grande, um lugar para proporcionar paz, devido à tranquilidade da natureza, o canto alegre dos pássaros, com toda sua liberdade, ao contrário daqueles idosos deixados esquecidos naquele lugar. Era um asilo com corredores cheios de solidão, ainda que alguns visitantes estivessem ali naquele momento. Havia uma

programação de entretenimento, apresentações de grupos musicais e teatrais.

Ramiro já havia comunicado à direção do asilo sobre a visita da filha que ela não via havia muito tempo e também que pretendia tirá-la do asilo. Mas para dona Cíntia seria uma grande surpresa.

Na entrada do asilo Enrique se identificou e seguiu até o estacionamento. Cristina estava ansiosa, não via a hora de ver sua mãe.

— É bonito aqui, bem tranquilo.

— E ela está sendo bem cuidada, irmã.

Ela estava com problemas de saúde, problemas de memória, tinha a ideia fixa de que estava na condição de uma idosa que se tornou um incômodo para a família, que foi deixada esquecida, como se fosse uma mala pesada que foi deixada no guarda-volumes e ninguém veio buscar. Realmente havia idosos que foram deixados ali dessa forma, mas não era o caso de Ramiro, que viu naqueles profissionais do asilo os cuidados necessários para que sua doença fosse controlada, o que deu certo devido aos progressos que ela teve. Mas tudo isso mudaria hoje, o retorno ao seio da família viria de onde menos se poderia imaginar.

Eles se dirigiram à recepção e falaram com a atendente, mas naquele momento havia outra pessoa no balcão falando com a assistente social. Era um homem que já havia algum tempo não via seu pai, que ultimamente estava com graves problemas de saúde. Ele só resolveu vir ver seu pai por causa de uma carta que recebeu dele.

— Por favor, eu recebi uma carta de meu pai, parece que piorou o seu estado de saúde, eu vim vê-lo.

— Como ele se chama?

— Raul da Silva.

— Só um momento, vou procurar no arquivo — ele aguardou alguns minutos e ligou para a enfermagem que cuidava dele. — Sinto muito, senhor, mas agora é tarde.

— Você quer dizer que ele morreu?

— Sim, há poucas horas, sinto muito, já íamos ligar para o senhor, por favor aguarde um momento que uma outra assistente social vai atendê-lo.

Ele foi quieto se sentar em um banco, seus olhos estavam lacrimejando, estava visivelmente desolado. Cristina e Ramiro sentiram um grande pesar em seus corações.

— Bom dia, eu quero fazer uma visita à minha mãe — disse Ramiro.

— O nome dela, por favor?

— Cintia da Silva.

— Aguarde um momento que alguém vai buscá-la.

Eles esperavam em um banco que ficava próximo ao corredor que dava acesso aos quartos. E desse corredor de repente surgiu uma senhora, guerreira, lutando contra uma doença grave, que tinha uma filha, que lhe fora arrancada dos braços, uma mulher guerreira que, além de mãe, já foi pai, irmão e amiga para seu filho, que deu para ele o que ela não teve. E, mesmo na situação em que se encontrava, amava-o e estava feliz por receber sua visita.

Quando ela chegou próximo deles, foi cumprimentada por todos, até que seu olhar se encontrou com o de Cristina, que já começava a chorar.

— Quem é ela? – ela apontou para sua nora, dessa vez.

— É a minha esposa, você não se lembra?

— Eu não me lembro.

— Acho melhor a senhora se sentar, mãe – ele procurava manter a tranquilidade, mas estava preocupado, em um ano de internamento, nunca ele tinha visto a memória da mãe tão comprometida.

— Por quê?

— Por favor, sente-se, mãe.

Ela se sentou, sem entender nada.

— Olhe bem para ela, mãe – ele apontou para Cristina, do seu outro lado.

— Sabe quem ela é?

— Não, eu não sei quem ela é.

Ele esperava que ela notasse as semelhanças na filha, que era como ela quando era jovem, mas já fazia tanto tempo, ela havia sido levada pelo pai com dois anos, agora já estava com vinte e oito. E devido à doença, ela já tinha esquecido que tinha uma filha.

— É alguém que você não vê há muito tempo.

— Eu não sei quem é.

— É sua filha, mãe — ele disse, olhando bem em seus olhos.

— Minha filha? — ela ainda estava confusa.

— Meu nome é Cristiane da Silva, agora você se lembra?

A pronúncia daquele nome foi buscar lá na memória aquela esperança que só voltava em momentos de saudade, o que recentemente era cada vez mais raro, de repente os olhos da filha, de vinte e oito anos, pareciam voltar a ser como antes, quando ela tinha dois anos, e o brilho de alegria agora era o mesmo e refletia o olhar de felicidade da mãe, e os braços que a embalaram que a protegeram voltaram a abraçar a filha amada. As lágrimas vieram, o sentimento colocado para fora, escorrendo pela face marcada pelo tempo, que à medida que passava só parecia ser ruim. Mas agora nada disso mais importava, aquele abraço curava tudo.

— Minha filha, não acredito, é você mesma?

— Sim, sou eu, mãe, pode acreditar.

— O que aconteceu nesse tempo todo?

— Eu tenho muita coisa para te contar.

— Meu Deus, obrigada — ela chorava com um sorriso no rosto. — Como você a encontrou ela?

— Foi por acaso mãe, ela foi procurar emprego lá na montadora.

— E eu te procurei tanto, minha filha, fiquei desesperada quando teu pai te levou, ele nunca te contou sobre mim?

— Ele falou que foi você quem me abandonou.

— Não, filha, é mentira, eu nunca faria isso, depois que ele me traiu, eu me separei dele, daí um dia ele veio te visitar, quando você estava com dois anos e depois eu nunca mais te vi.

— Ele me levou para o Piauí, depois que passei a morar sozinha, até tentei te procurar, eu queria saber de você o que realmente aconteceu, mas não consegui saber de nada. Não tinha nenhum endereço, só sabia que você morava no Paraná. Daí agora eu tive que vir para cá e consegui encontrá-la sem procurar.

— Foi Deus, minha filha, foi Deus.

Eles resolveram ir dar um passeio na parte de fora do asilo, tudo parecia mais alegre para ela naquele dia, nunca poderia imaginar que estaria passeando com sua filha por aquele bosque. Sempre que via outros idosos na companhia de uma filha, lembrava dela e imaginava como seria a sua aparência agora.

— Filha, você é muito bonita, estou muito feliz, mas não queria que você me visse aqui.

— A gente vai te tirar daqui, mãe.

— É mesmo? — ela perguntou, achando que ouvira mal.

— Sim, mãe, eu vou tirar você daqui hoje mesmo, venho falando com a direção do asilo durante essa semana, está tudo decidido.

— Que bom! Eu vou para onde?

— A senhora vai voltar para sua casa.

— É, eu vou morar com a senhora lá, mãe.

— Minha filha, morando comigo? — ela disse, sorrindo.

— Sim, mãe, eu quero estar ao seu lado, sempre quis ter uma mãe, e agora não vou me afastar de você por nada deste mundo.

Essa declaração de amor acabou em um abraço caloroso de muita emoção.

No dia seguinte, Cristina já tinha sido chamada para trabalhar na montadora. Uma enfermeira de confiança cuidaria da mãe dela, ela sempre iria almoçar em casa, e iria ao médico com frequência, receberia tratamento.

Apesar da forma como ela tinha sido tratada por Enrique, ele não conseguia esquecê-la. Por alguma razão que ele desconhecia, desta vez ele

não conseguia partir para outra. E o que é pior, não havia rolado nada entre eles. Então por que aquela vontade, por que o pensamento preso a ela? Ele não sabia explicar, ainda mais que ela não tinha demonstrado nada por ele, se seu sentimento nem ao menos foi correspondido, então por que aquele desejo?

Ele decidiu procurá-la e se desculpar, pela primeira vez na vida iria se desculpar com uma mulher. Enrique nunca havia reconhecido seus erros, a solução para um lugar vazio sempre foi preenchê-lo com outra mulher e nunca voltar atrás. Achava que nenhuma mulher merecia isso, amor era para caretas, ele queria curtir, mas estava se apaixonando e teria que admitir isso.

Sendo assim, ele foi até a montadora saber sobre ela, se ela tinha conseguido o emprego que desejava. Era domingo, nesse dia as ocorrências diminuíram, não era comum a montadora funcionar, mas Pedro e mais uma equipe de funcionários tinha que terminar uma produção de grande escala, por isso trabalharia até as 14h.

— E aí Pedro, está ocupado?

— Mais ou menos, por quê?

— Me diz uma coisa, aquela mulher, a Cristiane, ela conseguiu trabalho aqui?

— Tá gamado, né?

— É claro, uma gata daquela!

— Eu fiquei sabendo que não é só isso.

— Você não contou para ela que eu estava...

— Não, a gente conversou, daí ela falou do acontecido, já que você é meu irmão.

— Até que parte?

— Disse que vocês se desentenderam, só não disse o motivo.

— Bom, se ela não disse, eu vou respeitar e também não vou falar.

— Está certo, não estou interessado, mas sei que você levou um fora — ele disse com cara de deboche.

— Ela está me humilhando agora?

— Não, eu é que estou te tirando.

— Olha só, o herói está presente! — disse Ramiro, referindo-se a Enrique.

— Está falando comigo? — disse com uma expressão de espanto.

— Sim, quem mais seria?
— Não estou entendendo?
— A Cristiane me contou que tentaram matá-la e você a salvou.
— E por que contou para você?
— Por que ela é minha irmã.
— O quê?
— Ela não te contou?
— Não.
— Eu também não sabia — disse Pedro, surpreso.
— Eu me esqueci de contar, aliás é uma história meio longa. Ela foi levada sequestrada pelo próprio pai e já fazia mais de vinte anos que eu não a via.
— Mas ela te disse por que queriam matá-la? — perguntou Henrique.
— Sim, ela foi aliciada no Nordeste para trabalhar como modelo fotográfico na Espanha, mas, quando chegou, descobriu que se tratava de um tráfico de mulheres, foi obrigada a trabalhar como prostituta, não podia se ausentar sem avisar, estava presa, sendo ameaçada de morte se recusasse a obedecer. Depois de um tempo ela conseguiu fugir, mas mandaram um assassino atrás dela que a seguiu até aqui.

Não havia ninguém por perto para escutar a conversa, Ramiro confiava piamente nos dois e achava que era justo que Enrique soubesse. Ele falava de um crime que é considerado um *tabu*, o tráfico de mulheres, apesar de ser um crime contra a humanidade, a sociedade não vê dessa forma —, por não entender, talvez —, o que gera preconceito contra as vítimas envolvidas. Mas é um crime muito praticado no Brasil de forma interna, com a maioria dos casos no Amazonas e em segundo lugar no Nordeste, contribuindo para esse crime o isolamento geográfico, a falta de fiscalização e por fazer fronteira com sete países vizinhos, entre eles a Guiana Francesa, mais precisamente no Suriname, onde há impunidade desse tráfico, num país quase sem lei. Além disso, a população desses estados brasileiros, de forma geral, é de baixa escolaridade e tem uma educação sexual imprópria.

De forma externa, o crime ocorre não só nos países de fronteira com o Brasil, há o tráfico continental, na Alemanha, Holanda, Espanha, além de outros vários países. A Espanha não aprovou o convênio europeu contra o tráfico de seres humanos, que entrou em vigor em 1º de fevereiro de 2008,

assinado por 37 países.

Depois do tráfico de armas e drogas, é a terceira prática criminosa mais lucrativa do mundo. Para se ter uma ideia só no ano de 2005 os criminosos lucraram 3,7 bilhões de dólares com o tráfico de seres humanos (que envolve mulheres e crianças, para prostituição; crianças, e homens, para o trabalho escravo).

— Mas ele não está mais atrás dela? — Pedro se lembrou de Adriana, que também estava sendo jurada de morte.

— Parece que ele desistiu, graças ao Enrique e à polícia federal, que está lhe oferecendo proteção. Mas eu pensava que ela tinha te contado, Enrique.

— Na verdade contou, mas eu não entendi, tenho que falar com ela.

— No momento, ela está ocupada, venha mais tarde, aliás eu preciso que Pedro agilize um serviço para mim.

— Está certo, eu venho mais tarde, até mais.

Ele se foi sentindo-se um idiota, um juiz injusto, um preconceituoso. *“Droga, eu falei sem pensar, agora com que cara vou me desculpar?”*

Agora, ao mesmo tempo, ele era o herói e o vilão. Como pudera acusá-la daquele jeito? Foi a magia do novo sentimento que ele estava conhecendo, a paixão e de repente tudo foi abaixo quando ela disse a palavra prostituição. Mas ainda assim, ele não conseguiu esquecê-la, então, sem saber, estava começando a amá-la.

Eram quase duas da tarde, Enrique foi falar com Cristiane. Estava certo do seu sentimento, pela primeira vez estava amando uma mulher e tinha que dizer isso para ela agora, antes que perdesse a coragem. Mas ele ainda estava em horário de serviço. Já tinha atendido algumas ocorrências, mas agora nada, por que não ir falar com ela? Estava fazendo sua ronda, atento ao rádio, mas nenhuma operação especial, ele não era do tipo que fazia outra coisa com o carro da polícia senão usá-lo somente para o serviço, mas não pôde e não quis se controlar, e foi com sua viatura até a montadora.

— Aonde você está indo? — perguntou o outro policial que estava com ele.

— Preciso falar com uma pessoa.

— Que pessoa?

- Alguém que eu protegi, quero saber como ela está.
- Isso não tem nada a ver com o nosso trabalho.
- Eu sei, mas eu preciso disso, qualquer coisa, você me liga no celular.
- Mas nós temos ordens para...
- Qual é, é rapidinho, espere aí que eu já volto.

Enrique estava entrando na empresa, quando a viu saindo.

- Ei, espere um pouco!
- O que você quer? — perguntou, com raiva.

Outros funcionários estranharam aquele homem de farda, o que ele queria com ela? Mesmo que o conhecessem, sabendo que era irmão de Pedro, ainda assim era estranho.

- Quero me desculpar por aquele dia.
- E por que isso agora?
- Eu sei exatamente o porquê aquele cara te perseguia.
- Como sabe? — agora ela o olhava com mais atenção.
- Seu irmão me contou.
- Como sabe que...
- Eu, de vez em quando, venho aqui para falar com meu irmão, o Ramiro me agradeceu por ter te salvado, eu não entendi como ele sabia, então ele me contou.
- E agora você se sente arrependido, mas quando eu tentei esclarecer me xingou de puta, lembra?
- Por favor, me desculpe, foi um mal-entendido.
- Eu estou cansada, agora tenho que ir para casa.
- Então vamos conversar outro dia.
- Pode ser amanhã?
- Está bem.
- Você me dá seu telefone? — Ela lhe deu seu número. — Então até amanhã.

Pedro também estava saindo quando viu Enrique.

- Irmão, o que você faz aqui?
- Estava falando com Cristiane.
- Eu tinha me esquecido.
- Vamos conversar melhor amanhã.

- Parece que você está gamado mesmo nela hein?
- Tem algo diferente nela que eu não sei explicar.

De repente seu celular tocou.

- Tenho que voltar para a viatura.
- Está bem, até mais.
- Enrique, você se esqueceu do desfile da sua cunhada?
- É mesmo, nós temos que reforçar a proteção lá.
- Então vamos logo.

Ele se referia a um desfile promovido por Adriana no teatro Guaíra, seria um desfile para o público popular. No desfile seria mostrada uma moda criada por Adriana para todo tipo de pessoas, magras, gordas, baixas, altas e deficientes físicos. Os modelos teriam esses estereótipos.

No mundo da moda, ao qual Adriana pertencia profissionalmente, houve críticas, ela estava querendo mudar o padrão, uma estilista tão famosa criando uma moda universal, isso poderia influenciar o mercado de um modo geral. Será que os outros estilistas teriam que mudar seu modo de trabalhar e deixar de excluir as pessoas que estavam fora do padrão da moda?

Satisfeitos ou não, todos compareceram só para ver qual seria o impacto daquele evento. O desfile já ia começar, a plateia estava ansiosa. O palco estava bonito, mas nada muito chamativo, a intenção de Adriana era chamar mais atenção para o desfile. Ela resolveu iniciar o evento com um discurso.

— Boa tarde, senhores, vou dar início ao desfile, mas antes gostaria de dizer algumas palavras. O mundo padronizado da moda é muito exclusivo, pessoas se preocupam com sua aparência não só para estar em forma, mas para manter o padrão, que diz que elas têm que se vestir assim ou assado, que as ridiculariza se estiverem fora da moda. Mas todos precisam se vestir, independentemente da sua forma física, chega de roupas padronizadas, ninguém precisa ficar procurando roupas como se fosse uma barata tonta. E é pensando nisso que eu decidi diversificar a moda. Hoje vocês verão aqui diversos tipos de modelos, magros, gordos, baixos altos, anões, cadeirantes, etc. E roupas com diversos tipos de tecido, inclusive com matéria-prima de materiais recicláveis como garrafas pet. Então que comece o desfile.

Tudo que ela disse aconteceu naquela passarela, a reação do público era diversa, um misto de desaprovação e aprovação. No público pessoas que nunca pensaram em comparecer a um evento desses agora se sentiam confortáveis com uma moda que poderiam usar sem precisar se incomodar com as formas do seu corpo.

“Que gente feia! Onde ela arranhou esses modelos?” Pensou sua mãe.

Mas ela estava longe desses pensamentos, cuidando de cada modelo com respeito e atenção. Antes a atenção era para a barriga qualquer forma circular irrelevante era motivo para um expatrio, acompanhado de um comentário nada gentil:

— Vê se come menos, você precisa emagrecer.

Pedro nunca tinha ido a um desfile, nem se imaginava em um antes, ainda mais depois da sua atual condição física. Era difícil se adaptar às roupas comuns, de tecidos inadequados para quem passa muito tempo sentado em uma cadeira, algumas roupas eram pesadas, com pouca ventilação, o que lhe gerava desconforto, às vezes até machucavam por criar atrito. Por isso, Adriana fez uma moda adaptada, com base em uma linha de roupas desenvolvida por *Ivana Nalon*, usando tecidos mais leves de algodão e viscose, roupas mais fáceis de vestir, podendo ser colocadas pela cabeça, com abotoamento em velcro, com estrutura mais firme, vestimentas mais folgadas, com elásticos na cintura, com abertura total na lateral; além disso, roupas que cobrem drenos e próteses, e até mesmo roupas para anões, além de calçados também.

Ao final do desfile, todos, impressionados, aplaudiram, fotos foram tiradas durante todo o evento, mas os *flashes* se concentraram mais em Adriana, que agradecia ao público. Nos bastidores, recebeu os mais conhecidos. Na saída, em que estava acompanhada de Pedro, foi abordada por vários repórteres que a encheram de perguntas, ela tentou responder a todas, menos as pessoais, não queria mais fofocas fúteis a seu respeito.

O sol já estava se pondo, quando, acompanhada de Pedro, Adriana se dirigia até seu carro. De repente um reflexo de luz bateu nos óculos de Pedro, seria comum, o sol estava se pondo, mas era um reflexo diferente, os raios de sol refletiram por uma fração de segundo em suas lentes o brilho de um metal. Por reflexo, ele olhou em direção daquele brilho que vinha de uma janela de um edifício e viu algo que o assustou, mas não a ponto de paralisá-lo. Ele estava do lado de Adriana e rapidamente puxou seu braço, dizendo:

— Se abaixe rá... — Um tiro foi disparado.

Adriana gritou, mas foi de susto, ela se abaixou, escondendo-se atrás da cadeira de Pedro, o tiro pegou na parede.

— Maldito! — disse o atirador. — Não acredito que ele me viu, como?

Mesmo percebendo que havia sido descoberto, e sabendo da vigilância da polícia, ele mirou na cabeça de Adriana, que no seu ângulo de visão aparecia só uma pequena parte, por trás da cadeira. Os policiais que estavam caminhando para as viaturas, para fazer escolta ao carro de Adriana, ao ouvirem ela gritando, procuraram ir até ela, mas com cuidado para não serem alvos também, uns a pé, outros com as viaturas para servirem de escudo. Repórteres que ainda permaneciam no local os seguiram.

Mas não deu tempo, o assassino disparou mais um tiro e, desta vez, quem gritou foi Pedro com muita dor. A mira dele era precisa dessa vez ele tinha certeza de que não erraria, mas na sua hesitação e descrença diante do seu erro, Adriana disse:

— Vamos sair daqui! — ela chorava de desespero.

— Abaixese mais — disse, empurrando sua cabeça, no momento em que foi disparado o segundo tiro.

Outro tiro foi disparado, atingindo um policial, que caiu no chão, desfalecido. A imprensa filmava tudo desde o momento que a polícia chegou.

Não estava sendo fácil para Pedro, ele suava frio, mas seu amor o fez se preocupar com a proteção de Adriana. Sem sequer se preocupar com sua própria vida. O tiro atingiu seu pulso.

— Pedro, você está sangrando! Oh, meu Deus! — disse, chorando de forma compulsiva.

Os policiais já tinham posicionado os veículos na frente dos dois e apontavam suas armas sem saber para onde, pois não conseguiram ouvir os disparos, por causa do silenciador que o assassino tinha usado.

— De onde será que estão atirando? — disse Enrique, preocupado.

— Foi daquele prédio! — disse Pedro, apontando com a mão que não estava ferida.

— Uma viatura tem que ir até lá — disse Enrique. — Eu vou, alguém chame reforço.

O assassino já tinha preparado sua fuga, antes que Enrique conseguisse ir até o prédio, ele desceria rapidamente e fugiria com sua moto, que era

muito mais rápida que qualquer veículo. Ele pensava que esse plano seria infalível, mas agora sabiam de onde ele atirava, ele não contava com isso. Enrique, com a ajuda de outros policiais, vasculhou o prédio e o prenderam.

Iam chamar uma ambulância para socorrer Pedro, a bala havia se alojado no pulso, ele estava sangrando e poderia ter uma hemorragia, mas por sorte seu Silvio pensava em tudo, inclusive em ter uma ambulância particular preparada ali no local. Ele, quando ouviu o grito de Adriana, quis ir até lá, mas o seguraram. Agora, porém, o perigo já havia passado e ele e sua esposa rapidamente foram até Adriana, seguidos por outros convidados do desfile.

— Filha, você está bem? — disse, segurando-a pelos ombros e olhando de cima a baixo.

— Sim, mas eu vou com Pedro na ambulância, ele está sangrando muito.

— Deixe me ir com você.

— Só ela pode ir, senhor — disse uma enfermeira que já estava para entrar na ambulância e ia fechar a porta.

— Minha filha, o que aconteceu? — disse a mãe em prantos.

— No hospital eu conto.

— Senhora, tenho que fechar a porta, por favor, com licença.

— Meu Deus! Nossa filha quase levou um tiro — disse Kátia, olhando para o marido.

— Espero que Pedro esteja bem, vamos para o hospital.

Repórteres tentaram entrevistá-los, mas eles não lhes deram atenção, não se tocavam que era um momento inoportuno, eram profissionais inconsequentes, outros já tinham dado a reportagem por encerrada.

Pedro escapou com vida, graças ao pronto atendimento no local. Adriana contou tudo o que aconteceu a seus pais, que ficaram perplexos, não só por ela ter escapado, mas pela forma como Pedro a salvou, com muita coragem, mas como ele sabia de onde vinha o tiro? A resposta só viria quando ele se recuperasse.



Alguns dias depois...

Pedro já estava praticamente recuperado e finalmente, podia receber visitas. Todos seus familiares mais próximos estavam no hospital, ansiosos por sua recuperação. Mas ele chamava por Adriana, que foi a primeira a entrar no quarto do hospital.

Várias vezes, por medo, ela se imaginou em uma cama de hospital, depois de ter levado algum tiro. Principalmente depois que aquele desconhecido havia a alertado sobre a encomenda do seu assassinato. Mas nunca poderia imaginar que seu namorado, a pessoa que ela mais amava, levaria um tiro em seu lugar para protegê-la. Ela se sentia culpada ainda mais ao pensar que poderia ter acontecido o pior.

— Meu amor, me desculpe? – disse ela, pegando na mão de Pedro, com o rosto molhado pelas lágrimas.

— Por quê? Você não tem culpa.

— Por minha causa, você correu risco de vida, eu não devia... — ele a interrompeu, pegando em sua mão.

— Não se culpe, eu escolhi ficar do seu lado, você não me obrigou.

— Sim, mas seria melhor para sua segurança que...

— Por favor, não diga isso, eu não vou me afastar de você. — Depois dessa frase os dois se abraçaram e se beijaram loucamente.

— Mas como você sabia que alguém ia atirar em mim?

— Foi pura sorte, um reflexo de um brilho de metal refletiu nos meus óculos.

— Nossa! E esse reflexo era...

— Do metal do cano da arma.

Ela fez uma cara de espanto.

— E você estava reclamando desses óculos, disse que não ia se acostumar.

— É, mas agora sempre vou usá-los.

Pedro recebeu outras visitas, inclusive de seus pais, que lhe deram uma recomendação, quando Adriana já não estava tão próxima.

— Filho, por enquanto você não acha melhor se afastar dessa mulher?

— O quê?

— Acho que sua mãe está certa, filho.

— Eu não vou deixá-la — Pedro afirma rapidamente, decidido.
— Mas é só até prenderem esse bandido — disse o pai.
— Ou então a convença, fale para ela não sair de casa por enquanto — a mãe de Pedro estava muito emocionada e ainda estava chorando.
— Eu posso falar isso, mas depende dela.

Eles conversaram mais um pouco, estavam muito preocupados, mas Pedro falou que estava bem, logo receberia alta. Passada algumas horas, Enrique foi visitá-lo.

— E aí, mano, está melhor? — disse, apertando sua mão, que estava boa.

— Agora sim, e o desgraçado que atirou em mim?

— Não conseguimos pegá-lo.

— O que aconteceu?...

Passado o susto, no dia seguinte Pedro já estava de alta, todos ficaram felizes com sua recuperação é muito orgulhosos pelo seu ato de amor e coragem, mas se preocupavam ainda pelo fato de que alguém ainda poderia querer matá-la, então ele também corria risco.



Enrique e outros policiais não conseguiram saber do paradeiro do assassino que tentou matar Adriana. No final do expediente, Enrique já estava cansado, mas se tranquilizou quando se lembrou do encontro que marcou com Cristiane, ele foi para casa com pressa para se arrumar, parecia um adolescente apaixonado.

Depois de ligar para ela, ele foi buscá-la na intenção de levá-la a uma lanchonete, mas não foi bem isso que ela queria. Quando ele chegou à casa dela, Cristina pediu que para ele entrar, queria conversar, mas ainda não estava decidida a perdoar-lhe pela ofensa.

— Então é aqui que você mora, é uma casa legal!

Era uma casa simples, mas bem arrumada, de madeira, um pouco antiga,

ainda conservava vitrais antigos e portas, ambos reformados algumas vezes à medida que sua mãe conseguia juntar um pouco de dinheiro com muito sacrifício.

— Obrigada, não reparem na...

— Que é isso, eu não sou rico, mas você mora sozinha?

— Não moro com a minha mãe, ela está dormindo. Vamos nos sentar — disse, sentando-se no sofá.

— Eu preciso te pedir desculpa, foi um mal-entendido, eu não quis te ofender.

— Eu pensei que um policial sabia desse negócio de tráfico de mulher.

— Eu sabia, mas muitas mulheres são levadas para outros países sabendo que vão se prostituir.

De certa forma ele estava certo, mas esse pensamento gera preconceito e dificulta a prisão dos criminosos envolvidos, pois a denúncia é muito importante e, se as pessoas de forma geral verem as mulheres como coparticipantes em vez de vítimas, não vão denunciar e, se a própria vítima não puder fazê-lo, por estar impedida de se comunicar, ou por ter sido assassinada ao fugir antes de conseguir falar com a polícia, então fica ainda mais difícil de fazer justiça.

— Mas é mulher que passa necessidade, tem filho para criar, gente ignorante, que sofreu abuso sexual na família e... — Ela tinha ouvido várias histórias das próprias mulheres.

— Você quer dizer que se iludem com uma proposta de dinheiro fácil?

— É isso, aparece homem oferecendo carro, dinheiro para a família, convence a família de que a filha vai trabalhar em restaurante em outro país, que vai ganhar bem, mas, quando chega lá, a coisa é bem diferente. Eu fui enganada, pensei que ia ser modelo, sonhei com sucesso, dinheiro, mas sofri muito, fui humilhada — seus olhos começaram a lacrimejar —, fui obrigada a me prostituir, vi um homem matar uma mulher na minha frente, porque não queria ser prostituta... — ela começou a chorar.

— Não precisa me contar tudo, não quero te ver chorar, eu...

— Você me chamou de puta —, ela tinha que desabafar, sentia muito raiva e tristeza. — Depois de tanta humilhação que eu passei, fui ameaçada de morte, para vender meu corpo, eu senti nojo, raiva, me senti um nada. Daí depois de me salvar, você me ofende.

— Me desculpe, por favor, foi um mal-entendido, eu não sabia que...
— Que eu era inocente?
— É eu não sabia — ele estava sem graça olhava pro chão, não conseguia encará-la.
— Mas as outras mulheres que estavam comigo não são culpadas, também sofreram muito.

Ela falava da realidade de mulheres do Amazonas e Nordeste, vítimas que, na maioria dos casos, são negras, da classe popular, de baixa renda, baixa escolaridade, moram em lugares de pobreza, com carência de saneamento básico e infraestrutura, transporte, etc. Moram com algum familiar e tem filhos.

Muitas nunca trabalharam como prostituta antes de serem traficadas, mas muitas foram violentadas física e psicologicamente, sofrem abandono, maus-tratos, abuso e exploração sexual, até de alguém da família. Então, mulheres pobres, com baixa escolaridade, conhecem estrangeiros que lhe prometem mundos e fundos, em países de Primeiro Mundo e boa vida em um casamento com um homem rico. Mas tudo muda na chegada ao país, já cobram a passagem, hospedagem e comida. Sem ter como pagar, essas mulheres são obrigadas a se prostituir, vender o corpo e ainda por cima suportar agressões e ameaças de morte caso façam alguma denúncia ou tentem fugir.

Mulheres que querem mudar de vida, deixar a pobreza, ajudar a família, são compradas com presentes caros, como um carro e promessas de vida rica e feliz em outro país. Mas essas promessas feitas por homens que se fingem de príncipes encantados se transformam em sofrimento, logo essas mulheres descobrem que esses “príncipes” são cafetões criminosos e exploradores sexuais violentos.

“Esses sonhos fazem de algumas mulheres vítimas fáceis de preconceitos; a sexualidade como tema tabu faz com que as mulheres usadas pelo mercado de tráfico de seres humanos sejam vistas como criminosas. Todo o sofrimento vivenciado por elas parece não ser suficiente para que a sociedade as reconheça como vítimas, o que é mais um dificultador no combate a esse tipo de crime” (fonte: constituição de reportagens do tráfico de mulheres, site do DED).

Enrique teve esse preconceito, até então ele só pensava que essas mulheres tinham conhecimento de causa para se prostituir, há esse tipo de vítima, que sabe que vai se prostituir, mas ainda assim, é enganada, com falsas propostas de enriquecer facilmente, trabalhando como qualquer outra prostituta. Mas, ao chegar a outro país, tem seu passaporte requisitado, adquire dívidas, de passagem ou drogas, perde seu direito de ir e vir, é ameaçada de morte se tentar fugir, ou contar a alguém, é obrigada a fazer pelo menos quarenta programas por noite, trabalha em regime semiescravo.

Cristina conseguiu escapar com vida, mas, na realidade, há mulheres que são assassinadas antes mesmo de chegar ao Brasil, ou outros países.

Agora, depois de tudo que ouviu, Henrique estava se arrependendo e tentando se desculpar com Cristina.

— Por favor me perdoe, eu falei sem pensar —lembrando-se do sofrimento que passou ela só chorava.

— Eu te perdoo — disse em prantos, enquanto ele a abraçava.

— Agora está tudo bem, o que você acha de a gente sair para se divertir?

— Eu não quero saber de ninguém por enquanto, Enrique. Não sei se serei uma pessoa normal algum dia... — confessou com sinceridade.

— Vamos sair como amigos, não se preocupe – ele olhou bem em seus olhos —, o que você acha?

— Acho que sair pode ser bom.

Ali começou uma amizade que talvez, estivesse à caminho de um relacionamento mais forte, eles só precisavam dar tempo ao tempo para isso.

Todos os noticiários transmitiram a tentativa de assassinato de Adriana em âmbito nacional e internacional. O Cabeça viu essa notícia em uma pousada das ilhas Cayman, ela tirou seu sossego naquele paraíso fiscal, onde ele gozava de toda a riqueza que havia roubado de Adriana e de outras vítimas.

“Hoje no final da tarde uma tentativa de assassinato chocou Curitiba – dizia a apresentadora do jornal – tentaram assassinar a estilista Adriana, que foi salva por Pedro...”

— Quê? Não pode ser! — O Cabeça estava tomando *whisky* em frente à TV, o susto foi tão grande que ele acabou cuspidando a bebida.

“...Vejam a reportagem”

Os repórteres filmaram o momento em que a polícia colocou os carros na frente de Pedro e Adriana; ela atrás da cadeira de Pedro e ele dizendo de onde veio o tiro, a filmagem continua até Pedro entrar na ambulância e termina com a seguinte declaração, dada por uma repórter:

— *Parece que o rapaz não corre risco de vida, o socorro veio a tempo, mas o policial baleado morreu, o alvo era a estilista Adriana. O atirador foi preso, o que não se sabe é como Pedro, que é seu namorado, conseguiu salvá-la, sabendo que alguém iria atirar nele daquele prédio, é o que vamos tentar descobrir em outra reportagem. Carolina dos Santos para o jornal...*

Perplexo e muito nervoso, ele estava determinado a se vingar dela pessoalmente, por ela tê-lo denunciado. Seus olhos furiosos e cruéis revelavam este fato.

CAPÍTULO 5

REENCONTRO INESPERADO

Era terça-feira, Adriana tinha prometido ficar em casa, onde estaria mais protegida, pois a proteção policial tinha se intensificado e ela queria dar um pulo na cooperativa, lá também havia vigilância, só que era particular e ela iria com um carro blindado. Sentindo-se segura, resolveu ir trabalhar, além da cooperativa, ela queria ir até sua loja de roupas, nas duas empresas havia gerentes competentes que ficavam no seu lugar na sua ausência. Ela queria conversar sobre umas ideias que teve e decidiu ir conversar sobre elas pessoalmente.

Chegando na cooperativa, a primeira pessoa que avistou foi João, mas não era para ele estar ali, deveria estar fazendo coleta, mas estava na frente da cooperativa sentado no chão com as costas encostadas em seu carrinho e seu cachorro estava ao seu lado. Estava deprimido, como de costume, Adriana foi até ele e perguntou:

— Oi, João, o que aconteceu? — Kibe foi até ela pedindo carrinho.

— Oi, Adriana — respondeu erguendo a cabeça, nem havia notado a sua presença —, não aconteceu nada.

— Não minta, por que não está trabalhando?

— Só estou cansado.

— É só isso mesmo? — disse olhando bem em seus olhos.

— Sim, mas, mudando de assunto, seu namorado está bem? — ele desconversou.

— Sim, foi só um susto, eu era o alvo.

— É, eu li no jornal, fiquei preocupado com você.

— Estou bem.

— Não tem medo de sair de casa?

— Tenho proteção e ficar em casa me dá tédio, mas parece que sua preocupação é outra – ela olhou em seu semblante que não deixava mentir.

— Não estou preocupado, só estava cansado, mas já descansei, vou trabalhar.

Adriana sabia que ele só havia falado em trabalhar para acabar com aquela conversa, ela o conhecia bem, a expressão do seu rosto revelava a mesma tristeza que lhe perturbava havia oito anos e meio; além disso, seu andar era de passos lentos, andava cabisbaixo, parecia carregar uma imensa pedra no carrinho, mas ele estava vazio, o que pesava era a angústia em seu coração. Kibe o rodeava, mas ele não dava atenção. Ele não queria se abrir, seu problema era o mesmo de sempre. A tentativa de se aproximar de sua neta não deu certo, outra entrevista foi marcada, mas ele recusou, depois que soube que seu sogro havia se mudado, desistiu de insistir no assunto.

Não era nada disso, porém, seus sogros estavam voltando de viagem com Ana Clara, o plano de Leopoldo tinha dado certo, João havia se afastado, mas ainda assim ele queria se mudar, só ainda não havia pensado em uma desculpa convincente para dar à sua bisneta. Ele estava aprontando as bagagens no carro para fazer a viagem de volta, sua mulher e Clara estavam ajudando. A irmã de Leila deu alguns alimentos colhidos em sua chácara.

— Leve esse milho também, irmã, Clara precisa comer bastante.

— Ela é magra de ruim.

— É, nem tem batata da perna, parece um aipim.

Todos riram, nas duas semanas ela estava assim, bem humorada.

— Agora vamos, já está tudo aí, né? — disse seu Leopoldo.

— Sim, pai, vamos — respondeu dona Amélia.

— Tchau, irmã querida, vá com Deus — Amélia a abraçou.

— Você fique com Ele.

Depois ela abraçou Clara e seu Leopoldo. Eles entraram no carro e se foram. Quando chegaram a casa, começaram a descarregar o veículo, Clara quis ajudar pegando o mais leve.

— Pronto, só faltam esses abacates.

— Pode deixar que eu pego, mãe.

Eram dois abacates que estavam no porta-malas, eles estavam embrulhados em um jornal, quando Clara foi pegá-los, viu que em uma folha de jornal estava escrito o nome de seus pais, ficou curiosa e começou a ler. Era uma notícia sobre a entrevista de João, seu avô. Clara não conseguia acreditar no que estava lendo, não podia ser verdade.

— Filha, por que você está demorando? — disse dona Amélia.

— O que está escrito aqui é verdade? — disse-lhe, entregando o jornal.

Vendo do que se tratava, ela não soube o que dizer, olhou para Clara por alguns segundos e disse:

— Filha, eu posso explicar, é que...

— Não precisa, eu não sou sua filha, né – ela começou a chorar e saiu correndo para o seu quarto.

— Espere, Clara, vamos conversar! – ela não deu ouvidos e se trancou no quarto.

Seu Leopoldo, quando a viu correndo, assustou-se; depois de ouvir sua mulher chamar por ela em voz alta, saiu preocupado.

— O que está acontecendo?

— Ela leu esse jornal.

— Mas como isso foi parar aí?

— Acho que estava enrolado no abacate, mas o que vamos fazer?

— Não sei, vamos ter que contar tudo para ela.

— E se ela quiser ver o avô dela?

— Não pode querer isso, ela vai ter que entender que ele matou a mãe e a avó dela.

Os dois entraram na casa e começaram a bater na porta do quarto dela.

— Filha, vamos conversar — disse seu Leopoldo.

— Eu não sou sua filha, vocês mentiram para mim.

— Tente entender, era difícil para você entender, você era muito nova – disse Leila.

— E quando vocês iam me contar? – Ela chorava muito.

— Por favor, filha, abra essa porta.

— Não, quero ficar sozinha.

— Vamos deixá-la pensar um pouco, Leila.

Naquele momento, todas as mentiras que seus bisavôs lhe contaram

começaram aparecer em sua lembrança. Os amigos do colégio diziam que seu pai era muito velho, sempre alguém o confundia com seu avô. Quando ela perguntou, eles disseram que ela foi deixada ainda bebê na porta da casa deles, com um bilhete, não sabiam quem era sua mãe e, como a filha deles havia morrido, decidiram adotá-la. Agora ela começou a entender tudo. Lembrou-se da foto de João no jornal, começou a pensar que já tinha o visto antes. Decidiu ir procurá-lo na tal cooperativa que dizia no jornal, ele lhe devia explicações.

— Já faz quase uma hora que ela está no quarto.

— É, mulher, vamos lá.

— Filha, por favor, abra a porta — disse Leopoldo, batendo três vezes na porta.

Ela não respondia, mas sua bisavó insistiu:

— Vamos conversar. — O silêncio continuava.

— O que aconteceu?

— Não sei, estou começando a ficar preocupada.

— Será que...

— Será que o quê? — A impaciência aumentou o tom de sua voz.

— Que ela fugiu? — Ele foi saindo pela porta da sala.

— Onde você vai?

— Olhar na janela do quarto dela! — Ela foi atrás.

— Ela fugiu.

— Meu Deus! — exclamou Leia, vendo a janela aberta.

— Vou atrás dela.

As lágrimas ainda rolavam pelo rosto dela, molhando a face jovem de quem vivia uma velha mentira. Mas agora tudo mudaria, agora era verdade, era o que ela queria, encontrar a verdade que se manteve afastada por oito anos e meio. Ela se escondia com culpa e vergonha, porque a verdade é sempre mais dura, querem driblar junto com a dor, mas a dor pode fazer crescer ou morrer, depende de quem você é. E aquela criança estava crescendo na dor, não deixaria que ela a controlasse, fazendo com que ficasse trancada em seu quarto, ela venceria a dor e enfrentaria a verdade com a verdade.

Porém a verdade caminhava sofrendo por causa da omissão,

enclausurada na cela da solidão e da depressão. Sem perceber, João estava no local do acidente, ali onde tudo aconteceu; quando se deu conta, parou diante do palco da tragédia: quem dera tivesse sido só uma encenação de um filme dramático e trágico! Mas, quando ele parou ali naquela esquina, tudo parecia acontecer de novo: o seu carro descendo a rua, o sinal vermelho enquanto ele estava discutindo com a mulher:

— Pare de dirigir igual a um louco!

— Cala boca, mulher, eu sei o que faço!

O sinal vermelho, os carros buzinando, o caminhão se aproximando, sua filha gritando:

— Pai!!!

Era tudo tão real e perturbador ali diante de seus olhos, e o pior é que era real.

A menina não sabia bem para onde ia, começou a perguntar, à cada pessoa que via pela frente.

— Ei, moço, você sabe onde fica a cooperativa Recomeço?

— Não sei não, menina.

Apesar de ter aparecido na TV, era uma cooperativa nova, era difícil alguém conhecer.

— Pergunte para aquele homem, ele sempre está por aí — falou, apontando para uma praça.

Ele se referia a Antônio que, como sempre, estava com seu violão, cantando uma música:

NAS ÁGUAS DA VIDA

A água cai,

E meu tempo se vai,

Ela cai,

E minha dor se vai, Mas ela não para de cair.

De alto a baixo,

Do doce ao salgado,

*Do límpido ao poluído,
Da canoa ao navio,
Do peixe ao tubarão,
Do afogamento à natação Da garoa à tempestade, Da brisa ao tufão.*

*Cheia, rasa, seca e ressaca.
Navegando, remando, velejando e naufragando.
Vou ancorando e atracando no porto do amor, para aliviar a dor.*

Ela precisava aliviar a dor, Antônio tinha a informação de que ela precisava. Então ela foi até ele naquela praça com árvores agora com raízes por debaixo da calçada, que começavam a aparecer, levantando algumas pedras, fazendo até alguém tropeçar. Isso era um sinal de que ela estava no caminho certo, pois, assim como as raízes, a verdade tinha sido enterrada e agora começava a aparecer.

— Oi, você pode me dar uma informação?

— É claro, menina linda, o que você quer saber? — ele disse se abaixando de frente para ela.

— É que... — de repente ela reparou em seu braço — nossa, o senhor não tem uma mão?

— Essa é a pergunta?

— Não, desculpe.

— Não tem problema.

— Onde fica a cooperativa Recomeço?

— Não está longe, eu posso te levar lá.

— Não precisa — ela falou com receio —, só fala onde é.

— Não se preocupe, é que a Adriana é minha amiga.

— Adriana? — disse, coçando a cabeça.

— Ela é a dona da cooperativa, eu estava pensando mesmo em visitá-la.

— Vamos, então?

— Sim, vamos lá — ele guardou o violão e foi carregando-o nas costas.

— Espere, eu vou com você — disse Leia, segurando o braço do esposo.

— Acho melhor não — ele se virou com um olhar sério.

— Vou sim, se ela encontrar o João, não vou deixar que ela fale com ele.

— É melhor nós dois a convencermos, então.

Eles entraram no carro e Leopoldo foi em direção da cooperativa. Adriana estava saindo da cooperativa para ir até sua loja, quando Antônio e Clara apareceram.

— Oi, Adriana, está de saída?
— Oi, Antônio, tudo bem?
— Sim, tudo bem.
— Quem é essa gracinha?
— Eu já tenho dez anos – colocou as mãos na cintura, e fez um olhar altivo.
— Ah é, espere aí, eu acho que já te vi antes... — ela olhou bem para seu rosto. — Ah, meu Deus!
— Você é a mulher que estava com o homem do cachorro?!
— É, sou eu mesma.
— Então aquele é o meu avô?
— Você já sabe, então — ela fez uma expressão de surpresa.
— Ela veio me dizendo no caminho que precisa vir aqui falar com um tal de João, que ele era avô dela.
— Mas ele não está agora e acho que vai demorar para voltar.
Ela não se deixaria esmorecer, estava realmente disposta a falar com ele.
— Eu vou esperar.
— Mas e seus bisavôs?
— Não quero saber deles — fez uma cara de emburrada e cruzou os braços.

Falando neles, o carro deles acabava de chegar; ao ver o carro, a menina correu para dentro da cooperativa, de forma tão rápida que eles nem puderam ver.

Parando em frente à cooperativa, Leopoldo perguntou a Adriana:
— Você viu uma menina loirinha por aqui?
— De cabelos cacheados? – Adriana pensou em mentir, mas ela não podia esconder uma menina em sua cooperativa.
— Sim!
— Ela está lá dentro – ela apontou para a entrada.
— Podemos entrar então?
— Sim podem, eu os acompanho.

Ele saiu do carro, a sua esposa saiu também e eles foram guiados por Adriana para dentro. Antônio os seguiu. Olhando para Adriana, Leia se lembrou daquele dia que a viu junto com João e seu cachorro.

— Clara, onde você está? — Leopoldo falava em voz alta, mas ninguém respondia.

— Clara! Clara! — continuava sem resposta.

Ela havia entrado dentro de uma carreta de caminhão, desdobrou uma caixa de papelão e se enfiou dentro dela; estava sentada com os joelhos encolhidos, os braços se cruzando pelas pernas e o queixo encostado no meio dos joelhos; ela diminuiu até a respiração para não chamar a atenção, mas havia um cheiro estranho naquela caixa, algo tóxico que começou a deixá-la dopada, sonolenta, então logo ela adormeceu. O caminhão estava estacionado na saída do barracão, onde era armazenada a coleta dos recicláveis, o caminhão levava aquilo que Adriana não ia aproveitar para fazer roupas, então ela revendia. O motorista e seu ajudante, conversando, fecharam a porta do caminhão e entraram; o motor foi ligado, fazendo um barulho um pouco incômodo, mas Clara não acordava.

Enquanto isso seus bisavós continuavam a sua procura, chamando por ela, andando por toda a cooperativa, procurando e perguntando, Adriana e Antônio ajudavam, mas nada da garota.

Até que perguntaram para um funcionário que estava no barracão de onde tinha saído o caminhão.

— Eu vi uma menina correndo.

— Para onde ela foi?

— Ela entrou no caminhão e...

— Quê?! – disse Leia.

— No caminhão? — perguntou seu Leopoldo, erguendo as sobrancelhas.

— E você não falou nada? — disse Adriana.

— Eu pensei que ela estava com os caras – Falou, encabulado, baixando a cabeça.

— E, agora, meu Deus? — Leia pôs as mãos na cabeça.

— Para onde vai esse caminhão? — perguntou Leopoldo.

— Eu vou ligar para o motorista — Adriana pegou seu celular do bolso da calça jeans.

O celular tocou várias vezes, mas ninguém atendeu. O som do rádio

estava alto no caminhão, eles não conseguiram ouvir.

— Ninguém atende, é melhor eu levar vocês até lá.

— Se alguma coisa acontecer, vai ser culpa do João.

— Aquele assassino! — Leopoldo estava tenso.

— Espere aí, ele não é assassino – disse Adriana.

— Você já perdeu uma filha? — Leia perguntou, olhando bem em seus olhos.

— Não — a resposta veio depois de alguns segundos, Adriana ficou chocada com o olhar de dor de Leia.

— Vamos logo! — Leopoldo pegou em seu ombro.

— Ah sim, vamos, meu carro está lá na entrada.

O caminhão estava próximo do destino, Adriana ainda tentou ligar mais algumas vezes, mas ninguém atendia. A expressão de preocupação dos bisavós de Clara era nítida.

Logo o caminhão foi estacionado no local de destino, a carreta foi aberta e começaram a descarregar, tiraram algumas caixas até chegarem na caixa onde estava Clara.

— Você não dobrou essa caixa? — perguntou o motorista.

— Eu dobrei todas.

— Menos essa, né? — ele puxou a caixa e levou um susto. — Nossa! — deu uns passos para trás, levantando as mãos.

O corpo da menina na retirada da caixa se deitou no chão, por cima de outras caixas dobradas.

— Será que está viva? — Um deles se perguntou.

— Como será que ela entrou aqui? — Questionou-se o outro.

— Não sei — ele se abaixou para mexer no corpo.
— Não! — ele levou um susto. — Vamos falar com o chefe.
— Está louco? Quer me matar do coração?
— Que gritaria é essa? — disse o chefe.

Os dois fizeram uma cara de espanto, colocando-se na frente do corpo.

— O que vocês estão escondendo aí? — ele começou a se aproximar, subindo no caminhão.

— Eu não sei como, mas...

— Sai da frente! — Os dois saíram da frente. — O que é isso?

— Uma menina — disse o ajudante do motorista.

— Isso eu sei, por que ela está aqui? Parece desmaiada.

— Eu não sei como ela entrou — o motorista explicava, gesticulando com as mãos trêmulas —, eu puxei a caixa e ela estava dentro.

— Mas como? Vocês não viram nada?

De repente o celular começou a tocar.

— Fiquem aí, eu atendo.

Era Adriana novamente, perguntou da menina, ele disse que ela estava lá, só não quis dizer em que estado, e Adriana falou que estava a caminho.

— Era a Adriana perguntando da menina, ela disse que ligou três vezes, o que vocês estavam fazendo?

— É que o rádio estava ligado...

— Seus idiotas, e agora o que eu vou dizer para ela, saiam daí! — Ele se abaixou ao seu lado para ver o pulso. — Ela está viva.

— Ufa!

— Ainda bem.

— Em que caixa ela estava? — Eles indicaram a caixa. — Ela tem mancha de úmido, um cheiro forte, então ela ficou dopada. — Era arsênico. — Tem água no caminhão?

— Tem sim. Mas para quê?

— Para acordá-la, fiquem aí.

Ele voltou e, com uma garrafinha de água, acordou-a, espirrando um pouco em seu rosto. Clara foi abrindo os olhos devagar, estava meio zozza.

— Onde estou? — disse, esfregando os olhos, pois sua visão estava turva.

— No caminhão.

— Cale a boca, você dormiu estava dentro de uma caixa, lembra?

— Sim, me lembro.

— Por que se escondeu aqui?

— Eu estava fugindo...

Adriana acabara de chegar com seu Leopoldo e Leia, que estavam atrás do caminhão.

— ...deles – ela apontou o dedo.

— Minha bisneta! — Leia foi entrando na carreta. — Nunca mais faça isso — ela a abraçou sentindo-se aliviada ao vê-la.

— Você está bem? – perguntou seu Leopoldo.

— Estou bem – ela se levantou.

— Como vocês a levaram sem perceber? – disse Leopoldo, inconformado.

Eles se explicaram, e também sobre as ligações que não foram atendidas, o gerente, chefe deles, desculpou-se. Quando eles foram embora, a menina não queria conversa. Adriana, olhando para ela, piscou com o olho direito, a menina entendeu. Ela iria dizer para João que ela veio procurá-lo.

Ele só apareceu no dia seguinte, o seu humor não mudou, ele não tinha feito nenhuma coleta, sentia-se incapaz, um inútil, aquela depressão o incapacitavam.

— Bom-dia, João.

— Bom-dia, Adriana. — Esse bom dia saiu com jeito de mal dia.

— Eu tenho uma boa notícia para você.

— Boa notícia? — fez cara de descrente.

— É, sabe quem veio te procurar aqui ontem?

— Sei lá! — falou, erguendo um pouco as palmas das mãos.

— Sua neta!

— Está brincando? — Agora sua expressão era de alegria.

— Não, é verdade.

— Ela veio sozinha?

Adriana lhe contou toda a história, inclusive sobre a ofensa que lhe fizeram na frente da menina.

— Então ela deve me odiar também.

— Mas ela veio te procurar, estava fugindo dos bisavós.

— Acho que ela só queria me ofender também.

— Por que você não vai procurá-la? – Ela colocou a mão em seu queixo para erguer sua cabeça.

— Acho melhor não, já cansei de ser acusado, e o pior é que eles têm razão.

Ele saiu sem dizer nada, nem era preciso, Adriana sabia que ele não iria trabalhar, ela pensou que ele se alegraria com a notícia, mas não conseguiu ser otimista, só pensava nas coisas que seus sogros poderiam ter dito a ela e, depois dos seus anos de ausência, ela só poderia dar razão a eles.

Entretanto, não era isso que se passava pela cabeça dela, Clara nem conseguiu dormir direito só pensando em reencontrar o avô, por isso de manhã cedo já estava de pé, preparando-se para sair, com passos lentos e silenciosos, de meia, com os calçados na mão, o piso estava gelado e ela gelou mais ainda quando ouviu:

— Onde você vai? — era Leila.

— Lá fora, não consegui dormir direito.

— Então vamos tomar café?

— Não estou com vontade — ela falou brava, com uma voz áspera.

— Não fique brava, filha...

— Não sou sua filha.

— Desculpe, é o costume, mas a gente não podia contar, entenda, é muito sofrimento.

— Mas não deixa nem eu ver meu avô?

— Ele é o culpado disso tudo, mas o que você quer saber?

— Quero saber como era minha mãe, saber tudo dela e da minha avó.

— Eu tenho umas fotos, mais primeiro vamos tomar café.

Enquanto isso sua bisavó pôs a água para esquentar, acordou seu marido e pediu para ele procurar as fotos. Durante o café, ela perguntou tudo sobre sua mãe e sua avó, praticamente nem comeu, queria logo ver as fotos. A primeira foto que foi mostrada era de quando a mãe tinha mais ou menos sua

idade, era muito parecida com ela, e do lado de sua mãe estava a avó, a semelhança também era grande, outras fotos foram mostradas, em família, tinha uma de quando Clara era bebê, no colo da mãe, naquela época seus olhos brilhavam de alegria, estar junto da mãe lhe fazia tão bem, no fundo estava a casa de seu avô, que seus bisavós sempre lhe disseram que era da filha deles que havia morrido.

— Aqui é a casa da sua avó, vamos lá?

— É, lá tem mais lembranças. — disse o bisavô.

Os três foram à casa, ela já tinha ido lá outra vez, sabendo que era a casa que a filha e seus bisavós tinham morado lá, sem saber que era sua mãe. Na frente do quintal, havia uma árvore grande, ali seu avô tinha feito uma casa da árvore que ainda estava lá, meio danificada pelo tempo. As tábuas pintadas de rosa já tinham descascado e estavam apodrecendo, também nessa árvore tinha um balanço com uma tábua de peroba e cordas desfiadas. Clara brincava ali algumas vezes, mas agora era especial.

— Sua mãe se sentava aí com você no colo, balançava bem devagar e você dormia — disse o bisavô com a imagem da filha e da neta na cabeça, que de tão real parecia estar lá.

Depois eles foram andando até a casa, por uma calçada estreita de tijolos, meio escurecidos pelo tempo. A casa era branca, mas tinha algumas manchas de mofo, eles nunca quiseram mexer na casa, queriam deixar como era, do jeito que estava desde quando a filha havia morrido. Às vezes, sua mãe gostava de imaginar que ela estava só viajando e logo voltaria.

João também sentiu vontade de ir até a casa, quem sabe ver sua neta de longe, ninguém perceberia, ele resolveu ir até lá. Já estava de frente para a casa que era sua, mas deixou para seus sogros, como lembrança da filha e da neta e com a promessa de se afastar. Mas, mais uma vez, estava ali para relembrar, foi quando viu seus sogros e sua neta saindo da casa.

“Então eles não se mudaram, era mentira”, ele pensou escondido atrás de uma árvore.

— Vamos, filha – disse dona Léia.

— Quero fica um pouco aqui. — Ela se sentou na balanço.

— Está bem, vamos deixar ela sozinha, mãe. — Ele ainda tinha o

costume estranho de chamar sua esposa de mãe.

Quando eles entraram, João criou coragem e decidiu se aproximar. Clara estava se balançando, quando percebeu que alguém se aproximava, aquele homem ruivo não lhe era estranho, quando ele se aproximou mais, então ela se lembrou, era seu avô, estava quase igual à foto do jornal, a barba só tinha crescido um pouco.

Quando ele se encostou ao muro e ficou olhando para ela, ela também ficou olhando; os dois, por alguns segundos, não sabiam o que dizer, até que ela rompeu o silêncio:

— O que está olhando – ela disse isso só para testá-lo.

— Você sabe quem eu sou?

— Sei, mas por que você nunca me procurou?

— Eu tive vergonha, medo, seus bisavós não te disseram?

— Eles me contaram depois, eu descobri lendo um jornal.

— Devem ter dito que eu sou um...

— Assassino! — Ela olhou bem sério para ele, mas não era um olhar de acusação.

— Não foi por querer, eu perdi o controle, bebi demais, por favor, me perdoe.

— Por que o senhor não volta a morar aqui? — Ela o estava acusando de ausência, não de assassinato, isso o surpreendeu.

— Não sei, seus bisavós não querem saber de mim, eles me acusam, eu achei que você também me odiaria.

— Eu não posso te odiar, você é meu avô, minha mãe e minha vó te amavam.

— É, eu também as amava, choro muito quando me lembro dela, sempre lembro do acidente e daí vem a culpa — ele começou a chorar. — Por favor, me perdoe eu não queria... — As lágrimas molhavam seu rosto, escorrendo até o pescoço.

— Eu te perdoou, vô. — Ela pulou o muro para abraça-lo.

Agora suas lágrimas molhavam a blusa da sua neta, seu coração acelerava, aquele abraço de perdão estava curando-o. Mas tudo foi interrompido por quem não queria perdoar-lhe, e as palavras de ódio saíram, rapidamente, sem pedir licença:

— Largue esse assassino! — Ela puxou o braço da garotinha com força.
— Vamos para casa.

— Eu não quero! — Ela puxou o seu braço, soltando-o da mão da bisavó.

— É melhor obedecer, outro dia a gente conversa.

— Não tem outro dia, sai daqui!

— Não vou sair, essa casa é minha! Ele tomou coragem já estava cansado, dessa vez não iria mais se afastar de Clara.

— Mas você não disse que essa casa era da minha avó, que vocês tinham dado para ela?

— Essa é outra história, vamos para dentro. — Leia pegou em seu braço novamente.

A discussão começou a chamar a atenção dos vizinhos, que colocavam a cabeça para fora da janela, ou da porta, um até saiu no portão. Seu Leopoldo já estava saindo na direção deles.

— O que você faz aqui? — Ele encarava João.

— Estou na frente da minha casa — estava decidido a não mais se encolher diante deles, já tinha pedido perdão várias vezes, não podia fazer mais do que isso.

— Seu abusado, por que você tinha que aparecer de novo?

— Não quero discutir, vou embora, mas não vou mais me afastar da minha neta, acho que até vou voltar a morar aqui.

— Não se atreva! — disse seu Leopoldo.

Mas ele não dava ouvidos, virou as costas e foi embora, e Clara saiu correndo para casa chorando.

— Clara! — exclamou Leia, alterada.

— Deixe ela, um dia ela vai ter que entender. — comentou o bisavô, insatisfeito.

— Ela estava abraçando-o, não sei o que ele disse para ela.

— Acho que ela o perdoou. — Ele a conhecia bem, mas isso não cabia na cabeça de Leia.

— Como ela pode perdoar-lhe, como? — disse, chorando e fechando suas mãos com força.

— Não sei.

Enquanto os dois entravam, uma lembrança, que não lhe vinha à mente havia algum tempo, voltou a aparecer em sua memória:

*“Pai, você me perdoa... perdoa a meu marido... ele não...
“Filha eu te, filha! Filha!!!”*

Leopoldo se lembrava da filha na cama de hospital, um pouco antes de morrer. Tinha uma coisa que ela fez que magoou seu pai, e ele nunca lhe perdoou por isso. E ela acabou morrendo, antes de receber seu perdão e até hoje ele não perdoou ao genro.

— E se ele voltar a morar aqui?
— Não sei, tenho que pensar.

Os dois entraram e ele ficou pensativo, sentado no sofá da sala, sua esposa foi para o quarto. Depois de pensar por algumas horas, relutando com a atitude que decidira tomar, levantou-se e foi até o quarto da bisneta.

— Filha, posso entrar? — Bateu três vezes, antes de obter alguma resposta.
— O que você quer?
— Preciso lhe contar algo muito importante, é sobre seu avô.
— Vai acusar ele de novo?
— Não, filha, não vou.

Ela abriu a porta e ele entrou, os dois se sentaram na cama e ele lhe contou da lembrança que tinha tido, explicou a ela qual era aquele perdão, que ele tinha que dar a sua filha e disse que perdoaria a seu genro.

— Então, pela sua, mãe eu o perdoarei, foi o último pedido dela antes de morrer.
— Que bom, então ele volta a morar na casa dele — agora ela sabia que a casa era mesmo dele.
— Eu não vou impedir, mas não conte nada a sua bisavó por enquanto.

A garota assentiu, com um leve sorriso de satisfação formando-se em seus lábios.



João estava feliz, sua neta havia perdoado a ele, não entendia como ela foi capaz, ele mesmo não se perdoava, mas agora queria ficar perto dela, decidiu voltar a morar na casa dele, no dia seguinte, antes contaria para Adriana.

No dia seguinte de manhã cedo, ele estava na Cooperativa. Não demorou muito, Adriana chegou e notou que ele estava completamente diferente que nos dias anteriores.

— Bom-dia, o que aconteceu? Viu o passarinho verde?

— Lembra que você me falou da Clara?

— Sim, e você não se animou muito.

— Mas eu resolvi passar lá na casa dela só para ver se eles tinham se mudado mesmo, mas era mentira e, quando cheguei lá, eu a vi.

— E o que aconteceu? — Adriana perguntava como se estivesse ansiosa para saber o próximo capítulo de uma novela.

— Ela me perdoou – ele estava sorrindo como uma criança.

— Estou tão feliz por você, meu amigo! E o que você vai fazer agora?

— Eu vou voltar a morar na minha casa, eu queria saber se podia...

— É claro que! Vá, corre arrumar suas coisas!

— Então eu vou lá arrumar as coisas, obrigada, Adri.

Chegou a hora da verdade, seu Leopoldo tinha prometido perdoar seu genro, mas como dona Leia reagiria, ele não disse nada a ela. Ela não queria ver João por perto, não queria saber dele morando ali do lado da sua casa novamente; para ela, ele devia estar na cadeia, onde é o lugar de um assassino. Leopoldo também pensava assim, mas algo que sua filha disse no passado o fez mudar de ideia. O pedido de perdão da sua filha e o perdão que sua bisneta tinha dado a João o fez enxergar que o único jeito era perdoar.

Leia sentiu um clima estranho entre os dois na hora do café, até que um barulho de porta se abrindo na casa vizinha quebrou o silêncio, eles olharam pela janela para ver quem era, viram João passando pela janela da sala.

- Que abusado! O que ele quer, já não sofremos bastante? – disse Leia.
- Eu vou lá – disse Clara, animada.
- Fique aqui, eu vou lá, ele tem que ir embora.
- Deixa ela ir, vamos conversar, Leia.
- O quê? Não podemos...
- Vá, filha, eu preciso conversar com sua bisavó.

Ela se foi rapidamente, e Léia estava inconformada. Que conversa era essa, por que ele mudou de ideia de uma hora para outra?

Clara foi até a casa do avô, chegando lá, surpreendeu-o, e o cumprimentou com um abraço e um beijo no rosto.

- Seus bisavós sabem que você está aqui?
- Sim. — Ele fez uma cara espanto.
- Eles deixaram?
- Meu bisa deixou, mas a bisa não.
- Por que ele deixou?

Clara começou a lhe contar a mesma história que seu Leopoldo estava contando a dona Leia, que à essa altura, estava desacreditando das palavras do marido.

— Perdoar, você quer perdoar-lhe? – ela não se conformava, não entendia como ele era capaz.

— Acho que você devia fazer o mesmo.

— O quê?! Você está louco? Por culpa dele, minha filha morreu e minha neta também. Como posso perdoar-lhe, minha filha morreu, ele é o culpado, ela saiu das minhas entranhas, foi uma parte de mim que morreu! – ela estava em prantos.

— Eu vou lhe contar uma coisa que eu nunca te falei, foi isso que me fez mudar de ideia.

— Que história é essa?

— Antes de morrer, nossa filha me pediu para perdoar a ela e ao João.

Clara havia pedido aquele perdão para ela por que seu pai nunca aceitou a relação entre ela e João, ele sempre dizia que ele era um fracassado, por que era um vagabundo, vivia nas costas da mãe viúva, ela recebia pensão do marido, que teve uma patente importante na Aeronáutica. Mesmo sendo maior de idade, nunca tinha trabalhado. Na época, ela era nova, tinha quinze

anos, não demorou muito já estava grávida. Daí a raiva do seu pai aumentou, ele determinou que ela teria que ir morar com ele. Aquelas lembranças ainda permaneciam vívidas na mente de Leopoldo.

— *Você me envergonha, como você foi ter um filho com esse vagabundo, nem casados vocês são.*

— *Calma, pai, a gente vai casar.*

— *Casar agora que sua barriga está aparecendo, nem pensar, você vai embora dessa casa e vai viver com ele.*

— *Mas como eu vou morar lá, com a mãe dele, e ele nem está trabalhando ainda.*

— *Eu te avisei, não quero nem saber, hoje mesmo quero você fora daqui.*

Naquele momento seus olhos se encheram de lágrimas, mas isso não desfez a raiva do pai. Sua mãe que acabara de chegar ouviu a conversa e a amparou em seus braços.

— *Você não pode fazer isso com ela, é a nossa filha. – Ela o encarou com raiva.*

— *Eu não tenho filha vagabunda!*

— *Deixa, mãe, agora sou eu que não quero ficar, vou falar com João.*

Para surpresa de seu Leopoldo, João aceitou morar com ela. Mas estava difícil arrumar emprego, para ele que nunca tinha trabalhado e só tinha o ensino fundamental, que na época era o ginásio, sem profissão, não durava muito em nenhum emprego. Além disso, era indisciplinado e volta e meia faltava no serviço, por causa de farra e bebedeira.

Até que sua mãe morreu, daí ele teve que tomar jeito, assumir as responsabilidades da casa, que agora era sua. Mas logo as bebedeiras o fizeram perder mais um serviço. A filha já tinha nascido, estava com dois meses, ela quebrou um pouco o gelo do coração de seu Leopoldo, mas nem falava muito com João, nem com sua filha, a não ser para ofendê-lo:

— *Você foi ter filho com um alcoólatra, você me envergonha.*

Aquelas palavras doíam, mas ela continuou com ele. Logo arranjou um emprego e colocava mais dinheiro em casa que o marido, que se afundava no alcoolismo.

Tentou se curar com alguns tratamentos, mas a recuperação era passageira. Seu Leopoldo tentou convencê-la a se separar, mas ela não lhe dava ouvidos, dizia que, apesar de tudo, o amava, e não iria deixá-lo.

E foi relembrando essa história que Leopoldo disse para sua esposa:

— Eu nunca lhe perdoei por isso, eu sempre a destratei, tinha vergonha dela. E isso fazia mal a ela, quando ela estava morrendo, essa dor parecia doer mais do que as dores do acidente. Ela morreu me pedindo perdão — ele começou a chorar — e eu não pude perdoar-lhe a tempo, ela pediu para perdoar o João também — ele começou a se lembrar dela, morrendo naquela cama de hospital, o eletrocardiograma soando aquele *apito* ininterrupto, o gráfico linear, e os seus próprios gritos chamando por alguém que não podia mais responder.

— Como ela pôde pedir isso, ele a matou, e a filha dela!

— Considere, mulher, foi o último pedido da nossa filha, nesses oito anos eu tentei esquecer, isso pesava na minha consciência... — O pranto o fez hesitar. — Às vezes, eu esquecia para não sofrer, mas depois lembrava e isso me culpava — disse, colocando as mãos na cabeça.

Ele a abraçou como não fazia há muito tempo, chorava de forma compulsiva em seu ombro.

— Temos que perdoá-lo, pela nossa filha, pela Clara também.

— É difícil para mim, vou pensar com calma.

Com o tempo que se passou, ela finalmente o perdoou. Leia e seu Leopoldo se surpreenderam com as atitudes dele, tinha se tornado um homem responsável, trabalhador e não era mais alcoólatra. Eles passaram, aos poucos, a viver como uma família, deixando o passado só como uma lembrança de saudades.

CAPÍTULO 6

A VINGANÇA DO CABEÇA

Tudo corria bem para Pedro e Adriana, já fazia quase um mês desde aquela tentativa de assassinato contra Adriana havia ocorrido e eles pareciam ter esquecido parcialmente o medo que os consumiam. Estavam tranquilos, a presença da polícia tinha afastado o Cabeça. Adriana tinha a sensação de estar segura, mas as escoltas policiais, os seguranças, procurar estar a par das investigações, tudo isso estava cansando sua mente. Ficava pensando, quando isso teria fim? O delegado dizia que era só uma questão de tempo, as investigações estavam dando certo, aos poucos ele chegaria ao esconderijo do Cabeça. Mas esse tempo parecia demorar cada vez mais, aquele ditado de que a justiça tarda mais não falha, isso lhe parecia uma grande besteira, sempre a justiça lhe pareceu uma tartaruga manca, que falhava várias vezes, e se falhasse agora? Esse pensamento a perturbava, andar pela rua como uma pessoa comum, sem nenhuma vigilância, era o que ela mais queria.

Já Pedro não tinha esse problema, a vigilância policial tinha se intensificado somente sobre Adriana, ainda mais depois que um policial foi morto, mas, quando os dois saíam juntos, era incômodo, só faltava entrarem junto com eles no banheiro.

Por isso, ele andava de carro tranquilamente na volta para casa depois de mais um dia cansativo de serviço, e nada melhor para esquecer um pouco do trabalho do que namorar. Pensou em ligar para Adriana, pegou seu celular, mas estava sem crédito. Mais à frente havia uma banca de revistas na esquina, ele parou o carro ao lado dela para comprar créditos para o celular. Quando retornou ao carro, já foi logo ligando para ela:

— Oi, amor, está ocupada? – ele parou em um sinal vermelho.

— Não, estou indo para casa.

— *Vamos sair?* – disse, colocando o fone de ouvidos no celular e depois colocou em cima do porta-luvas.

— *Não sei, precisamos mesmo sair?*

— *Não, por quê?* – Ele engatou a marcha, o sinal se abriu.

— *Já estou cansada de ser vigiada por policiais o tempo todo – deu um suspiro. – Que tal sairmos de viagem esse final de semana?*

— *Seria ótimo...* – ao parar o carro, pois o trânsito começava a congestionar, ele percebeu, pelo retrovisor, um vulto se mexer rapidamente no porta-malas.

— *O que foi? Engasgou-se?*

— *Não, é que tive que parar o carro – ele sentiu um arrepio, seu coração acelerou-se, mas desconversou –, está congestionado o trânsito.*

Quando o trânsito começou a andar novamente, ele acelerou e deu uma freada brusca propositadamente. E sentiu algo bater no banco de trás, era sua cadeira, mas do porta-malas nenhum barulho.

— *Devo estar vendo coisas.*

— *O que disse?*

— *Nada, o que você dizia da viagem?* – Olhou mais uma vez no retrovisor e só viu a cadeira.

— *A que lugar você gostaria de ir?*

— *Ah, não sei, qualquer lugar.*

— *Que tal para o inferno?* – de repente ele sentiu um cano de metal frio em seu pescoço. – Fique quietinho – o homem armado sussurrava em seu ouvido.

Ele só poderia ficar quieto, tinha perdido a voz e suava frio.

— *Pedro, o que você disse?* – ela estava confusa, não podia ter ouvido direito.

— *Nada, é melhor a gente conversar depois* – ele ia desligar o telefone quando o indesejado passageiro disse:

— *Nada disso, passa o celular para cá.*

Com as mãos trêmulas, Pedro foi pegando o celular, pensando de onde surgiu aquele homem. Ele tinha saído do porta-malas, entrou no carro quando Pedro parou na banca de revistas.

— *Por que você parece nervoso? O que está acontecendo, Pedro, pelo*

amor de Deus?! – disse para Pedro antes de pegar o celular.

— Oi, boneca, lembra-se de mim? – Aquela voz a fez ficar muda, não podia ser ele.

— Quem está falando? – disse assustada.

— Adivinha – ele deu uma risada sarcástica, a qual ela conhecia bem.

Agora ele segurava o celular com a mão direita e a arma com a mão esquerda, fazendo mais pressão contra o pescoço de Pedro, que dirigia, tentando conter o nervosismo, mas já começava a passar mal, sua pressão estava subindo, o coração acelerando e sua testa começava a suar.

— Pedro, você está bem?! – ela começou a chorar.

— Seu namoradinho não pode falar, tem uma arma apontada para ele.

— O que você quer? Por favor, não o machuque – sua voz estava melancólica.

— Eu quero você, quando eu ligar de novo e nada de polícia, se não ele morre – seu tom de ameaça era claro, e ele desligou o telefone com ela ainda na linha.

— Espere, não desligue... não! – Ela soltou o celular no chão, e levou as mãos à cabeça, chorava de forma compulsiva.

Meia hora se passou, Adriana nem conseguia sair do lugar, agora estava sentada no chão do escritório da loja de roupas, chorando e esperando que o telefone tocasse de novo. Ele tocou, ela atendeu de forma desesperada, nem viu o número no identificador de chamada.

— Alô, o que você quer?

— Sou eu, filha, algum problema? – Era sua mãe.

— Não, mãe, estava esperando outra pessoa ligar – ela disfarçou a voz de quem estava em prantos.

— Você pode vir aqui em casa hoje? Estou com saudade.

— Pode ser, mas tenho que desligar, estou esperando uma ligação importante.

— Nossa! Desculpe se estou incomodando.

— Desculpe, mas é sério, até mais tarde, tchau.

— Tudo bem, mas c... – Ela mal terminou de falar Adriana desligou, ela ficou preocupada, que ligação seria essa?

Preocupar a mãe agora não resolveria nada, Pedro corria perigo, ela

sabia do que Cabeça era capaz.

Pedro ligava o carro sem saber para onde ir, estava muito nervoso.

— Agora para o carro e desce – disse apontando a arma para sua cabeça.

— Preciso pegar minha cadeira.

— Eu ponho ela para fora, não tente fazer nada, seu heroizinho de merda!

Cabeça colocou a cadeira para fora do carro, do lado de Pedro, que já tinha aberto a porta do veículo.

— Vamos logo, sobe na cadeira – disse apontando a arma e olhando para os lados.

Mas não tinha movimento, Pedro nunca tinha ido para aquele lado da cidade, e logo não saberia mais o caminho de volta, nem mesmo sabia se voltaria vivo. Pedro sentou-se na cadeira e recebeu a seguinte ordem:

— Vai para o porta-malas.

— Mas eu não vou conseguir entrar.

— Dá um jeito, vai logo – ele encostou a arma em seu pescoço.

Pedro lhe obedeceu e, com dificuldade, entrou no porta-malas.

— Mas o carro é adaptado, você não vai saber dirigir.

— Eu dou um jeito, agora cala a boca – Pedro recebeu uma coronhada e desmaiou.

Realmente ele se virou, com sua malandragem e esperteza para aquilo que não presta, conseguiu dirigir o veículo adaptado, foi só prestar um pouco de atenção em Pedro dirigindo que ele aprendeu.

Pedro mal sabia o que o esperava, desacordado no porta-malas do carro, ele estava sendo levado para um cativeiro, de lá o Cabeça faria outra ligação para Adriana para uma negociação, em troca da vítima viva.

Adriana estava no mesmo lugar, não conseguia se mover, só esperava o telefone tocar. Lembrava que o Cabeça lhe disse que não queria polícia, se não Pedro morreria, mas como ir até o cativeiro de Pedro sem que a polícia que faz escolta fosse atrás, e ainda tinha a segurança particular.

Até que o telefone tocou e ela desesperadamente atendeu:

— Alô, pode falar, o que você quer? – sua voz soava aflita.

— Onde você está, gostosa?

— Não me chame assim, seu...

— É melhor você não me xingar, eu posso matar seu namoradinho agora mesmo. – Pedro estava ao seu lado, amarrado em sua cadeira, e amordaçado.

— Desculpe, o que você quer? – Sua mão que segurava o celular estava tremendo.

— Calma, por que você está nervosa?
— Por favor, me diga logo.
— Eu quero cinco milhões.
— Eu não tenho todo esse dinheiro.
— Não se faça de besta, quero esse dinheiro ou ele morre!
— Está bem, eu vou dar um jeito, onde eu tenho que ir?
— Você sabe bem, onde eu matei o Cláudio, venha logo e nada de polícia.
— Eu já estou indo.

Ela desligou o celular e resolveu ir falar com seu pai, não queria envolvê-lo nessa história, mas não tinha outro jeito de arranjar aquele dinheiro. Ainda pensava em dar um jeito de sua mãe não saber.

Ela já estava dirigindo, a escolta atrás, pensava como sairia dessa, sabia que só o dinheiro não resolveria, o Cabeça, sem dúvida, iria matá-la e não pouparia Pedro. Já em frente ao apartamento, ela ligou para o pai, não queria perder tempo subindo até lá, não queria também que sua mãe lhe visse.

— Alô, pai.
— Oi, filha, tudo bem?
— *Deixe-me falar com ela – disse Kátia, que estava ao seu lado.*
— *Sua mãe quer...*
— *Quero falar só com o senhor, é urgente.*
— *Está bem, pode falar – ele conteve sua preocupação para não falar nada que preocupasse sua esposa.*
— *Pegue cheque, dinheiro, o que for de valor, eu estou na frente do prédio.*
— *Está bem, eu já vou.* – Ele desligou o telefone rapidamente, já esperando o que estava por vir.
— Eu queria falar com ela, por que desligou?
— É que ela está com pressa.
— Por quê?
— Precisa pagar uma conta e perdeu o cartão de crédito. Deixa-me ir junto, eu já vou me arrumar.
— Não, você demora muito, ela disse que a loja já ia fechar.
— Mas eu estou com saudade dela – ela olhava para ele com um olhar

melancólico, só para convencê-lo.

—Depois eu falo para ela passar aqui na volta.

Ele pegou a carteira, o talão de cheques, calçou os sapatos e saiu rapidamente. No corredor foi o mais rápido que pôde apertar o botão para o elevador descer, mas a demora o frustrou, ele já estava com o coração para sair pela boca, então resolveu ir pela escada mesmo.

Ao chegar perto do carro da filha, ela já foi logo abrindo o vidro:

— Por favor entre rápido, pai.

— Diga-me o que está acontecendo, filha – disse, entrando no veículo.

— No caminho eu te conto – disse, engatando a marcha.

— Diga logo, filha, o que está acontecendo?

— Eu preciso de cinco milhões – ele a olhou assustado e disse:

— Para que tanto dinheiro?

— Não dá para mentir para o senhor, o Pedro foi sequestrado.

— Quê? E esse é o resgate?

— Sim, mas o Cabeça pediu para eu ir lá entregar.

— Lá onde? Não, querida. é perigoso!

— Na casa abandonada onde ele matou o Cláudio.

— Eu vou com você, filha.

— De jeito nenhum. – Ela estava com pressa, quando o sinal ia ficar vermelho, ela acelerou.

— Você pode ser morta, filha! – Ele olhou bem para ela, mas ela não queria tirar os olhos da estrada.

— Nem a polícia pode aparecer por lá, não sei como vou fugir dessa escolta.

— Você tem todo esse dinheiro?

— Faz um cheque aí, eu não sei o que pode acontecer com ele, pai – ela começou a chorar.

— Espere aí, eu já sei, eu tenho uma ideia.

— Que ideia? – Agora ela olhou para ele, curiosa.

— É o seguinte...

Eles deram uma volta, enquanto seu Silvio preenchia o cheque ali mesmo dentro do carro, enquanto isso ela ligava para Enrique:

— Enrique, você está ocupado?

— Eu estava saindo, por quê? – Ele iria sair com Cristina.

- Quem é? – ela perguntou.
- É minha cunhada – ainda assim ela ficou com ciúmes.
- Seu irmão corre perigo, preciso que você me encontre.
- Onde você está?

Enquanto isso, Cabeça tentava ligar para Adriana.

— Droga, só dá ocupado, se ela estiver aprontando alguma, eu mato ela – ele resolveu tirar um pano que amarrava a boca de Pedro, o nó era tão forte que teve que rasgá-lo. – Você tem o telefone do pai dela?

— Deixe-a em paz! – Por um momento Pedro deixou o medo de lado.

— Não erga a voz para mim, seu merda, o que você pode fazer, seu aleijado?

— Me desamarre que eu te mostro!

— Fique quieto! – Ele lhe deu outra coronhada, fazendo-o desmaiar novamente, temendo que alguém tivesse escutado ele gritar.

— Ela deve ter aprontado alguma! – Ele continuava ligando, mas só dava ocupado.

Enquanto isso, os planos continuavam.

— Venha de moto ao apartamento do meu pai.

— Está bem, estou indo – ele desligou o telefone.

— Vai ter que sair? – perguntou Cristina.

— Sim, parece que aconteceu alguma coisa com meu irmão.

— O que foi?

— Não sei, ela está com pressa, eu vou encontrar com ela.

— Tome cuidado, boa sorte! – Ela o beijou no rosto e o abraçou.

— Você estava falando com quem? – Era o Cabeça no celular falando com Adriana.

— Eu estava ligando para uns conhecidos para conseguir dinheiro.

— É só isso mesmo?

— Sim.

Seu pai, que estava do lado, começou a fechar as mãos de raiva, com vontade de pegar o telefone e dizer um monte de insultos para aquele bandido.

- Vem logo para cá, já estou com vontade de matar seu namorado.
- Eu estou indo – ela desligou, acelerando o carro.

Estava difícil de a escolta acompanhar, já estavam desconfiados de que algo estava errado. Adriana dirigia até o apartamento do pai, estacionou o carro na frente, entrou com ele pela portaria do prédio e falou com o porteiro:

— Seu Chico, daqui a pouco um homem de moto vai vir aqui me procurar.

— Eu falo para ele subir?

— Não, fala para ele que eu vou esperá-lo na esquina com o carro do meu pai.

— Está certo.

Ela já estava na esquina esperando-o, impaciente, tinha feito isso para despistar a escolta. Esperou por alguns minutos e avistou-o vindo, pelo retrovisor.

Ele falou com o porteiro:

— Por favor, a dona Adriana.

— Ela está te esperando em um carro cinza lá na esquina – disse, apontando para o lado esquerdo.

— Obrigado. – Ele foi se dirigindo até lá, correndo.

Quando chegou do lado da porta do passageiro, quase colocando a mão no puxador da porta, Adriana disse:

— Não entre, preciso que você vá no porta-malas.

— Quê? Espere aí, o que está acontecendo? – disse, colocando a cabeça para dentro pela abertura do vidro do carro.

— O Pedro foi sequestrado, tenho que ir ao cativoiro, com o dinheiro para resgatá-lo.

— Sequestrado? – Ele fez uma cara de espanto.

— Sim, preciso da sua ajuda.

— Pode deixar que eu vou lá.

— Mas ele não pode te ver.

— Ele, quem?

— O Cabeça, entra no porta-malas, rápido. – Era ideia de seu pai.

— É aquele desgraçado que te ameaçou?

— Sim – disse, indo até o porta-malas.

Seu Silvio, já em casa, tentava explicar para mulher por que Adriana não tinha voltado com ele, como ele havia dito:

— Cadê nossa filha?

— Ela estava muito ocupada, outro dia ela vem aqui – não havia verdade em seus olhos.

— Você está mentindo, eu te conheço.

— É, por que eu ia mentir?

— O meu sexto sentido não falha, o que aconteceu com nossa filha?

— Não aconteceu nada, mulher, que paranoia.

— Então eu vou ligar para ela – ela pegou o celular e discou o número.

— *Alô, filha?*

— *Oi, mãe, tudo bem? – Doía-lhe ter que disfarçar.*

— *Eu é que pergunto, está tudo bem com você?*

— *Sim, por quê?*

— *Por que você não veio aqui?*

— *Estou cansada mãe, outro dia eu vou.*

— *Você achou o cartão?*

Aquela resposta deu a prova que Kátia precisava para descobrir que ela e Silvio estavam mentindo.

— *Seu pai disse que você perdeu o cartão de crédito.*

— *Ah é, o cartão – ela ficou sem graça –, eu ainda não achei.*

— *Por favor, filha, o que está acontecendo? – Ela começou a ficar aflita.*

— *Não está acontecendo nada – ela estava próxima do cativado –, tenho que desligar, tchau, um beijo.*

— Ela está mentindo, eu vou ligar para a polícia.

— Não liga para a polícia! – Ele colocou a mão no celular dela.

— Por que não? – Ela o olhou bem nos olhos.

— Sequestraram o Pedro.

— *Quê?! E onde nossa filha foi? – Ela jogou o celular no chão, e seus olhos estavam lacrimejando.*

— Calma, o Henrique está com ela, o Cabeça pediu cinco milhões.

— Você deu esse dinheiro para ela – disse sem crer que ele tivesse todo esse dinheiro em mãos.

— Eu dei um cheque, mas o Enrique vai protege-la, calma. – Ele tentava disfarçar o nervosismo.

— Como eu posso ficar calma? – disse, gesticulando, muito nervosa. – Ela corre perigo.

Adriana já estava na frente da casa que estava servindo de cativeiro para Pedro. O cabeça já estava ansioso por sua chegada, logo que ela encostou o carro, ele saiu armado.

— Por que demorou?

— Não foi fácil conseguir dinheiro. – Ela estava descendo do carro.

— Não vem com conversa – ele agarrou seu braço e a empurrou –, sai da frente do carro.

Ele começou a vasculhar o carro atrás de alguém, mas não viu ninguém.

— Me dá a chave do porta-malas. – Ela hesitou um pouco. – Me dá logo – arrancando a chave da mão dela, ele foi até o porta-malas.

— Mas não tem ninguém aí.

Quando abriu, teve uma surpresa.

— Não tem ninguém aqui.

— Eu falei que não tinha ninguém.

— É bom mesmo, assim podemos ficar a sós – ele pegou em seu braço e, apontando a arma para sua cabeça, começou a tentar beijá-la, mas ela resistia, virando o rosto, cuspiu no chão.

— Cadê o Pedro?

Ele lhe deu um tapa fazendo com que a boca dela sangrasse.

— Vamos para dentro – ele agarrou o braço dela, com uma pressão que a machucava, puxando-a para dentro da casa abandonada.

Onde estaria Enrique? Era o que Cristina também queria saber:

— Onde estará o Enrique?

— Quem, filha?

— Enrique, mãe, aquele que é policial, lembra?

— Eu não lembro, não. – Ela estava ficando cada vez mais esquecida, porque estava com mal de Alzheimer. – Mas por que você quer saber dele?

— É que ele saiu agora há pouco, foi ver o irmão que está em perigo.

— Ele estava aqui e você nem me apresenta?

- Mas você já o conhece, mãe.
— Eu não lembro, ele é seu namorado?
— Não, mãe, é amigo, eu vou ligar para ele – ela falou com certa impaciência.
— Você não vai se cansar de mim, né? Eu não quero ir para o asilo de volta.
— Não, mãe, eu nunca vou te deixar – ela abraçou a mãe.



Adriana e Cabeça estavam entrando na casa abandonada, onde Cláudio havia sido morto. Ela nunca imaginava ter que voltar àquele lugar, causava-lhe pavor. A casa escura, sem portas e janelas, ainda tinha alguns sinais de isolamento do local, que a polícia tinha deixado depois de fazer a perícia. Ao passar pelo quarto onde tudo aconteceu, Adriana sentiu calafrios, parecia que tudo estava acontecendo de novo, o Cabeça apontando a arma, apertando o gatilho, o barulho do disparo, a bala perfurando o peito de Cláudio, o seu corpo caindo, o sangue escorrendo e Adriana gritando. Tudo aconteceu muito rápido, mas passava em câmera lenta em sua mente de forma torturante, não pela morte do seu ex-marido, que ela descobriu que era bandido, cúmplice do Cabeça, a lembrança era torturante pelo horror do acontecido.

Eles estavam indo para o quarto ao lado, onde estava Pedro. A luz era mínima, pela claridade que vinha das luzes dos postes da rua. Cabeça tinha uma lanterna, mas não fez questão de acender. Quando estava de frente para a porta do quarto, ela viu uma sombra, que só podia ser a de Pedro. No mesmo instante, um celular tocou.

- Que celular é esse? — perguntou Cabeça, prestando atenção no barulho, para ver de onde vinha.
— Ah... é do Pedro.
— Ele está desmaiado.
— O que você fez com ele? – disse, correndo até ele.

Ela tentou ver como ele estava, mas a falta de

iluminação não deixou verificar seu corpo por inteiro. De repente o celular parou de tocar, Adriana pegou o celular de Pedro, ligando-o, usou a luz do aparelho para ver como Pedro estava.

— Quem era no celular?

— Não era ninguém importante, o que você fez com ele, a cabeça dele está sagrando.

— Eu dei uma coronhada nele, quero saber do dinheiro. — Ele já estava do lado dela. — Me dê esse celular — rapidamente ele o arrancou da mão dela.

— Não tem nenhuma ligação perdida aqui! Então que celular teria tocado?

Era o celular de Enrique, Cristina estava ligando para ele, ele desligou o aparelho. Enrique estava atrás da casa próximo à janela do quarto onde eles estavam.

À princípio, a ideia era de ele vir escondido no portamalas, mas ele teve uma ideia melhor, uma quadra antes Adriana virou o carro para a rua de trás, de lá Enrique desceu do carro e foi até a casa pulando pelo muro de trás. Ele já tinha ligado para polícia, dizendo para eles ficarem por perto, pois havia reféns, ainda disse que os deixaria a par da situação. Mas agora aquela ligação inesperada poderia colocar todos os seus planos a perder, com cuidado ele resolveu dar uma olhada pela janela, viu Cabeça discutindo com Adriana:

— Você está mentindo para mim? — ele agarrou seu braço e apontou sua pistola para o rosto dela.

— Não! Sem querer eu apaguei a mensagem, não dá para ver direito, está escuro.

— Eu não acredito, venha cá — ele puxou seu braço indo em direção à janela, ainda apontava a arma para ela.

Enrique rapidamente correu, mas com cuidado para não fazer barulho, estava quase para virar no canto esquerdo da casa, para se esconder atrás da parede, quando uma luz apareceu em sua direção. Era a luz de uma lanterna, por pouco o Cabeça não o viu, ele conseguiu se esconder a tempo atrás da parede. Depois de iluminar o lado esquerdo, iluminou o direito.

— É, parece que não tem ninguém — ele apagou a lanterna e continuou puxando Adriana pelo braço. — Cadê o dinheiro?

— Não tem dinheiro, só...

— Quê?! — ele encostou o cano da arma na cabeça dela.

— Eu... Trouxe... — ela começou a gaguejar — cheque.
— Eu quero dinheiro — nervoso, ele apertou mais ainda seu braço e pressionou a arma na cabeça dela.
— Não deu, a essa hora, como eu vou arranjar dinheiro?
— Não quero saber, amanhã você vai ter que trazer dinheiro.
— Está bem, eu dou um jeito, mas deixa eu ver o Pedro.
— Não vai ver ninguém, agora a gente vai brincar um pouco.

Nesse momento Pedro acordou, estava um pouco atordoado por causa da coronhada na cabeça, ele olhou ao redor e viu a luz da lanterna do Cabeça se acender, ele estava iluminando o corpo de Adriana, tentando abusar dela.

— Largue ela!
— Fique quieto, quer morrer? — ele apontou a arma para ele, estava agarrando-a com o outro braço.

Pedro fazia força com os braços, mexia-se o quanto podia para tentar se livrar das amarras, mas não adiantava.

— Você pensa que pode sair daí? — ele foi se aproximando, puxando Adriana, que estava chorando.

— Você vai ver tudo calado — ele a soltou e tirou a jaqueta social de couro dela e rasgou sua blusa, deixando-a só de sutiã.

— Seu desgraçado!

Cabeça foi para cima dele, dando-lhe um soco no rosto.

— Não — Adriana, aflita, chorava muito.

— Fique quieta, silêncio, se alguém aparecer aqui, eu mato vocês — ele pegou a camiseta rasgada e rasgou em dois pedaços —, agora eu vou te amordaçar, você vai assistir a tudo, eu vou transar com a sua namorada.

Ele foi por trás de Pedro, que estava amarrado em sua cadeira de rodas, próximo a janela, em uma mão ele segurava a arma e na outra ele segurava o pedaço da camiseta, mas, para amordaçar Pedro, ele precisava das duas mãos livres, deixando a arma em cima da soleira da janela, ele começou a amordaça-lo.

Enrique havia se escondido embaixo da janela, o Cabeça só não o viu porque manteve sua atenção em Adriana, que estava de frente para ele, que deixou a arma em cima da soleira sem quase olhar para trás.

— Pronto, agora eu... — Adriana se moveu em sua direção. — Fique aí, senão eu... — ele se virou para pegar a arma. — Cadê minha arma?

De repente Enrique surgiu na janela, apontando a arma para ele, Cabeça levantou as mãos.

— Calma, não atire.

— Está com medo é? Fique parado aí.

Adriana desamarrava Pedro.

— Vamos sair daqui amor! — ela empurrava sua cadeira o mais rápido que podia.

— Vai mais para trás.

Cabeça deu alguns passos para trás, mas, quando Enrique foi pular a janela, não deu tempo nem de se posicionar para apontar a arma, ele levou um chute no peito, que o fez ir ao chão. O Cabeça tinha as pernas compridas e, apesar do corpo pesado, foi rápido. Ele ainda foi tentar pegar a arma de Enrique, que caiu no chão à poucos metros, mas, quando viu que ele ia sacar outra arma, resolveu correr. Enrique atirou, mas na escuridão perdeu a mira, e o Cabeça conseguiu fugir. Lá fora ele ainda impediu Adriana de entrar no carro, apontando-lhe um canivete, ela parou e ele a rendeu por trás, encostando a lâmina em seu pescoço.

— Pare aí, senão eu atiro — Enrique apontava a arma para ele.

— Eu corto ela se você der um passo, então pense bem...

Pedro já estava dentro do carro, preocupado com Adriana, disse:

— Calma, Enrique, deixa ele ir.

— Logo a polícia vai chegar aqui, você não vai conseguir fugir, é melhor se entregar.

— Não, você está enganado... eu vou fugir — ele a puxou para o lado do banco do passageiro.

Pedro estava no banco de trás, a porta estava aberta, rapidamente o Cabeça a largou e apontou a faca para ele.

— Você vai dirigir. — Ela paralisou de medo. — Vai logo, senão ele morre, vai mais para lá. — Ele entrou no carro. — Vai, vamos logo! — disse para Adriana que se sentou e ligou o carro, acelerando e seguindo em frente sem saber para onde, enquanto Cabeça aproximava a lâmina da faca do pescoço de Pedro.

A polícia estava fechando o cerco, quando Adriana viu uma viatura em sua frente, não soube o que fazer.

— Vire à direita — disse Cabeça. Duas viaturas viraram atrás dela.

— Vai seguindo em frente, rápido!

Ela estava muito nervosa, nunca se imaginou naquela situação, tendo que fugir da polícia, mas seu namorado corria perigo; pensando nisso, ela procurou manter o controle. Mas outras viaturas vinham mais à frente. Enrique teve tempo para orientá-los bem, e agora ela virou à direita, uma daquelas viaturas virou na mesma direção, só que na rua de trás da quadra.

— Acelera aí, vamos! — Cabeça não se conformava com a velocidade média de ela dirigir.

Ela acelerou, mas aquela viatura que virou atrás da quadra tinha acabado de virar a esquina, a rua era estreita de sentido único, os dois carros estavam em alta velocidade, indo na mesma direção, se nenhum dos dois virasse, os dois iriam bater.

— Continua indo em frente, não para, não para!

— Ah!!!! – ela gritava, de olhos fechados, temendo o que poderia acontecer.

Quando parecia que não ia dar mais tempo o policial virou o volante para o lado esquerdo, sem controle a viatura subiu pelo meio fio e bateu, erguendo-se um pouco do chão e bateu numa árvore.

Quando ela abriu os olhos, aliviou-se do susto, mas outro carro de polícia estava cruzando a rua. Enrique estava dentro dele, mas como passageiro, o carro de Adriana vinha reto, era outra possível colisão, mas ela virou a tempo e seu carro emparelhou com o da polícia.

— Vai para cima deles! — Ela olhou para o carro ao lado, mas hesitou.
— Vamos, está esperando o quê? Quer que eu corte ele?

— Desculpe! — ela jogou seu carro em cima do outro, que foi em direção ao meio-fio, mas logo o motorista retomou o controle e voltou a andar em linha reta.

À frente o caminho estava livre para eles, mas atrás vinha a viatura, Enrique colocou a cabeça para o lado de fora, apontando a arma.

— Calma, tem inocente no carro – disse o policial que dirigia.

— Droga, eu sei — ele abaixou a arma batendo-a no carro de raiva —,

eu deixei ele escapar.

— A gente vai pegá-lo daqui a pouco.

Ele estava certo, pois mais um carro da polícia apareceu, vindo de um cruzamento. Adriana se assustou e deu uma virada brusca, sem controle do carro, que estava em alta velocidade, o carro subiu o meio-fio e bateu num poste.

— Não!!! — Enrique gritou, aterrorizado.

Na sua carreira de policial já tinha feito tantas perseguições, já tinha visto tantos acidentes, mas, quando iria pensar que seu irmão e sua cunhada estariam envolvidos em um deles?

Quando a viatura em que ele estava encostou ao lado do carro batido, rapidamente ele desceu, junto com os outros policiais, de arma em punho.

À primeira vista já era chocante, o corpo de Adriana havia sido jogado pelo vidro, por sorte ela caiu na grama, que amorteceu um pouco a queda, mas estava sangrando e inconsciente.

— Me tira daqui! — Era Pedro gritando dentro do carro.

Enrique e mais outro policial correram até o carro, Pedro estava por cima do banco do passageiro, suas pernas haviam batido no banco, quando seu corpo foi elevado, mas ele não as sentia, o Cabeça foi de encontro ao painel do carro e estava desacordado, com a cabeça sangrando.

— Me tira daqui! Adriana! Eu quero ela!

— Calma, mano, a gente já vai te tirar daí — Enrique o colocou no banco, enquanto outro policial pegava a cadeira.

Colocando-o na cadeira de rodas, ele se apresou em ir até ela. Toda a cena era desesperadora, ao seu lado ele se ergueu da cadeira, querendo se abaixar ao lado dela, mas o máximo que conseguiu foi se jogar, caindo com os joelhos dobrados, e os braços esticados com as palmas das mãos no chão.

— Adriana, fala comigo! — ele estava em prantos.

O corpo dela estava de bruços, ele tentava virá-la, mas, devido à posição em que ele estava, não conseguiu.

— Não mexa nela, deixe o socorro chegar.

— É, mano, já ligaram para ambulância, eles vão removê-la com

segurança.

Depois de alguns minutos, a ambulância chegou socorrendo-a, depois outra socorreu o Cabeça, os dois permaneciam inconscientes, mas à primeira vista o estado de Adriana era mais grave.

CAPÍTULO 7

ABANDONO: UMA GRAVE DEFICIÊNCIA

Uma relação inconsequente, dessas de adolescente na sede da descoberta, uma menina querendo virar mulher aos catorze anos de idade, querendo se entregar ao primeiro “boa-pinta” que aparecer, “é só curtidão, não dá em nada”. E nessa embarcou sem salva-vidas uma menina chamada Viridiana.

Tudo começou no colégio, o rapaz era bonito, atraente, sabia conversar que mal poderia dar? Mal deveria ser ficar com aquele outro feio sem graça, pateta, que vinha com aquela conversa de amor e não largava do pé dela, eram flores, cartinhas, mas aquele romantismo não lhe agradava. O que a atraía muito mais era aventura, o prazer, a rebeldia e a beleza.

Era mais emocionante, ele parecia do tipo cafajeste, mas isso parecia lhe atrair mais ainda. Seu nome era Alex, tinha dezoito anos, era repetente, estava na oitava série, ela na sétima, ela sabia bem que todas já tinham passado pela mão dele, porém não se importava, seus pais não aprovariam, mas “e daí? O escondido perigoso é mais gostoso”, na onda dessas frases infames, ela surfou e levou uma “vaca”.

Eles tinham trocado olhares, mas ela não o tinha chamado tanta atenção assim, então sem pestanejar resolveu “chegar nele, xavecar”, papéis trocados, mas o cavalheirismo está cada vez mais ultrapassado, para que esperar a iniciativa masculina? Foi num papo ousado, direto ao ponto:

— E aí, gato, vamos conversar? — disse a ele com um olhar safado.

— O que você quer? — Como se ele não soubesse, às vezes fazia o tipo difícil só para brincar.

— Tenho alguma chance? — ela chegou mais perto e passou a mão em seu rosto.

Ele passou as mãos em seus cabelos loiros, deu uma olhada em seu decote, aproximou seus lábios da boca carnuda dela, aqueles olhos azuis se encontraram junto com os lábios em um beijo quente no meio do corredor do colégio. O rapaz loiro de um belo físico a agarrava forte, em um beijo em que não se sabia quem era quem de tão grudados que estavam. A cena chamou a atenção de todos os alunos que passaram por ali, inclusive da diretora, que disse em tom de repreensão ao avistar toda a cena:

— O que pensam que estão fazendo?! Beijando-se desse jeito no corredor! — Seu olhar era fulminante, mas lhes parecia engraçado, pois os dois a olharam e deram risada.

— Qual é a graça? — Não houve resposta, eles só tapavam a boca com uma das mãos. — Já para a diretoria.

— Mas, diretora... — disse a menina, que foi interrompida.

— Mas nada, vamos, os dois.

Agora quem ria eram os alunos.

— Eu vou embora — disse Alex, dando as costas para a diretora.

— Volte aqui, rapaz!

— Tchau! — ele foi andando, aquela rebeldia chamava a atenção de Viridiana, ela resolveu segui-lo.

— Ei, onde os dois pensam que vão? Se não voltarem, eu os expulso.

— Não dá nada — disse Alex.

Os dois se foram sem se importar com a diretora e uma possível expulsão. Ela não sabia muito para onde estava indo, só queria acompanhá-lo, ele lhe trazia uma dose de emoção, a sua liberdade, rebeldia, aquele jeito de ser, cheio de si, para ela era como um charme irresistível, o seu andar altivo o seu olhar confiante, ele lhe trazia uma segurança.

— Você não vai para casa? — perguntou Alex, não querendo que ela fosse com ele, não agora.

— Quero ficar com você.

— Outro dia, hoje eu vou ver uma parada.

— Deixe eu ir com você.

— Você já foi numa boca?

— O que é isso?

— Não queira saber, vai embora.

— Por quê? — Ela não entendia, ela queria uma coisa e ele outra.

— Você é teimosa, hein? — Ela continuava irredutível, o que o fez erguer o tom de sua voz: — Suma daqui!

Agora ele não parecia tão legal, ela se assustou com sua reação. Por que ele não a queria? O que havia de errado com ela? Ela sabia que não era feia, os dois acabaram de se beijar, então qual era o problema?

Ela ficou parada, sem dizer nada, e ele seguiu em frente, deixando-a para trás. Por alguns minutos, ela ficou pensando o que poderia estar por trás daquele rosto bonito, daquele rapaz atraente. Ela teria que descobrir, por isso resolveu segui-lo.

Ela não conhecia o caminho, Alex andou por um bom tempo, até que um rapaz veio em sua frente, eles se olharam, como se falassem com os olhos, Alex colocou a mão no bolso, o outro rapaz também, os dois passaram um pelo lado do outro, rapidamente, Alex lhe deu dinheiro, ele lhe deu algo embrulhado em um papel. Viridiana viu e percebeu do que se tratava, mas não parecia tão surpresa, continuou seguindo-o até um lugar isolado, obscuro. Alex tirou um cachimbo de crack e um isqueiro do bolso, do outro bolso a pedra de crack, sentou-se num canto e começou a se destruir.

Estão morrendo

Para viver

É uma droguinha

Uma viagem

Um prazer

O pulmão

O coração A moral vai pro pau.

Estão morrendo

Para viver

Por um prazer momentâneo, Só há sequeidão interior, Cadê o amor? O mal, o bem de onde vêm?

Só há vazio

*Não há satisfação
Nem em si mesmo.*

Ela só ficou observando-o, ele até a viu, mas já estava fora do ar. Ela se sentiu invisível, estava bem claro o que ela queria, mas o desejo da droga era mais forte, o vício era tão forte que ele a estava trocando por uma pedra, se fosse para escolher entre uma mulher e a droga, ele escolheria a droga. Absurdo, loucura? O que é ser louco hoje em dia?

Viridiana resolveu ir para casa, sabia que uma bronca a esperava, com certeza a diretora do colégio já tinha ligado para sua mãe, mas outra surpresa a esperava.

Depois de caminhar um pouco, chegou a sua casa, com o máximo de cuidado abriu a porta, inútil, ela continuava rangendo nas dobradiças, porém quem escutou foi sua avó, Viridiana ficou surpresa em vê-la em sua casa, já fazia um tempo que ela não a via, ela andava muito doente do diabetes, só saía de casa acompanhada de seu marido, que raramente a levava para um passeio, ele não tinha paciência para cuidar dela, estava ranzinza e insensível.

— Quem está aí? — perguntou a senhora, ao ouvir o barulho da porta.

— Sou eu, vó, não está vendo? — ela estava de frente para ela.

— Não, minha filha, eu não vejo nada, o diabetes me cegou.

Viridiana ficou surpresa, já sabia que a visão dela estava bem comprometida, mas não imaginava que ficaria cega, por um momento ficou parada de frente para a avó, que usa óculos escuros e uma daquelas bengalas de cego.

— Você não vai me abraçar? — disse, abrindo os braços.

Ela a abraçou, não queria sentir aquilo, mas estava com pena dela.

— Onde está o vô?

— Aquele velho desalmado me deixou aqui, esqueceu-se das juras de casamento, vou ficar morando aqui.

— Quê? Ele não quer mais a senhora, te deixou aqui?

— Sim, ele disse que não tem paciência para cuidar de uma velha cega.

Essas palavras foram ditas pelo marido dela com grosseria, ele via nela agora um peso que ele não queria carregar, abandonou-a para a filha cuidar,

ao se lembrar daquelas palavras, ela começou a chorar, sua neta a abraçava forte, sem saber o que dizer. Havia um silêncio, uma escuridão da qual ela não havia se acostumado ainda, no silêncio ela se sentia muito sozinha, notando que a neta não falava nada, perguntou:

— Viridiana, não vai dizer nada, não tem saudades de mim?

— Desculpe, mas é que estou triste, o que o vô fez foi muito grave, ele sempre teve saúde por que não cuidar de você?

Quando ela ia responder a essa pergunta, a sua filha entrou na sala, dizendo:

— O almoço está pronto! — falou bem alto.

— Filha, eu estou cega, não surda.

— Desculpe, mãe... ah você está aí, que história é essa ficar se agarrando no corredor com um mau elemento?

— Que mau elemento?

— É, a diretora disse que ele é um incômodo no colégio, um vagabundo, e você saiu do colégio antes da hora com ele, não quero você com esse tipo de gente, e nessa idade você tem que estudar e não namorar.

— Ah é verdade, mas como ele é, hein?

— Por favor, mãe, você não vai dar corda, né?

— Ah, na idade dela, tem que aproveitar, depois cai tudo. — Viridiana deu risada.

— Mãe! Por favor, né?

— Você está de castigo, mocinha, vai ficar só estudando no quarto por uma semana.

— Mas, mãe, foi só um beijo e...

— Não quero saber, já para o seu quarto!

A menina resolveu obedecer, foi para o quarto “emburrada”, mas de nada adiantaria a bronca da mãe, ela continuava pensando em ficar com ele.

No dia seguinte, ela se arrumou bem, até saiu bem cedo para sua mãe não a ver, estava maquiada de tal forma que não dava para dizer que iria para a escola, tinha passado um batom bem vermelho, mas exagerou um pouco, não se sabia onde terminava o lábio e começavam os dentes.

Quando chegou ao colégio, logo viu Alex e foi se insinuando para o lado dele, ele correspondeu, e os dois se beijaram, mas com cuidado, com certeza

de que a diretora não estava olhando. Não foi o suficiente já que minutos depois, foram chamados até à sua sala.

— Vocês estão suspensos por hoje!

— Quê?! Só por causa de um beijo? – disse Viridiana, franzindo a testa.

— Não só por isso, vocês me desobedeceram.

— Falou, dona — Alex foi se levantando.

— Você é muito folgado, na próxima vai expulso.

Ele não deu atenção, foi saindo como da outra vez, e novamente Viridiana foi atrás dele. Já fora do colégio, ela pegou em sua mão, ele lhe disse:

— Você não pensa que eu vou te namorar, né?

— Eu quero você de qualquer jeito.

— Então, vem comigo.

Ele a levou com ele próximo daquele lugar de novo, mas dessa vez para a casa de um amigo. Ele não estava, os dois ficaram a sós. Ele foi logo agarrando-a, era tudo o que ela queria, ela se deixou levar pelo desejo com um qualquer, mas agora ela não tinha mais cabeça, só queria se entregar, na sede dos dois, foi sem proteção mesmo.

Depois, sem cerimônia, ele pegou uma pedra e foi para o banheiro, ela pegou em seu braço:

— Espere aí, eu também quero.

— Então vem. — Ele pensou que ela já tinha usado, mas não, era só mais uma curiosa se perdendo, querendo encontrar alguma coisa, onde não havia nada além de destruição.

Ela não sabia o que estava fazendo, só o imitou e começou a ficar atordoada, tudo ao seu redor parecia confuso.

— Vamos embora daqui, daqui a pouco meu camarada aparece, não quero que ele veja você.

— Me ajuda a levantar. — Ela estava sentada no chão do banheiro.

Ela queria segui-lo, mas ele a levou para casa e foi embora, ainda estava sob o efeito da droga. Logo que entrou, viu sua mãe, que foi logo lhe dando uma bronca:

— Por que está aqui a essa hora?!

— Fui suspensa.

— Quê? Eu devia te dar uns tapas!

— Então vem. — Ela ergueu a mão para ela e quis lhe dar um tapa, mas sua mãe segurou sua mão.

— O que é isso? Está drogada? — ela percebeu algo de errado em seu olhar.

— E daí! — Agora ela levou um tapa e foi arrastada para o quarto e trancada lá dentro.

Sua mãe foi para o telefone ligar para o ex-marido e lhe contou o ocorrido.

— O quê? Drogada? Você não cuida dela?

— Você nunca está presente e vem falar de mim?

— Eu ando muito ocupado e...

— É sempre a mesma coisa, quando você vai se lembrar que tem uma filha?! — Começou a chorar e desligou o telefone na cara dele.

Era um misto de impotência e tristeza, uma sensação de perda, “onde foi que eu errei?” Ela pensava, mas a resposta não veio, aquela menina que um dia chorava em seus braços já não existia mais, a realidade pedia uma ação eficaz, mas ela não sabia o que fazer. “Drogas, por que ela usaria drogas? O que lhe falta?” Agora ela teria que fazer essas perguntas e passar a conhecer sua filha melhor, só agora, na pior hora, é quando alguém morre que se vai pensar na melhoria da segurança de vida.

Três meses se passaram Viridiana até tentou esconder, mas a barriga começou a aparecer; Alex, quando ouviu falar do filho, começou a desaparecer.

— Não quero saber de filho, tire essa criança ou cuide sozinha, não me enche.

— Na hora do bem-bom você não pensou.

— Você que deu em cima de mim, agora se vire!

Depois disso nunca mais ela o viu, diziam que ele se envolveu muito com as drogas, ficou devendo para os traficantes, e eles o mataram, assim só por advertência, só para servir de exemplo. Mas, se fosse verdade, certamente apareceria o corpo. É claro que ele só estava fugindo da responsabilidade, mas os pais de Viridiana queriam saber:

— Como você foi deixar isso acontecer, com catorze anos de idade, grávida... cadê o pai?!

— Eu não sei — ela falava de cabeça baixa.

— Olhe para mim, é tarde para ter vergonha, quem é o rapaz?

— É o Alex.

— Aquele vagabundo, onde você estava com a cabeça?

Ela não sabia responder, agora faltavam sete meses, ela teria que assumir a responsabilidade de ser mãe, mas e sua adolescência, sua falta de experiência, o que ela ensinaria para aquela criança. Deu vontade de se drogar e perder aquela criança, mas sua mãe a segurava em casa, só lhe dava dinheiro para o lanche, e até conseguiu que seu pai viesse cuidar dela de vez em quando, eles tiveram até uma conversa de pai para filha:

— Onde você estava com a cabeça, sua irresponsável?

— E onde você estava? Vem me dar bronca agora! — Ele não tinha moral devido à sua ausência na educação da filha, mas ainda sim quis continuar:

— Mas agora estou presente, na hora mais importante, e decidi estar sempre. — Os dois se abraçaram, mas isso não lhe confortava o suficiente.

Viridiana não conseguia enxergar o milagre da gestação, ela estava gerando uma vida, mas só via um problema, era muito nova, inclusive era até uma gravidez de risco, ela ainda não estava preparada para ser mãe.

O tempo passou e seu filho nasceu, ela queria muito ver o rosto da criança, mas levaram para cuidados e fazer o teste do pezinho. Quando ela pôde vê-lo e tê-lo em seus braços, surpreendeu-se, a criança não era como as outras, ela tinha síndrome de Down. Ela ficou chocada, estranhou a aparência da criança e perguntou à enfermeira:

— O que ela tem?

— Tem síndrome de Down, mas é uma bela criança, cuide bem dela, que estará tudo bem, você terá um aconselhamento médico.

Esse tal aconselhamento médico veio, mas salientando apenas os problemas:

— Ele tem um problema cardíaco, como é comum nas crianças com esse problema, mas pode ser tratado.

— Por que ela nasceu assim?

— É uma trisomia do cromossomo 21, que causa um excesso de 329 genes por célula, o que é um acidente genético, gerando a má-formação da criança, podendo trazer problemas como retardamento mental, infecções respiratórias, leucemia e doenças de Alzheimer, na mesma porcentagem para pessoas normais só que trinta anos mais cedo. Por isso cuide muito bem dela.

E a conversa terminou por ali, e ela só conseguiu ver naquele bebê uma criança problemática. O médico poderia dizer que, apesar desses problemas (que podem aparecer ou não), pessoas com síndrome de Down são capazes de ter uma vida normal, andar, correr, vestir-se, namorar, estudar e etc.

— Filha, nós vamos te dar todo o apoio, não se preocupe.

— É, filha, vai ficar tudo bem! — disse o pai, dessa vez.

Mas no fundo eles também estavam preocupados, ela mais ainda, o que os pais disseram não a confortava muito, ela se sentia impotente para cuidar daquela criança.

— Filha, como ela vai se chamar?

— Não sei ainda, não pensei em um nome ainda.

— Mas vai ter que escolher um, vamos ter que registrá-la — disse a mãe.

Porém os pensamentos de Viridiana eram outros. Na calada da noite, quando todos dormiam, ela pegou sua filha, enrolou-a bem em um cobertor, com cuidado para que não acordasse e saiu com ela para a rua.

CAPÍTULO 8

UMA AJUDA INESPERADA

Depois de alguns dias no hospital, Adriana já estava de alta, não era nada grave, ela fraturou a cabeça, ao voar pelo para-brisa e quebrou um braço, que recebeu o maior impacto na hora da queda.

Agora ela estava segura, com a prisão do Cabeça. O que fez sua mãe pensar em convencê-la a ir para sua casa para acabar de se recuperar, era sobre o que elas conversavam na saída do hospital.

— O que você acha de a gente ir lá para casa? — As duas acabaram de entrar no carro do Silvio.

— Para fazer uma visita? — ela olhou para mãe, querendo saber das suas reais intenções.

— Acho que você se recuperaria melhor lá, eu contrataria uma enfermeira e...

— Mãe, é só um braço quebrado e um corte na cabeça, eu vou ficar bem.

— Você precisa de repouso, de cuidados.

— Eu vou começar a trabalhar amanhã mesmo, nada de repouso, vou passar o dia com a senhora e o papai, cadê ele?

— Está trabalhando, tem funcionários para isso, não sei por que fica o dia inteiro naquela oficina.

— Trabalhar faz bem, deixa ele...

— Então você vai continuar a morar com aquele rapaz? — disse olhando para uma vitrine de loja.

— Ele tem nome, mãe – ela olhou séria para a mãe.

— Desculpe, vai continuar a morar com o Pedro? – disse, parando o

carro na faixa, pois o sinal ficou vermelho.

— Vou, a gente vai se casar. — Ela pareceu não se impressionar, o que fez Adriana repetir a afirmação: — Eu vou casar com ele, mãe.

— Eu ouvi, filha — ela respondeu, olhando para a filha, tirando a atenção do trânsito.

— E não vai me criticar? — Sua expressão era de descrença.

— Não, já me conformei, e acho que ele é um bom rapaz, afinal arriscou a vida por você.

Até o final do dia, as duas estiveram juntas, como toda mãe e filha. O que não havia acontecido desde o desaparecimento de Adriana, isso porque Kátia se deu conta de que ultimamente estava mais distante da filha do que antes, quando ela estava desaparecida. Adriana ficou feliz por ver que sua mãe passou a respeitar suas escolhas. E Kátia passou a ter orgulho da filha não por sua fama e status, mas pela pessoa que ela era.

Ao cair da noite, Pedro foi até o apartamento do pai de Adriana levá-la em casa, ela tinha uma surpresa para ele, algo que, segundo o costume, deveria partir da parte dele, mas ele não queria se precipitar, achava que ainda era cedo. Ele estava com pressa, não quis subir, resolveu chamá-la pelo interfone mesmo.

— Mas eu preciso que você me ajude a carregar umas coisas — ela falava ao interfone.

— Eu pensei que você já tinha levado tudo. — O quarto dele já estava lotado de coisas dela.

— É que agora é definitivo.

— Como assim? — disse, coçando a cabeça.

— Sobe aqui que eu te conto.

— Ele nem desconfia, mãe — ela dava risada.

— Com seu pai foi a mesma coisa, tive que pegar ele de jeito.

— Você pediu ele em casamento? — perguntou, espantada.

— Eu cobre um casamento dele, por que está me olhando assim?

— É que naquela época uma mulher fazer isso era...

— Ei, eu não sou tão velha assim.

— Desculpe, mas será que ele vai aceitar?

— E você tem alguma dúvida?

— É que ainda é muito cedo.

Enquanto isso, Pedro já estava no elevador pensando: “Que será que ela quis dizer com definitivo, a mãe dela vai me encher o saco, também o que eu podia esperar da minha querida sogra?” Ele só estava brincando consigo mesmo, nunca tinha tido uma sogra chata, do contra, só pensava que algum dia encontraria uma, mas se surpreenderia com a mudança repentina dela.

Ele já estava em frente à porta e tocou a campainha, seu sogro acabara de chegar vindo do outro elevador.

— Pedro, você por aqui? — ele estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— Boa-noite, seu Silvio, como vai? — Tudo bem e você?

— Estou bem, vim pegar sua filha.

— Mas já, eu pensei que ela ia passar uma semana aqui.

— Se o senhor achar melhor?

— Não, que é isso, quem decide são vocês. — Pedro ainda estranhava um sogro tão bom.

— Vamos entrar – ele foi abrindo a porta –, ou o freio da cadeira travou? – disse rindo, Pedro conhecia bem seu bom humor, levou na esportiva e foi entrando.

— Oi, amor – ela se abaixou para beijá-lo.

— Oi, bem – Kátia beijou o marido, o que não fazia havia um bom tempo.

— Você está bem? – Silvio perguntou.

— Sim por quê?

— Por nada – disse sorrindo.

— Oi, Pedro.

— Oi, dona Kátia. – Ela foi abraçá-lo.

— O que está acontecendo aqui? – Silvio estava estranhando o carinho da esposa com eles dois.

— Nada, eles precisam conversar.

— O que eu não sei? – ele olhava para as duas, confuso.

— Nada, vamos deixá-los a sós – ela pegou na mão do marido, puxando-o na direção do quarto.

— Espere aí, mulher, hei, tome cuidado com ela, hein? – disse com um olhar de advertência, mas de forma brincalhona.

— É, agora formamos um casal perfeito – disse olhando para o curativo na cabeça e o braço engessado.

Todos riram, os dois os deixaram a sós, Adriana foi até o sofá da sala, dizendo:

— Precisamos conversar.

— O que está acontecendo?

— Nada, por quê?

— Sua mãe está tão gentil comigo, você está se mudando de vez lá para casa.

— É que eu resolvi me casar com você.

— Quê? E ela já sabe? – Só podia ser um sonho, ele pensava.

— Sim, ela resolveu aceitar nosso relacionamento, e você aceita? – Por um momento ele só olhava para ela sem dizer nada.

Até que respondeu:

— Eu te amo, acho que isso já me faz casado com você.

— Mas eu falo de casar na igreja, de verdade.

— Temos que planejar, eu nem posso te dar uma casa decente, temos que dividir espaço com a ONG e...

— Não Importa, eu já me acostumei, gosto de ficar lá com você.

— Você diz isso agora, mas depois você vai enjoar.

— Que nada! Não seja negativo.

— E eu nem tenho dinheiro para casa, não consigo nem uma piscina para ONG...

— Você pode pegar dinheiro com meu pai.

— Não quero me aproveitar dele, eu já recebi uma proposta de doação e...

— Então seria só mais uma doação – ela pegou em suas mãos, olhou bem em seus olhos, com um olhar que convenceria qualquer um.

— Está bem, eu te amo, Adriana. Só quero te dar meu melhor.

— Então a gente vai casar?

— Sim, mas, quando for a hora, eu vou fazer o pedido. – Agora era ele que tentava convencê-la, mas seu olhar não tinha tanta persuasão assim.

— Não seja careta.

— É o meu jeito, o que tem demais?

— Nada, eu te amo! – Eles se beijaram de forma calorosa.

Antes de pegar as malas, Adriana chamou os pais, queria se despedir. Eles o encheram de recomendações e exigiram cuidados com sua filha e visitas. Pedro disse que cumpriria tudo que um bom marido devia fazer. Eles

se despediram com a expectativa de um casamento formalizado em breve.

Tudo corria bem, Adriana já tinha arrumado as suas coisas e mais um dia havia se passado, os dois estavam cansados; Adriana, por estar em fase de recuperação devido ao acidente; Pedro, por ter trabalhado o dia inteiro e ainda ajudar Paulo na ONG. Eles só queriam dormir.

— Vou apagar a luz – disse Pedro, pegando um cabo de vassoura, que ficava do lado da cama, o qual ele usava para apagar a luz, alcançar e pendurar as coisas.

— Não precisa, eu apago – disse do lado do interruptor.

— Acho que eu não vou mais precisar deste cabo.

— Ah é? Então é para isso que eu sirvo? – Ela já estava se deitando na cama.

— Não, espera só você ficar boa – ele se aproximou dela colocando seu braço pela cintura dela e a beijou.

— Para que esperar?

Naquela hora o cansaço não importava mais, eles começaram a se beijar com mais calor, Pedro colocou as mãos naquele cabelo sedoso de Adriana, beijou seu pescoço, sentindo um leve perfume adocicado, fez algumas carícias, então os dois se despiram e despejaram todo seu desejo. Assim eles puderam dormir bem melhor depois de muito prazer.

O dia amanheceu, era dia de Pedro encontrar aquele patrocinador que queria falar com ele pessoalmente, seria na hora do almoço. Tudo levava a crer que ele colaboraria com uma doação generosa. Não que Pedro fosse interesseiro, mas estava realmente precisando. Estava com várias ideias: piscina para fisioterapia, terapia com equitação, adestramento de cães guias (essa ideia era de Koké) e tinha um projeto de uma cadeira de rodas, que tinha desenvolvido, a qual teria uma elevação mecânica para subir obstáculos, como meio-fio, e com um pneu universal, para todo o tipo de terreno. A cabeça de Pedro estava fervendo com essas ideias, que ele já havia comentado com Adriana, e é claro lhe deu o maior apoio.

— Meu marido é bem criativo – ela disse isso para ele na mesa do café, olhando-o com um sorriso de orgulho.

— Obrigado amor, mas por enquanto são só projetos.

— Você vai perder a fé agora?

— Não depende só de mim.
— Mas começa por você e, se for por causa de dinheiro, você sabe que...
— Eu já disse que não quero me aproveitar do seu pai — ele falou com impaciência.
— E eu já disse que é só uma doação, a ONG não recebe várias? — Então ela olhou esperando uma resposta, que demorou um pouco.
— Não sei, não quero nenhum exagero.
— Deixe de ser implicante.
— Tudo bem, mas temos que ir, quer dizer, pelo menos eu tenho.
— Só por que eu só patroa, eu também trabalho — ela falou um pouco irritada, mas ele falou naturalmente.
— Mas pode escolher horários.
— Você está se desmerecendo? – ela estranhou seu comentário.
— Não, só estou falando a verdade.
— Pensei que estivesse se incomodando com a minha posição financeira.
— Não pense bobagens – ele não foi sincero.

Pedro pensava no modelo tradicional de um casamento, em que o homem é o líder da família e devia cuidar das finanças e, consequentemente, estar melhor financeiramente do que a mulher, mas sabia que com Adriana não seria assim, de repente ter que depender do dinheiro dela ou do pai dela para alguma coisa o incomodava, ainda que fosse para ONG na forma de doação. Sua resposta não convenceu Adriana, mas ela não quis discutir. Já estava se preparando para sair, quando ouviu um choro de criança romper o silêncio:

— Você ouviu isso, Adri?
— Sim, é um choro de bebê, parece vir da porta.

Eles se apressaram para ir até a porta, quando a abriram, viram o um bebê chorando no chão, em frente à porta.

— Meu Deus, quem deixou esse bebê aqui? – disse Adriana, abaixando-se para pegá-lo.
— Nossa! Ele é muito pequeno, parece recém-nascido.
— Parece que tem algo de errado com ele – ela olhou para seu rosto disforme com feições orientais.

- É, ele tem síndrome de Down.
— Será por isso que o abandonaram?
— Isso é um absurdo, mas infelizmente é um caso comum, mas costumam deixar em orfanatos.
— Vai ver deixaram aqui por ser uma ONG de deficientes.
— Sim, mas eu não tenho condições de cuidar de um recém-nascido, uma criança assim é muito frágil, vai precisar muito de leite materno.
— O que vamos fazer, então? Não tem nenhum bilhete, não sabemos quem é a mãe, e agora?
— Acho melhor o levarmos para um hospital.
— Deixa que eu vou, você tem que ir trabalhar.
— Está bem, mas como pode uma mãe fazer isso?

Eles cuidaram da criança com amor, mas o que ela poderia pensar no futuro? Talvez pensaria algo semelhante a isso.

ABANDONO

*Por que minha mãe deixou? Vim de dentro de dela,
Cresci, comi naquele ventre, sou parte dela, Por que me deixou?*

*Esses não me fizeram,
Mas não me abandonaram, Aceitaram cuidar de mim Com amor.*

*Essa família foi Deus que me deu
Outro que eu não conheço,
Não vejo, não sinto o cheiro
Tampouco ouço sua voz,
Há imagens por aí
Mas aqueles braços Não vieram ao meu encontro, Mas Ele não me abandonou.*

*Por que ela me abandonou,
Ela, meu pai,
Do que seria um fruto de amor virou descaso, desprezo... por quê?*



A mãe a essa hora estava na cama, chorando como se isso agora adiantasse alguma coisa.

— Filha, você já acordou? — Sua mãe batia na porta. — Filha, tem que ir para a escola, eu cuido da menina, filha, você está chorando? — Ela forçou a porta que estava aberta. — O que aconteceu, filha, por que está chorando? — Ela olhou para o berço, que estava vazio. — Cadê ela? Hein, responda! — Ela só chorava, a mãe pegou em seus ombros e continuou a perguntar:

— O que você fez com ela, hein? — Ela a chacoalhava, mas ela só chorava. — Você a abandonou, como seu avô fez com a minha mãe, hein? — Ela se descontrolou e lhe deu um tapa na face, que ficou vermelha.

— Me bate que eu mereço, me bate, me bate! — ela chorava compulsivamente, mas em vez da violência, veio o abraço.

Depois que ela ficou mais calma, sua mãe tentou convencê-la a voltar atrás, mas ela estava irredutível.

Enquanto isso, Adriana já tinha chegado ao hospital. Lá ficaram chocados com o abandono daquela criança, mas prometeram cuidar dela, até serem tomadas as providências de um trâmite legal para uma adoção, Adriana disse que gostaria de cuidar dela.

Depois de meio dia de serviço, Pedro estava com um pouco de fome, tinha prometido ir falar com aquele empresário à noite. Pedro já tinha ido à sua empresa, muito luxuosa por sinal, era uma empresa de construção civil, que estava faturando muito com o serviço em alta no mercado. Da primeira vez que Pedro foi a essa empresa, quem lhe atendeu foi o gerente, ele procurou falar com o dono, que por estar ocupado não pode atendê-lo, mas garantiu que falaria com ele na semana seguinte, e se interessava muito em ajudar. Por isso, Pedro estava na expectativa, o que o deixou pensativo o dia inteiro:

“Será que ele é generoso? Acho que devo dizer algo para convencê-lo, já sei vou falar dos meus projetos ou então...” E ficou pensando nisso, um pouco depois voltava a se concentrar no serviço e pensava e trabalhava ao mesmo tempo.

Até que o expediente acabou sem que ele se desse conta, só notou quando os outros funcionários começaram a sair, então ele se apressou para bater o cartão.

Depois de bater o cartão, foi rapidamente para o estacionamento pegar o carro, despediu-se cordialmente dos colegas de serviço entrou no carro e, ao sair pelo portão, acelerou o carro, mas, como era de se esperar, não escapou de um pequeno engarrafamento mais à frente.

No aguardo, também como era de costume, seu celular tocou, era Adriana:

— Oi, amor, tudo bem?

— Tudo sim meu bem, e você?

— Tudo bem, está fazendo o quê?

— Estou indo para aquela empresa, lembra?

— Ah é mesmo, mas não demora, hein?

— Acho que vou demorar um pouco, estou no trânsito parado – agora começou a andar um pouco.

— A gente podia sair junto, né?

— Desculpe amor... quando eu chegar, a gente conversa — ele não queria dizer que estava duro. — Até depois, um beijo.

— Outro, até – ela percebeu no tom de sua voz uma falta de sinceridade.

Ele já estava chegando à empresa, pensou que o engarrafamento não ia acabar. Procurava um lugar para estacionar, de preferência uma vaga especial, encontrou uma, mas um carro estava sendo manobrado nela, Pedro se aproximou devagar e, olhando para dentro do carro, desconfiou que o ocupante não era deficiente, então ele estacionou seu carro na frente dele, num local impróprio, mas não quis nem saber, e deixou seu carro o mais perto possível do carro de trás, de forma que este não pudesse sair de onde tinha estacionado. Incomodado, o motorista que acabara de estacionar começou a buzinar, mas Pedro não dava ouvidos.

— Ei, vai mais para a frente, está fechando minha saída! – Pedro

ignorava. – Será que eu vou ter que ir aí? – Era o que ele queria.

— Venha! – disse em tom de provocação, estendendo a mão para fora do carro, gesticulando em sinal de chamada.

— Você quer encrenca? Não tá vendo que... – Ele estava vendo que o mal-educado não era deficiente.

— Você é deficiente? – ele olhou bem para ele, encarando-o.

— Não, você é cego?

— Não, mas sou paraplégico. – Ele ficou sem saber o que dizer. – Se você deixar eu estacionar aí, eu tiro o carro.

— Desculpe, eu estava com pressa e não vi.

— Pois é, eu também estou com pressa, por favor.

— Desculpe, eu vou tirar o carro.

A falta de respeito é uma deficiência grave. Na correria do dia a dia, algumas pessoas têm se esquecido do respeito, que nós sabemos que é bom e todo mundo gosta, mas para muitos isso faz parte do “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. Uns dão as desculpas mais esfarrapadas, outros não querem nem saber, se são flagrados ainda xingam, ou dão as costas. Pedro já tinha perdido seu lugar para estacionar várias vezes, por quem não possui nenhum tipo de deficiência, além da falta de respeito.

O outro “deficiente” retirou seu carro, depois que Pedro deu espaço para ele passar, daí Pedro pôde estacionar seu veículo na vaga própria para deficientes. Pedro colocou sua cadeira para fora, passou do carro para ela e trancou o carro com o travamento eletrônico.

Estava próximo da construtora, cujo dono lhe havia prometido uma entrevista, realmente estava disposto a ajudar, mas não seria só por caridade, essa ajuda envolvia coisas que Pedro nem imaginava. A construtora sempre esteve bem no mercado, mas de uns tempos para cá começou a faturar o dobro de antes, devido ao crescimento da construção civil. A construtora construía de tudo, desde casas populares até condomínios de luxo e mansões. Era bem reconhecida no mercado. Pedro pensou que, por terem muito dinheiro, não se incomodariam em fazer uma doação, nem que fosse para se autopromover, que era o que acontecia com frequência, com outras empresas que já haviam feito doação para a ONG PÉROLAS, mas Pedro não estava a fim de recusar, era por uma boa causa, nunca fez nenhuma propaganda para

essas empresas, elas se auto vangloriavam

Pedro já estava em frente àquela empresa, nunca tinha entrado em uma com tanta acessibilidade, em todo lugar havia adaptações para cadeirantes, aquilo lhe pareceu estranho, ele começava a entender o porquê de o dono da empresa se interessar em lhe fazer uma doação.

Ao chegar à recepção, foi informado de que estavam encerrando o expediente:

— Estamos fechando, senhor – disse um funcionário atrás do balcão da recepção.

— Eu tenho hora marcada com o dono da empresa.

— Seu nome, por favor? – disse pegando sua agenda.

— Pedro, trabalho na ONG PÉROLAS.

— Deixe me ver, Pedro, Pedro... está aqui, espere um momento que eu vou falar com o senhor Álvaro.

— Tem um banheiro que eu possa usar?

— Ali, com licença – disse, apontando para esquerda e depois se retirou, a caminho da sala de Álvaro.

Pedro se impressionou ao olhar para a direção que ele havia apontado, era uma porta com sinalizador, indicando na figura que era um banheiro para cadeirantes, isso era muito incomum.

Depois de ir ao banheiro sem nenhuma dificuldade, o que o agradou, ele voltou ao balcão e ficou esperando o retorno do recepcionista, agora com mais ansiedade do que antes.

Quando ele voltou, Pedro já estava certo de que poderia falar com ele, mas teria que esperar mais um pouco.

— Ele está um pouco ocupado, se você puder esperar.

— Sim, eu espero, obrigado — ele saiu da frente do balcão e ficou ao lado de alguns bancos, um lugar próprio para esperar atendimento.

Pedro estava feliz com as instalações, raramente encontrava uma empresa com tanta acessibilidade, se a conversa com o dono daquela empresa não correspondesse às suas expectativas, ainda assim ele o agradeceria, por se preocupar com os deficientes, deixando sua empresa acessível para eles, pois

já estava cansado dos transtornos que tinha que passar em locais sem uma rampa sequer, já na entrada tinha que se preocupar em fazer uma manobra, às vezes com dificuldade.

Os minutos de espera terminaram:

— Senhor Pedro, pode entrar na sala do senhor Álvaro.

— Obrigado — ele foi empurrando sua cadeira.

A sala ficava logo à frente, do lado do balcão, provavelmente não seria fácil abri-la, na posição em que Pedro estava na cadeira, mas ele teve outra surpresa: a porta era adequada para sua condição física, facilmente ele entrou e, quando olhou para a mesa à sua frente, viu um homem de terno, de cabelos pretos e lisos, meio magro, pele clara, olhos pretos. Ele estava ao telefone e, ao ver Pedro entrar, fez um sinal para que ele se aproximasse e esperasse um pouco. Pedro foi se aproximando da mesa com a impressão de que já conhecia aquele homem, mas não lembrava de onde.

Seu Álvaro falava ao telefone com seu Silvio, por coincidência a sua construtora estava construindo o *Shopping Car*, e ele era um dos clientes que Álvaro gostava de tratar pessoalmente.

A conversa foi rápida, ao desligar o telefone, ele já foi falando com Pedro:

— Boa-noite, Pedro – ele lhe estendeu a mão, Pedro o cumprimentou.

— Boa-noite, desculpe, eu não pude deixar de ouvir, o senhor estava conversando com o seu Silvio ao telefone?

— Sim, o senhor o conhece?

— Ele é meu sogro, você está construindo a nova empresa dele?

— Sim, que mundo pequeno, hein?

— É verdade.

— Então você fundou uma ONG e precisa de doação. — Ele era bem direto, e queria uma resposta bem clara.

— Sim, é uma ONG séria, temos dois anos e meio de existência. Nós trabalhamos com todo tipo de deficientes, oferecemos cursos, fisioterapia, se o senhor quiser, eu tenho até alguns

documentos aqui – disse, mexendo em sua pasta.

— Não precisa, de quanto você precisa? – Tal generosidade era incomum.

— Quanto, eu não sei, o quanto o senhor quiser dar.

— O que você quer fazer?

— Várias coisas, mas de início eu precisava de uma piscina para fisioterapia na água, sabe?

— Sim, eu sei, mas quanto custa isso?

— Desculpe, mas eu não costumo pedir um valor para doação, não quero me aproveitar da sua boa vontade, doe o quanto quiser.

— Mas você me pegou de calça curta, estou sem dinheiro hoje, eu até gostaria de ir até a ONG, mas tenho pouco tempo.

— Eu posso voltar outro dia.

— Pode voltar amanhã mesmo.

— Obrigado... — falou, observando-o atentamente. — Acho que te conheço de algum lugar.

— Eu não estou me lembrado de você.

— Acho que o confundi com alguém então, mas já vou indo, obrigado, até amanhã.

— De nada, até — ele lhe estendeu a mão novamente.

Pedro o cumprimentou e foi embora, mas sua memória não podia estar errada, ele era um bom fisionomista, mas não conseguia se lembrar quem podia ser.

Entrou no carro ainda pensativo:

“Quem pode ser? Eu sei que já vi esse cara, mas onde?”

Ao chegar à casa, Adriana o recebeu no portão, ela o abriu e, quando Pedro estacionou o veículo e desceu, ela o beijou carinhosamente num abraço de quem estava ansiosa.

— E aí, amor, deu tudo certo lá?

— Sim, foi melhor do que eu esperava.

— Ele doou quanto?

— Nada ainda, vou voltar amanhã, ele se preocupa com os deficientes, a empresa é toda adaptada.

— Que bom! Então podemos sair?

Não era dia de curso na ONG, agora que não tinha mais escolta, ela queria aproveitar, fazia tempo que eles não saíam juntos.

— Sim, vamos jantar fora.

— Então eu vou me arrumar.

— Então, vamos tomar café da manhã fora – falou, sorrindo.

— Engraçadinho, não demoro tanto assim.

— Ah não, se você estivesse grávida de um mês, ia acabar de se arrumar parindo.

— E se eu estiver grávida? – disse, com cara de malandra.

— Não pode ser – ele olhou bem nos seus olhos.

— Te peguei – ela sorriu. – Vamos tomar banho.

— Eu vou depois, tenho que ver umas coisas.

Pedro não tinha que ver nada, só estava disfarçando, ele não tinha dinheiro, pelo menos não o bastante para estar à altura dela, isso o incomodava um pouco, mas seria à maneira dele. Então pensou um pouco no que fazer e foi, tomou uma atitude em relação a isso e foi tomar banho.

Realmente ela se demorava no banho, ele já estava se arrumando e ela tinha acabado de sair do banheiro.

— Já está arrumado?

— Sim, não está vendo? – ele falou brincando.

— Espera um pouco que eu já me arrumo.

— Então vou tirar um cochilo, depois me acorda.

— Palhaço, onde vamos? – disse, escolhendo um vestido em frente ao guarda-roupa.

— É surpresa.

— Então, pensou em um lugar? – ela olhou para ele, curiosa. – Onde é?

— É perto daqui.

— Não vai dizer? – Seu olhar era ansioso, nem pensava mais no que vestir.

— Não, é surpresa, põe logo esse vestido – ele estava impaciente, mas não foi grosseiro.

— Qual? – ela estava indecisa, seu guarda-roupa parecia uma loja com coleção de outono, inverno, verão e primavera, de forma compactada.

— Vou esperar lá fora, vou fechando a casa.

Pedro não tinha paciência para essas coisas, estava esperando-a na porta

de entrada da casa, até que ela saiu do quarto.

— Então como estou?

— Onde você pensa que vai assim? Parece um lustre! – Ela vestia um vestido com um pouco de brilho, brincos com brilhantes pendurados, um colar semelhante.

Ela deu risada, já não se vestia mais para estar na moda, ou chamar atenção e atrair algum comentário que lhe agradasse, queria estar bonita para ela mesma, lembrou-se de uns dois anos atrás em que um comentário como esse lhe faria trocar de roupa, mas Pedro era debochado, mesmo assim ela perguntou de novo:

— Gostou do salto?

— Acho que vou ficar com torcicolo, olhando para o seu rosto. – Ela deu risada.

— Não sei se dou risada ou te bato.

— Você está linda... vamos?

Era tudo que ela queria ouvir, ela pegou em sua mão e abriu a porta, saiu primeiro, ele veio atrás, e Adriana fechou a porta.

— Vamos no seu carro ou no meu?

— Vamos a pé mesmo, é aqui perto. – Ela estranhou não havia nenhum restaurante por perto.

Eles andaram de mãos dadas até o portão, mas Pedro começou a ir em direção da cancha poliesportiva.

— Espere aí, para onde estamos indo?

Para lá. – Ele apontou para uma mesa que estava no centro da cancha.

— Tem uma mesa na cancha?

— É, vamos jantar.

— Mas a gente não ia jantar fora?

— Então, aqui é fora da casa.

— Você não existe!

Eles foram até a mesa, que estava no meio da grama, com luz de velas, era uma mesa simples de plástico, as cadeiras também; ela, por um momento, perguntou-se como ele a trouxe até ali, mas nada mais nele a surpreendia. Eles se sentaram e Pedro lembrou-a:

— Lembra-se da primeira vez que nos beijamos?

— É claro que lembro! – Ela não se lembrava de um homem ter lhe perguntado isso alguma vez.

— O céu estava estrelado como hoje! – Eles olharam para o céu de estrelas, que inspirava um beijo de cinema como naquele dia, mas foi ainda melhor do que o primeiro beijo.

Depois de alguns beijos e palavras de amor, ela perguntou:

— O que vamos comer?

— Eu pedi pizza.

— Deu tempo de tudo isso?

— Eu disse que você demorava para se arrumar.

Ela riu, dando-lhe uma tapinha no ombro, nesse momento uma moto parou em frente o portão e buzinou.

— Pode entrar – disse Pedro.

A cancha ficava ao lado, próximo ao portão, o entregador de pizza entrou, pensando:

“Dois loucos bem-vestidos para comer pizza ao relento.”

Pedro comia pensativo, Adriana lhe perguntou:

— Está pensando na morte da bezerra?

— Não, no seu Álvaro, dono da construtora.

— Por quê?

— Eu acho que já o conheço, mas não lembro de onde.

— Vai ver você o confundiu com alguém...

Pedro não estava convencido de que fosse apenas isso. Foi dormir com esse pensamento, por isso teve um pesadelo no meio da noite.

Ele jogava bola como antes, perfeitamente, passaram-lhe a bola, ele deu uma pedalada, driblou um, depois outro com um elástico, mais um com um chapéu, matou a bola no peito, quando foi chutar, assustou-se com um barulho de motor, um carro acabara de invadir o campo, ele se assustou sem tempo de fugir, pois o carro vinha em sua direção, mas ele teve tempo de ver o rosto do motorista que lhe espantou ainda mais, o carro o atropelou, jogando-o longe.

— Ah!!! – Pedro acordou gritando e suando no meio da noite.
— O que foi, amor? – Ela pegou em seu rosto de forma carinhosa.
— Foi ele, eu sabia que o conhecia, foi ele.
— Calma, foi só um pesadelo.
— Não, foi o Álvaro.
— O que ele fez?
— Foi ele que me atropelou e me deixou assim!
— Você tem certeza?
— É claro, eu não esqueceria aquele filho da mãe! – Pedro estava pegando o cabo de vassoura para acender a luz. – Antes de ser atropelado, eu vi o motorista, era ele, eu tenho certeza – ele estava se levantando.
— Onde vai?
— Vou pensar, agora aquele desgraçado fica pousando de bom moço. – Pedro se colocou na cadeira de rodas do lado da cama.
— Vai ver ele se arrependeu, Pedro...
— Não quero saber, ele me deve satisfação, se ele se esqueceu, eu não. Cinco anos tendo que me conformar de que teria que abandonar meu sonho.
— Você já superou, é feliz, deixe isso para lá – ela não estava gostando do ódio que via em seus olhos.
— Não, você teve justiça, deixe eu ter a minha.
— O que você vai fazer?
— Vou pensar, quando amanhecer vou falar com ele.

Pedro saiu do quarto, só pensava em falar com Álvaro, será que realmente ele não sabia quem era Pedro? Se ele não se lembrava dele, pelo menos tinha consciência do acidente, daquilo que fez, talvez isso explicasse a acessibilidade da sua empresa; porém, se ele se lembrava do acidente, depois de sair do estado de coma, por que nunca procurou Pedro? Será que agora queria se redimir fazendo uma doação para a ONG?

Essas dúvidas não saíam de sua cabeça, ele estava inquieto, nervoso e foi tomar um banho para se acalmar um pouco e pensar, debaixo do chuveiro, o que poderia fazer. Na primeira vez que foi falar com ele sobre o acidente foi no hospital, mas ele estava em coma, Pedro nem pode fazer visita, não permitiram, devido ao seu nervosismo, e por Álvaro estar em coma não adiantava nada ele querer conversar. Pedro voltou um tempo depois, mas ele já tinha recebido alta e, sabendo da brandura da pena aplicada para quem dirige alcoolizado e atropela alguém, Pedro deixou por isso mesmo e nunca

mais o viu até hoje. Mas de hoje não passaria, ele teria que se explicar.

Ainda eram três e meia da manhã, a calmaria da rua não parecia em nada com a mente e o coração de Pedro, que dirigia por ela, ainda era cedo, mas ele não conseguiria dormir mesmo, então decidiu dar uma volta, para depois ir até a empresa de Álvaro.

Já eram sete e meia da manhã, Pedro já tinha dirigido e parado várias vezes, inquieto, com os olhos vermelhos e olheiras, olhando as linhas pintadas na rua, que seguiam retas para seu destino, assim como ele cinco anos atrás, até que veio uma curva e mudou completamente sua direção.

Seu celular tocou, era Adriana, ele não queria atender, mas ela não tinha nada a ver com seu problema, então, depois de ouvir três toques, atendeu.

— Fala, Adri.

— Onde você está?

— Estou indo para a construtora.

— Mas e o trabalho? Por que não vai depois?

— Dane-se o trabalho, não vou deixar para depois.

— Há quanto tempo está dirigindo? – ela não dormiu bem, preocupada com ele, quando viu que a garagem estava vazia, preocupou-se ainda mais.

— Sei lá, faz horas.

— É perigoso, você não dormiu.

— Desculpe, Adri... mas não estou preocupado com isso. Eu te amo, tá? Preciso fazer isso... um beijo, tchau.

— Tchau... — Ela não estava nada calma, pensou em ir atrás dele, mas já havia percebido que Pedro gostava de resolver sozinho seus problemas.

Meia hora se passou, já eram oito horas, a empresa estava abrindo, Álvaro já estava em seu escritório. Pedro estava estacionando seu carro em frente à construtora, a essa hora estava livre, ao contrário do dia anterior, na parte da noite.

Ele foi entrando na empresa, que mal acabara de abrir, o recepcionista ainda estava arrumando o seu local de trabalho, Pedro foi indo direto para a sala de Álvaro, quando estava próximo da porta, ouviu a voz:

— Ei, senhor, não pode entrar aí sem permissão! – Havia um aviso na porta: entrada restrita.

Mas ele não deu ouvidos e foi entrando, o secretário entrou atrás, dizendo:

— Senhor, eu disse que ele não poderia entrar.

— Preciso muito falar com ele – Álvaro viu em seus olhos que a coisa era séria.

— Tudo bem, deixe ele, pode sair. — O funcionário saiu e ele continuou falando, enquanto Pedro se aproximava. — Não esperava o senhor tão cedo, o que aconteceu?

— Você causou esse acidente? — Ele jogou um jornal sobre a mesa, com cheiro de mofo por estar guardado por cinco anos.

Álvaro leu com atenção, reconhecendo o seu carro batido, com a frente toda amassada, na foto do jornal.

— Sim, era eu que dirigia, mas eu estava...

— Bêbado! Seu irresponsável!

— Eu não estou entendendo, eu não me lembro do acidente, fiquei em coma e depois...

— Mas eu lembro bem, você me deixou aleijado!

— Me desculpe, não tinha a intenção, eu sei como o senhor se sente, não é fácil, tudo muda, no início é sofrido e...

— Você não sabe! Não está como eu! — Pedro estava muito irritado, acabara de bater na mesa de mão fechada.

Foi quando Álvaro o surpreendeu, saindo da mesa, mas sem se levantar.

— Sim, eu sou como você. — Ele estava de cadeira de rodas, tinha ficado paralítico.

Pedro não sabia o que dizer, não pôde ver sua deficiência, pois ele usava uma almofada alta por trás das costas, revestida de couro, fazendo com que sua cadeira de rodas, atrás da mesa, que cobria suas pernas, parecesse uma cadeira de escritório.

— Você também ficou aleijado! — Isso não diminuía seu mau ato, mas chocava Pedro.

Ele agora entendia o motivo da acessibilidade da empresa, por que ele se mostrou tão caridoso para com a ONG. Agora tudo fazia sentido.

Depois do acidente, Álvaro até pensou em procurar Pedro, mas teve

medo de encará-lo, ainda mais depois de ter sentido na pele a dor de ser um paraplégico, de ter que mudar totalmente sua vida, a dificuldade de adaptação, a dor, o desânimo no início de recuperação, que só é superada com o tempo, isso com dificuldade, tentando enxergar o que sobrou de positivo, uma razão para continuar vivendo, tem que ser forte, para poder aprender com a dor, para poder crescer de espírito, pois sem esse conforto interior fica ainda mais difícil.

Depois do ocorrido, ele havia mudado sua má conduta no trânsito. Não bebia mais antes de dirigir, respeitava os limites de velocidade, pena que foi preciso um acidente grave para ambos para isso acontecer. Infelizmente a maioria das pessoas é assim, só se arrependem depois dos excessos e das perdas.

— Eu pensei em procurá-lo depois que recebi alta do hospital, mas tive medo, imaginei-me algumas vezes no seu lugar, e acho que teria a mesma reação que você está tendo agora.

— Eu fui ao hospital duas vezes; na primeira vez, você estava em coma, na segunda, você já tinha ido embora.

— Por que você não deu queixa?

— Achei que, pela pena, não valeria a pena, depois pensei que, superando, ia esquecer a raiva que senti, mas, quando te vi outra vez e lembrei, senti ódio. — Pedro ainda o encarava, mas estava um pouco mais calmo.

— Me perdoe, por favor, eu me arrependi e... — ele não conseguiu continuar, seu pranto não deixou.

— Depois do que aconteceu com você, eu imagino que se arrependeu, eu te perdoo.

Movendo sua cadeira para a direção de Pedro, ele ficou ao lado dele e ergueu os braços para abraçá-lo. Depois Álvaro ainda disse:

— Pelo menos eu não dirijo mais alcoolizado, tenho mais educação no trânsito.

— Pena que precisou acontecer isso para você mudar.

— Mas a gente pode se encontrar mais tarde, eu quero fazer uma visita à ONG, e sobre a doação...

— Não posso aceitar uma doação como pedido de desculpas.

— Mas antes eu não sabia quem você era e já ia doar. — Seu olhar era

comovente, a culpa o perturbou por todos aqueles anos, mas o medo o segurava, e agora ele se sentia aliviado.

— Está bem, pode ir lá se quiser mais tarde.

— Qual é o endereço?

Pedro lhe deu o endereço e se despediu, com a promessa de que Álvaro faria uma visita e eles poderiam até ser amigos, seu arrependimento mudou tudo. Depois, mesmo emocionado, Pedro ainda foi trabalhar, estava atrasado, mas ele foi sincero e o patrão entendeu.

Pedro, depois do expediente, foi correndo para casa contar para Adriana o que aconteceu, ela ficou chocada com o fato de ele ser parálítico:

— Nossa, ele também ficou parálítico!

— É, mas eu sou paraplégico.

— Qual é a diferença?

— Tenho paralisia da cintura para baixo, e ele só das pernas.

— Mas você não parece mais irritado com ele...

— Ele se arrependeu e eu resolvi perdoá-lo, ele prometeu vir aqui mais tarde, para visitar e fazer uma doação.

— Que bom que tudo deu certo! Eu fiquei preocupada.

Não demorou muito, Álvaro apareceu. Gostou muito do que viu na ONG, os alunos que ali estavam ficaram comovidos com a história dele e de Pedro. Ele acabou fazendo amizade com todos e depois, antes de ir embora, resolveu fazer sua doação. Pedro não esperava tanto, eram dois milhões, agradeceu muito e agora poderia imaginar e começar a concretizar seus projetos. Entre eles, o sonho de Koké, que estava ali presente, mas acabou se distraindo com um noticiário que falava de Angola, sua terra natal. Estava com saudade, não pensava mais em voltar a morar lá, já havia se acostumado a morar no Brasil, ainda mais com família para sustentar, mas viajar, só de passagem por Angola, estava entre seus planos, ainda mais agora que a guerra já havia acabado.

Em meio a esse pensamento nostálgico de Koké, Pedro lhe deu uma notícia:

— Koké, tenho uma ótima notícia para você!

— Ah é, qual?

— Lembra-se daquela sua ideia de adestrar cães guias no Brasil?

- Sim, é claro!
- Agora temos dinheiro para começar a pensar no assunto.
- Que ótimo! Mas quem doou?
- O Álvaro.

Havia outro sonho a ser realizado, mais uma vez não era o seu, não era sua dificuldade, ele já tinha as dele, então por que se preocupar tanto com os deficientes daquela ONG? Ele já não tinha feito tanto por eles?

Mas em primeiro lugar quem recebia era ele, ajudá-los lhe fazia um bem enorme, ele os considerava como irmãos. Uma irmã precisava de ajuda: era Lúcia, que esperava havia alguns anos por um implante coclear, sua espera era pelo SUS, pois a cirurgia particular era muito cara, custava cerca de 50 mil dólares.

A cirurgia de implante coclear não é nada simples, pode haver riscos e é irreversível. Nessa cirurgia, um equipamento eletrônico é implantado na cóclea, parte da orelha que parece um caracol, também chamado de labirinto. Esse equipamento é computadorizado e substitui totalmente o ouvido da pessoa que tem surdez profunda. Ele é composto da seguinte forma: eletrodos são colocados dentro da cóclea, que se liga a uma antena externa, que fica acima da orelha. Funciona como um microfone.

Fazia algum tempo que Lúcia tinha esse sonho de fazer esse implante, agora Pedro tinha o dinheiro necessário. Ele a viu e logo foi contar para ela:

- Lúcia, preciso falar com você — ele falou gesticulando em libras.
- O que foi? — Ela nem imaginava o porquê daquele sorriso dele.
- Sabe aquela cirurgia que você queria fazer?
- Eu já estou desistindo, já demorou muito. — Seu desânimo ao tocar no assunto era nítido.
- A demora acabou!
- Como assim?
- Eu consegui o dinheiro, o Álvaro doou, você pode fazer a cirurgia particular!
- Não acredito! — Ela o abraçou eufórica.

Lúcia era surda de nascença, claro que, devido ao tempo de deficiência (catorze anos), ela já tinha se acostumado. Mas diferentemente dos surdos

que perderam a audição em algum momento da vida, ela não falava, isso dificultava as coisas, comparada a eles, ela não tinha saudade de ouvir, mas via a facilidade de comunicação dos outros e como o mundo da comunicação era padronizado para eles. Por isso seus olhos brilharam quando ela soube da cirurgia de implante coclear. Era um sonho, não precisaria mais ler lábios, o esforço para falar certas palavras (que ela havia aprendido com a fonoaudióloga) seria menor. Isso dificultava a sua condição de deficiente auditiva, pois, ao pronunciar algumas palavras, as pessoas não imaginavam que ela fosse surda, é comum que a maioria das pessoas pense que os surdos não falam, o que é um equívoco, ainda mais para aqueles que tiveram a deficiência depois de adultos, por isso falam normalmente e as pessoas nem desconfiam da sua deficiência. Ao contrário de Lúcia, que ainda estava aprendendo, há surdos-mudos de nascença que, depois de alguns anos de aula, conseguem falar fluentemente.

Mas agora ela poderia começar uma nova vida, não que fosse infeliz, ela soube “ouvir” uma trilha sonora feliz para sua vida, que outras pessoas não podiam ouvir.

Outras necessidades da ONG foram sendo satisfeitas com a doação: a piscina para fisioterapia, o adestramento de cães guias, a terapia de equitação, que contou também com uma ajuda financeira de seu Silvío, já que seria necessária a compra de um outro terreno. Ele fez questão de organizar uma festa para comemorar esses progressos.

Depois que tudo isso fosse resolvido, Pedro prometeu a Adriana que os dois se casariam. Além disso, Adriana e Pedro planejavam adotar a criança que foi deixada na porta deles, como um presente divino. Toda a papelada já estava encaminhada, a criança se chamaria Emília.

A vida sentimental dos dois ia bem, Pedro tinha certo receio com o casamento, mas os dois já moravam juntos, não seria perfeito, é claro, algumas brigas eram inevitáveis, mas, quando terminavam na cama, pareciam não ter a menor importância.

Enrique já estava namorando Cristina e, pela primeira vez, teve de admitir que amava uma mulher. Cristina, por sua vez, não imaginava que se sentiria amada, ou pudesse amar outro homem, depois de

ter vivido como prostituta por obrigação, no tráfico de mulheres. Outra surpresa foi ter reencontrado sua família.

E assim todos foram vivendo, com problemas normais em suas vidas, com novos acontecimentos e coisas do cotidiano, mas vendo na dor e no amor um motivo para seguir em frente sem esmorecer.